

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

ANO I

Nº 6

ATLANTIDA

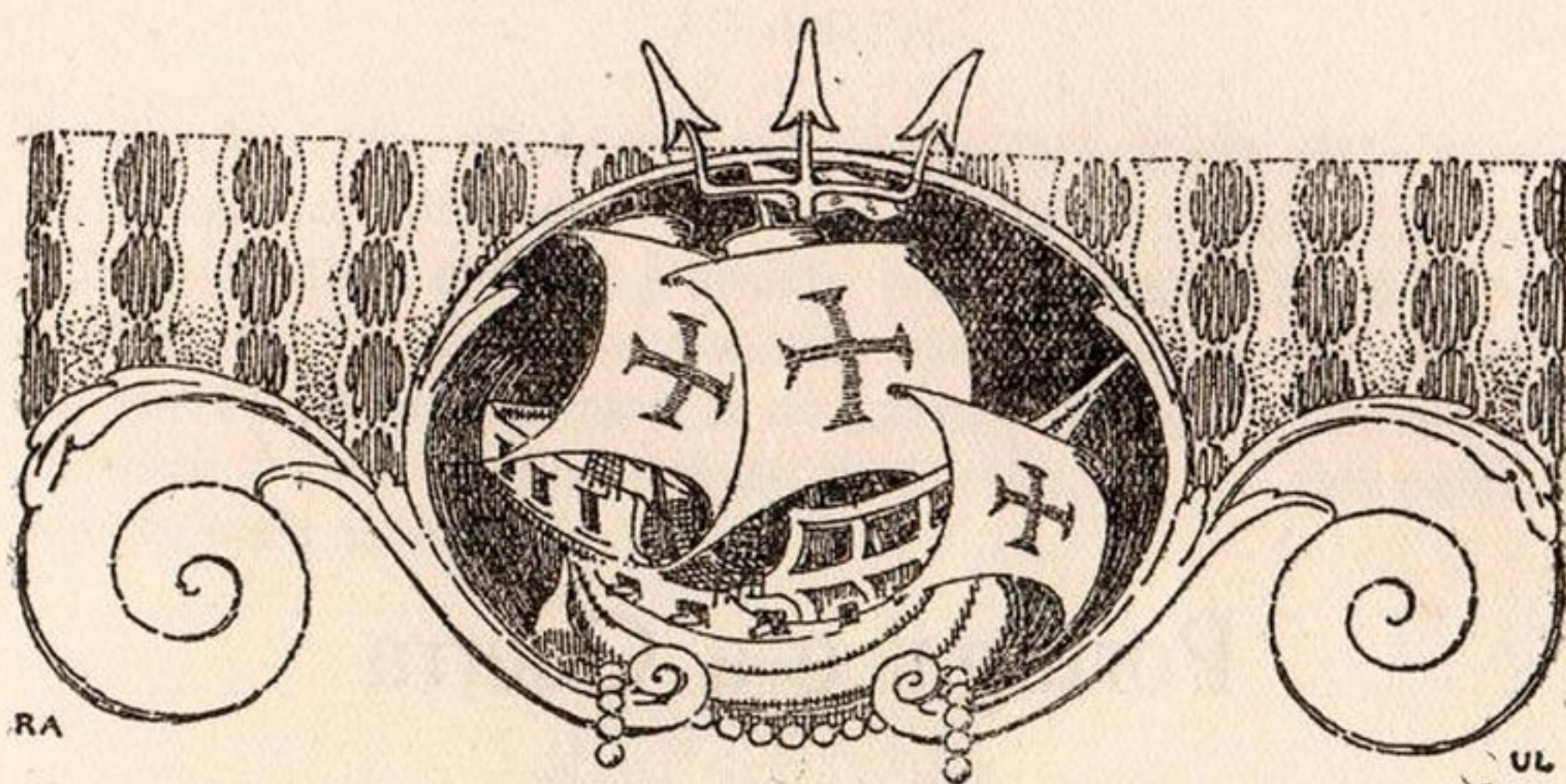
MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.^{AS}
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL

ATLANTIDA

MEMÓRIAS HISTÓRICAS
LITTERARIAS E SOCIAES
PARA
PORTUGAL E BRASIL

EDITADO POR ALBERTO FERREIRA
COM O AUXILIO DE ALGUNS COLLEGAS
DE BRASIL
EM PORTUGAL



Olavo Bilac

Olavo Bilac, o mestre admiravel do lyrismo brasileiro, o patriota insigne, o apostolo d'um maior ideal nacional para o seu paiz, passou em Lisboa alguns dias, de regresso para o Rio de Janeiro. A população de Lisboa — desde o Presidente da Republica até ao povo humilde, desde as individualidades mais celebres até aos mais ignorados admiradores do seu nome e da sua obra, — fez-lhe uma recepção enthusiasica, digna do grande Poeta e da Nação que elle, aos olhos de todos, representa com supremo brilho.

Guerra Junqueiro, o poeta maximo da «Patria», apresentou-o ao publico de Lisboa na conferencia que Bilac realisou: — e as suas palavras foram a consagração da obra extraordinaria do grande brasileiro, sendo tambem a glorificação da Raça immortal que além e aquem-Atlantico floresce em genio, em energia creadora, em beleza e em civismo.

Abrindo este numero da *Atlantida* com o seu nome, queremos apenas associar-nos ás manifestações dadas em sua honra, manifestações que mais adiante relataremos minuciosamente. Bilac deve ter partido contente de Portugal: — se a sua figura prestigiosa merecia ainda maiores homenagens do que todas aquellas que lhe prestaram, nenhuma d'essas homenagens, porém, deixou de ser absolutamente sincera e comovidamente vibrante. A *Atlantida* orgulha-se com este facto, prova irrefragavel de que se torna cada vez mais pequena, para as almas e para as inteligencias, a immensa distancia que só materialmente separa o Brasil de Portugal.

Portugal e a Guerra

UMA CONVERSA COM O DR. AUGUSTO SOARES,
MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS.

Ha certos homens que realisam a sua vida como se creassem uma obra de arte. A força, que nos outros ganha aspectos de mando excessivo, de violencia e, porventura, de rudeza — é sempre neles serenidade e ritmo. Em face dos acontecimentos e das circumstancias, por muito graves ou desagradaveis que sejam, guardam a mesma attitude calma de quem possui o segredo de desfazer atritos e de moldar os factos á sua harmonia interior. A realidade da existencia dá-nos a impressão de lhes ser tão docil como nos parece que é docil ao artista a materia da sua arte — palavra ou som, mármore ou côr. Todas as torturas de pensamento, todas as dificuldades de dominio, todas as resistencias inevitaveis dos homens e do meio — não deixam vestigio aparente na sua convivencia. Sorriem á vida, como o escultor sorri ao bloco de pedra em que vai imprimir, na voluptia suprema de plasticisar o intimo sonho, as aspirações da sua alma e as visões do seu espirito creador. E, no entanto, a vida é-lhes afan, energia e fadiga; esforço constante e paixão secreta. Não passam nela como *diletantes*, mas como trabalhadores sem tréguas. Simplesmente, subordinam a uma necessidade invencivel de elegancia moral e de distincção todos os sentimentos que os agitam, todas as inquietações que os perturbam, todas as amarguras que os pungem. Daí, a seducção permanente que dêles irradia.

A esta espécie — rarissima — de homens de acção pertence o actual Ministro dos Negocios Estrangeiros, dr. Augusto Soares. Só conheci outro homem que possa comparar-se-lhe: Luiz de Souza Dantas, Ministro do Brazil na Argentina, a quem D'An-

nunzio chamou «*ambasciatore della Grazie*». Moço ainda, tendo viajado muito, habituado a uma vida larga e inteligente, com uma cultura mental e artística profunda, o dr. Augusto Soares inspira imediatamente a mais viva simpatia, apesar de uma reserva natural que chega quasi a parecer *dandismo*. Nunca o vi irritado ou nervoso. E' sempre um perfeito *gentleman*, no que esta palavra tem de mais elevado e sério.



Patriota, o seu patriotismo é vibrante, mas reflectido. A sua ponderação, o seu tacto politico, o seu conhecimento dos homens fazem d'ele um dos maiores estadistas da Republica, honra do seu partido e das instituições. Por isso é calmo, por isso é forte.

Durante o tempo em que se desenrolaram as negociações com a Alemanha — negociações de que devia resultar a declaração da guerra — varias vezes o encontrei e lhe falei. Ele foi o maior responsável do caminho que elas seguiam, e soube conduzi-las com um superior criterio de diplomata e de português. Pois bem: — nunca a sua fisionomia traía as preocupações que certamente

o assediavam. Falou-me da «*Atlantida*» com o habitual carinho; interessou-se pelo nosso progresso e pela nossa orientação; disse-me mais uma vez as palavras de incentivo e imerecido aplauso que a nossa revista lhe merece; e levemente criticou um ou outro artigo. Eu tentava, confesso, obter qualquer informe sobre os boatos que já corriam Lisboa a proposito das então presumidas exigencias da Alemanha. Não foi possível... Um sorriso de bondade um pouco sética, de ironia um pouco distante, respondia ás minhas perguntas, iludia-as ou afastava-as.

Foi tambem sorrindo, mas com um sorriso mais limpido, que o dr. Augusto Soares me recebeu hontem no seu gabinete de Ministro, amavelmente disposto a dizer á «*Atlantida*», dentro das naturais reservas diplomáticas, o que a «*Atlantida*» quer repetir aos seus leitores — da situação internacional do País em face da declaração de guerra.

As minhas primeiras palavras foram de felicitação pelo facto de estar, emfim, definida a attitude de Portugal, com honra e com indiscutivel dignidade; e ainda porque reconhecia na marcha dos acontecimentos a orientação admiravel que em fevereiro de 1915 o dr. Augusto Soares me dissera ser a sua em face da nossa politica externa, orientação que eu expuzera logo para o Brazil, em dois artigos publicados na «*Gazeta de Noticias*».

O Ministro, porém, recusa-se a receber felicitações pela victoria de uma orientação que — declara — pertence ao governo inteiro e ao Presidente da Republica, e não é senão o triunfo absoluto da aspiração colectiva do povo portuguez que, desde o principio do conflito, desejava colocar-se abertamente ao lado dos aliados, mantendo tambem todos os compromissos resultantes da aliança ingleza.

— Realizando essa aspiração, continúa o Ministro, o governo cuidára sempre em que ela não trouxesse a menor possibilidade de perigo, mas antes estabilidade e brilho á Patria e ao regimen. Esse foi o seu grande esforço, mas esforço de que todos partilhámos e de que ao presidente do Ministerio, o grande estadista dr. Afonso Costa, cabe a responsabilidade magnifica... Nem de outro modo podia ser. De resto, numa hora de nobre anciedade, como esta, não se descriminam possiveis merecimentos — aceita-se apenas a quota parte de trabalho e dedicação que a todos pertence.

Não me pertencia contradizer estas belas palavras, de tão patriótica isenção.

Assim, pedi logo ao Ministro que me elucidasse sobre duas ou

tres passagens, para mim obscuras, da nota alemã. O governo prussiano afirma, por exemplo, que o nosso governo consentiu a passagem das tropas inglezas por Moçambique; e alguns portugueses, mais politiqueros do que patriotas, dizem que foi esse um erro gravissimo. Como desmenti-los?

— E' certo, elucida o Ministro, que foi realmente permitida essa passagem de tropas. Mas é tambem certo que, desde o inicio do conflicto, o governo português, então presidido pelo politico notabilissimo que é o dr. Bernardino Machado, declarára «com o aplauso unanime do Parlamento, que em circumstancia alguma faltariamos aos deveres de aliança que livremente contraímos com a Inglaterra». E mais tarde, em 23 de novembro, com o mesmo entusiastico aplauso do Parlamento, o governo «assegurou o firme propósito de manter até aos ultimos sacrificios a solidariedade secular entre Portugal e a Inglaterra, base imprescindivel da nossa progressiva valorisação mundial». A Alemanha não tinha, pois, razão nenhuma em reclamar! Quanto ás criticas portuguesas, eu só me lembro que, durante a guerra dos Boers, o Governo Português permitiu a passagem de tropas inglezas pelo nosso território africano, o que valeu de Clémenceau um formidavel ataque no seu jornal contra o rei D. Carlos. E nessa ocasião tratava-se de tropas destinadas a combater um pequeno país, e sem que nenhum risco nos pudesse advir de tal facto, o que não sucede agora! Não, meu amigo, a attitude do governo português foi sempre leal e correctissima. E clara! Nada de subterfugios, de mentiras ou de hesitações...

— Mas o ministro alemão emprega na sua nota um argumento que tem impressionado de grande os poucos germanófilos lusitanos, observei. E' quando afirma: «Canhões e material de guerra de diferentes espécies foram vendidos ás potencias da Entente e além disso à Inglaterra um destruidor de torpedeiros».

— O intuito da Alemanha, responde com ligeira ironia o dr. Augusto Soares, é claro. Quiz diminuir-nos. Pretendeu vexar-nos. Se, efectivamente, tivéssemos *vendido* esse material de guerra o ataque era certo. E sabe? O general Pimenta de Castro sustenta no seu folhêto que cometêmos um erro *não o vendendo*... Mas a verdade é que Portugal *nunca vendeu* material de guerra, nem canhões ás potencias. Deu-os. Podem taxar esse acto de sentimentalismo exagerado. Talvez o fosse! Mas procedeu dum sentimento tão leal e tão puro que não ha motivo para o não confessar,

orgulhosamente. A nossa causa foi, desde a primeira hora, a causa dos aliados. A isso nos impelia a nossa consciencia de latinos. Porquê e para quê, tentar desvirtuar ou diminuir o valor dum acto que nem precisa de justificação para surgir aos olhos de todos com a verdadeira beleza?

«A nota alemã, porém, não procura senão amesquinhar-nos, apesar de ninguem poder ignorar a simpatia carinhosa e ardente que todo o povo portuguez sentia e sente cada vez mais pela França e pela Inglaterra. E' uma infantilidade querer fazer entender o contrario. Não se refere ela tambem á nossa *vassalagem* para com a Inglaterra? Com que fundamento? Com que direito? O snr. Brito Camacho, de resto, deu a esta accusação a melhor resposta: «Vassallos não, escravos... mas escravos do nosso dever». E como vem falar-nos de vassalagem uma nação que tem por amiga a Austria, que só como vassala da Alemanha se portou comnosco? A esse respeito é muito interessante a entrevista do nosso ex-ministro em Berlim, publicada no «Matin». Já leu?

Já conhecia essa entrevista que é, realmente, interessantissima pela sua lucidez e pela precisão de informações que nos dá. O dr. Sidónio Pais, que é uma alta intelligencia, fornece-nos nela uma visão justissima da psicologia germanica. Mas eu queria ainda obter um ultimo comentario á prósa do dr. Rosen. Por isso insisti:

— Leio ainda na nota alemã o seguinte: «O Governo Portuguez nem sequer fez a tentativa de se entender, quer directamente, quer por intermedio do Governo Alemão, com as Companhias de Navegação. Desta forma apresenta-se todo o procedimento do Governo Portuguez como uma grave violação do Direito e do Tratado». Com que possivel verdade fala desta maneira o Governo do Imperio?

— Estes dois periodos são apenas uma queixa — uma queixa pela previdencia do Governo Portuguez, que não deu tempo aos tripulantes dos barcos alemães de os inutilisarem por completo. Se nós nos *entendessemos*, como a Alemanha desejaria, com o seu Governo, não ficaria um unico barco em estado de navegar. O *tempo* necessario para realisar esse entendimento — seria aproveitado maravilhosamente pelos nossos inimigos. E, mesmo que tal não succedesse, as demoras inevitaveis em tal género de negociações não permitiriam acudir com brevidade ás nossas dificuldades economicas, razão suprema da requisição dos navios, como sabe, nem prestar aos aliados os serviços que lhes devia-

mos prestar. Veja o que sucedeu com a Espanha: as negociações fracassaram.

«Ah! não, meu amigo — prosegue o ministro com extraordinária segurança — A Alemanha não tem sequer a mais leve sombra de justificação pela sua violencia. Á exposição jurídica do Governo Português — ela, que se dizia o país do Direito, ela, em que viveram e se tornaram célebres tantos juristas de reputação mundial, não respondeu senão com inconveniencias. Nem um argumento juridico contra os nossos argumentos!... É que estes eram irrespondiveis. E tão irrespondiveis os sentiu que recorreu aos insultos. Comprehende-se: «*Tu te faches, donc tu as tort...*» Veja esse argumento da reclamação contra certas palavras do chefe do Partido Evolucionista no Parlamento. Taes palavras nem constam do «*Diario das Sessões*»... não têm existencia official... O que consta, e isso é verdade, é que esse grande patriota e admiravel tribuno fez vibrar toda a Camara, com palavras d'emotionada indignação contra as brutalidades selvagens que os alemães cometiam... E foi isso o que irritou o sr. Rosen...

O Ministro levantou-se. Pela vasta janela do seu gabinete via-se a estatua de D. José, comemorando toda uma época de progresso, de esplendor e de dignidade para a Patria. No Tejo, ao fundo, apareciam alguns dos antigos navios alemães arvorando a bandeira nacional, entre o vôo alegre das gaivotas, que são para nós, portugueses, como as grandes azas da anciedade da gloria... Evoquei o prestigio da India, a gloria das nossas navegações, o nosso passado heroico. Toda a gente nos admirava, nos respeitava então. Começaria agora para Portugal um novo periodo de grandeza? Teriamos de novo alcançado o respeito do mundo? Tão forte é o meu desejo de que assim aconteça, que perguntei a mêdo:

— E julga V. Ex.^a que resultarão grandes vantagens para Portugal desta situação, aliás tão nitida e tão digna?

Quasi solenemente, com uma profunda emoção que o olhar e a voz traíam, o dr. Augusto Soares só nos respondeu:

— Estou persuadido de que, durante um século, pelo menos, garantimos a nossa situação internacional. Firmemente o creio. Sinceramente o afirmo.

Consoladoras palavras! Depois delas podíamos partir com a alma tranquila, com o espirito repouzado. Que importavam todas as consequencias terriveis duma guerra — se ela só nos poderia levar á glorificação do nome português? Precisamente esta

ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRAZIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETARIO : Elisio de Campos — EDITOR : Pedro Bordallo Pinheiro

N.º 6

15 de Abril de 1916

SUMARIO

Olavo Bilac

Portugal e a Guerra — Opinião do Sr. Ministro dos Extranjeros } João de Barros

O Estadista Brasileiro Rodrigues Alves João do Rio

Dante Afonso Lopes d'Almeida

Lusitania Mario Beirão

Maria Brandoa a do Crisfal A. Braancamp Freire

Ao Sol e a Chuva (Fagundes em Suente) Teixeira de Queiroz

A um Poeta Olavo Bilac

Camões em Coimbra Afonso Lopes Vieira

NOTICIAS & COMENTARIOS

Bilac em Lisboa

REVISTA DO MEZ

Desenhos de Antonio Carneiro, Raul Lino, Alberto de Sousa, Christiano de Carvalho, e *reportagem fotografica* de J. Benoliel.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS

Um anno (12 numeros) 2\$80

Seis mezes 1\$50

PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno (12 numeros) Frs. 15

Numero avulso em Portugal \$25

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 — LISBOA

lembrança obriga-me ainda a uma indiscreção, e quiz saber do Ministro que consequencias immediatas adviriam para nós da nossa entrada no conflito. Batalhariamos na frente franceza, junto dos nossos aliados? Enviariamos alguma expedição á Africa?

O Ministro não sabia, não queria responder... Apenas garantiu que, desde o Governo José de Castro, a nossa preparação para a guerra se intensificára extraordinariamente, sob a direcção energica e disciplinada do Ministro Norton de Mattos.

— Não fugiremos nunca a nenhum sacrificio que nos pedirem, ou que fôr preciso. Nunca! De resto, supponho ser êste o sentimento de todo o País...

— Em todo o País, daquêm e alêm Atlantico, observei. Não passaram decerto despercebidas a V. Ex.^a as manifestações dos nossos patricios no Brazil. E mesmo as do povo brasileiro, tão entusiásticas...

— Generosas manifestações, sem duvida. E que sobretudo significam a existencia duma idêntica aspiração de raça entre os dois povos.

Neste momento, o secretario do dr. Augusto Soares — o meu amigo Eugenio Santos Tavares — entrou para anunciar o snr. Carnegie. Despedi-me, com profundo reconhecimento. Mas não pude conter-me que não perguntasse ainda, já no limiar da porta:

— Perdôe-me V. Ex.^a, Snr. Ministro, uma derradeira pergunta: Será verdade, como ouvi dizer, que o Ministro de Inglaterra veio expressamente aqui para declarar a V. Ex.^a que a requisição dos navios alemães, não só pelo acto em si, como pela maneira porque foi executada, concorrera de modo decisivo para a consolidação da Republica, tanto interna, como externamente?

A minha pergunta ficou sem resposta. O snr. Carnegie entrava. E foi com um leve aceno de cabeça que o dr. Augusto Soares ainda me disse adeus, sem que eu pudesse perceber se, com esse rápido gesto, queria tambem responder afirmativamente á minha impertinente curiosidade... Isso não importava, no entanto. Porque não era preciso saber mais nada para compreender esta verdade reconfortante: — mais uma vez, e numa hora excecional para a historia da Europa, a Republica dignificára a Patria, erguendo-a no conceito dos povos cultos, enobrecendo-a pela força dum ideal civilizador, consolidando-a pela certeza dum Futuro longo e próspero!

UMA HORA NO PALACIO DOS CAMPOS ELYSEOS

O Estadista Brasileiro

Rodrigues Alves

Noite de chuva. Veiu com o temporal a ventania. No immenso parque dos Campos Elyseos, sob a fixidez branca das lampadas electricas, o ar sensacional das arvores e das plantas sob a chuva. Parece que todas as verduras proclamam o acontecimento, que os tinhorões, as samambaias, os coqueiros minusculos, relvas, troncos, frondes murmuram e discutem um acontecimento espantoso. Na escada de marmore do palacio, um creado espera, alheio ao drama vegetal. Entro. São nove horas da noite. A pequena sala de espera repousa de politicos profissionaes. Só o major Lejeune com um garbo francez mostra os seus galões; e Francisco Rodrigues Alves, filho, deputado, ainda convalescente, olha os cordões d'agua sacudidos no parque, com o ar abstracto dos convalescentes deante da chuva.

Algumas horas em S. Paulo, a capital moral do Brasil, não deixo nunca de faser a visita do respeito e da admiração ao Presidente. Rodrigues Alves, filho, já o sabe.

— Quer ver meu pae?

— Muitas visitas?

— Só, em familia.

Atravessamos algumas salas, damos num vasto hall, onde o conselheiro, depois do jantar, lê os jornaes e conversa com as suas filhas e com os seus intimos. E' impossivel esconder o prazer que me causa o vigor do homem venerando. Elle vae terminar dentro de alguns dias mais um periodo de governo. Aquelle vigor, após uma grave molestia e o trabalho exhaustivo da presidencia, é como a esperança para os que, como eu, respeitam na

figura admiravel o creador do Brasil Novo. Vivo, cheio de scintillação, moderno, o conselheiro começa a falar. As minhas palavras são apenas o motivo para o desenvolvimento das suas observações, dos seus conceitos e eu só o vejo parar quando uma de suas filhas fala e nos seus olhos brilha o encanto paterno de se reviver na intelligencia da filha. A politica na palestra é um comentario philosophico. Conversamos de literatura, de arte, de theatro. O conselheiro lembra-se do passado remoto, lembra-se do presente e lembra-se tambem do futuro. Não sei se falo a um ancião de 1848 ou a um joven cheio de esperanças e de fé. Lá fora chovia torrencialmente. O hall é aconchegado e tépido. Arde uma chamma rara na calentura dos lares.

Então, enquanto a conversa ondeia, varia, zig-zagueia, a ouvir Rodrigues Alves eu penso na acção dessa vida esplendida.

O conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves é um exemplar perfeito da nossa raça. As origens ethnicas trouxeram-lhe a resistencia fisica e a fibra moral. Seu pae morreu quasi centenario em Guaratinguetá. Era portuguez. Sua mãe ainda vive na idade em que a bondade é a cristallisação de uma longa vida de dedicação, d'amor e de nobreza. Rodrigues Alves herdou as virtudes intimas dos seus progenitores. Ellas foram a resistencia nos embates da vida publica, porque nunca numa trajetoria de quasi cincoenta annos de vida publica esse homem deixou de ser o querer consciante, a vontade sem violencia, o excepcional que cumpre o seu dever, sem tergiversar — o patriota.

Da geração magnifica que nos deu Joaquim Nabuco e Rio Branco, já era deputado provincial em 1872, militando na nova corrente conservadora em que se notabilisavam Caio Prado, Almeida Nogueira, outros. Na luta politica rugiam os elementos transformadores da Abolição e da Republica. Os liberaes tornavam-se uma expressão de receio, o meio termo. Os conservadores tiveram mesmo um forte periodo em que foi preciso fazer opposição. Rodrigues Alves tinha o trabalho politico. Mas longe de se esterilisar nesses combates, a sua actividade agia no seio das comissões em questões economicas, como a da tributação fiscal e a da transformação do trabalho. Para o Brasil e principalmente para S. Paulo a abolição dos escravos seria a desorganisação integral, se S. Paulo deante da ameaça dos factos não tivesse creado a *Sociedade Promotora da Immigração*, a substituição do braço negro pelo braço do colono. Um momento foi

preciso mesmo a resistencia organisadora. Rodrigues Alves subiu á presidencia da provincia aos 34 annos. Mas, quando era impossivel resistir mais á onda desorganisadora, renunciou a essa presidencia, recolheu-se conselheiro já, cercado das sympathias geraes.

Os acontecimentos precipitaram-se. A Abolição annunciou a Republica. Feita esta sob o largo regimen federativo, as antigas incompatibilidades de partidos politicos desapareciam. Era preciso reconstruir o Brasil. Em S. Paulo, atalaia do Brasil, o sentimento de construção é uma das expressões de raça. A diferença radical entre os politicos de S. Paulo e os do resto do Brasil é que os do resto do Brasil ou estão sempre no periodo convulsivo da imposição do proprio eu, ou repetem pessoalmente o estado d'alma das republiquetas cahoticas como Nicaragua e dos reinados exóticos como a Grecia. Em S. Paulo, feita a Republica, Campos Salles, republicano historico, foi conferenciar com o conselheiro Antonio Prado sobre a fusão dos elementos politicos para o bem de S. Paulo. O conselheiro Rodrigues Alves em 1890 era deputado federal — uma das figuras que o Brasil devia ouvir. Tambem, dilatando a acção politica, a sua linha foi sempre a do dever. Deputado, o golpe de estado de Deodoro collocou-o na opposição. Ministro da fazenda de Floriano, á prova de tyrania do marechal, exonerou-se, sendo logo eleito senador.

Era chegado o fim do periodo de transformação. S. Paulo ia concertar o Brasil dando-lhe successivamente trez presidentes que o elevaram ao apogeo. Era primeiro presidente eleito Prudente de Moraes, que foi a energia da paz. O conselheiro Rodrigues Alves voltou a ministro da fazenda, exonerou-se na interinidade presidencial do vice-presidente Manoel Victorino, foi senador, presidente de S. Paulo e d'ahi, succedendo a Campos Salles, o consolidador do nosso crédito — presidente da Republica.

O eminente brasileiro falava-me de poetas, de escriptores. Acabara de ler um volume de Antonio Correia de Oliveira e notava o pantheismo mystico já agora definitivo do autor admiravel do «Auto de Junho». E então mostrava as correntes inteiramente diversas da poesia portugueza contemporanea: o philosophismo de Antonio Correia, o saudosismo da *Aguia* e o dyonisismo de João de Barros, enquanto no Brasil os grandes poetas representativos continuavam a ser os da geração de 1885 — Bilac, Al-

berto d'Oliveira, Raymundo Correia. A segurança com que falava de poesia era a mesma falando de prosadores — romancistas, jornalistas. Vivo, agudo, scintillando, fez o elogio de Carlos Mello Dias, e a proposito dos novos jornalistas a sua pergunta era ás vezes curiosa:

— Como é elle? Ainda não o conheço pessoalmente.

Esse interesse pelas coisas de espirito, o conselheiro Rodrigues Alves teve-o sempre. Pode-se dizer que a sua vida, dedicada ao serviço da patria, foi e é um permanente desejo de conhecimento que se transforma em bem do Brasil. Estava a falar dos poetas, dos novos jornalistas como antes falara da nossa situação economica, senhor absoluto dos menores detalhes. E a sua fé no Brasil era ardente.

Insensivelmente lembrei-me do que, Presidente da Republica, aquelle homem fizera. Vinham-me em tropel á mente todos os actos em que se repartiu a acção maravilhosa do quadriennio 1902-1906. O Brasil teve nesse periodo o seu tempo d'ouro. Foi o apogeo, foi a florescencia afirmativa, foi a Terra Nova gritando ao Mundo:

— Eis-me aqui!

O conselheiro Rodrigues Alves realisava o ideal patriotico de fazer a sua terra igual ás melhores; rompia o molde colonial, arejava o paiz, obrigava o Brasil a entrar na corrente universal. E, ao mesmo tempo, por todas as fases, o seu programma era a afirmação moderna do Brasil. Por um prodigio, os politiqueiros das camaras tiveram a fascinação do grande homem, não lhe creando obstaculos a principio. E Rodrigues Alves teve como auxiliares na pasta do exterior o eminente Rio Branco, na pasta da viação o sr. Lauro Muller, na Prefeitura — Pereira Passos.

Rio Branco fez a hegemonia moral do Brasil na America do Sul, ligou os Estados Unidos do Brasil aos Estados Unidos da America do Norte pelos laços mais estreitos, fazendo vir Elihu Root ao Rio de Janeiro e creando a Embaixada em Washington. A obra formidavel do dilatador do nosso territorio teve um tal cunho de autoridade que o seu nome é pronunciado na America como o de Bismarck na Europa. Rio Branco era um Bismarck da paz. E, ao mesmo tempo em que resolvia pendencias antigas com assignaturas de tractados definitivos, ao mesmo tempo que a sua influencia marcava cada acto da politica internacional do nosso continente — Rio Branco tinha Ruy Barbosa na Haya; e nessa

memoravel conferencia garantia ao mundo o direito dos pequenos estados.

Uma atmospheria de altitude, trazida pelo grande brasileiro Rodrigues Alves, fazia ver os problemas com os olhos da elevação e do immediatismo. O Brasil dormira durante todo o imperio. O Brasil acordara na republica para a deploravel tragedia dos «pronunciamentos». Um presidente paulista, Prudente de Moraes, resolvera acabar e acabou com os «pronunciamentos». Outro presidente paulista, Campos Salles, tendo como ministro da fazenda a figura excepcional de Joaquim Murтинho, refizera o nosso credito inexistente quasi após os abalos das revoltas internas. Rodrigues Alves, paulista tambem, teve a missão de crear o Brasil Novo, abrindo-o civilisado ao mundo. Se Rio Branco afirmava a Patria na politica externa, ao influxo de Rodrigues Alves os seus auxiliares transformavam, como nos contos de fadas, o Brasil interior. Foi sob Rodrigues Alves que o sr. Muller executou o seu plano ferro-viario de ligação do paiz interno; foi sob Rodrigues Alves que se fizeram todas as reformas da administração, transformando estabelecimentos lamentaveis em modelares exemplos; foi sob Rodrigues Alves que se fez o caes do porto do Rio de Janeiro, a Avenida Central e a transformação da velha cidade numa das grandes cidades monumentaes do mundo, que é hoje o Rio; foi sob Rodrigues Alves que Oswaldo Cruz acabou com a epidemia da febre amarella.

Os portuguezes nossos irmãos, nossos amigos — reserva de bondade d'alma e de resistencia fisica — os unicos bastante fortes para collaborar na formação do Brasil durante o mal endemico da febre amarella, podem avaliar o que a cessação desse mal, e só ella, proporcionou ao Brasil. As republicas do Prata que assentavam na nossa desidia, a segurança de rapidos progressos e a corrente immigratoria no horror do mal amarello do Brasil — comprehenderam ter cessado na Europa uma das rasões da efficacia da campanha de interesses que dificultava a immigração.

Rodrigues Alves fez tudo isso ao mesmo tempo. Elle comprehendia; elle queria; elle dava mão forte aos homens illustres capazes de realisar o bem. Sem Rodrigues Alves a energia de Pereira Passos não teria transformado a cidade. O Presidente fez o congresso dar ao extraordinario engenheiro poderes dictatoriaes. Sem Rodrigues Alves, Oswaldo Cruz não poderia realisar a sua obra de extincção da febre amarella — gastando descripção-

nariamente e agindo num meio em que a incredulidade idiota era a base da maioria das opiniões.

Mas havia Rodrigues Alves. No seu quadrienio o Brasil floriu, economicamente, financeiramente, materialmente, intellectualmente. Surgiu nelle a ultima geração literaria; surgiram sabios como Oswaldo Cruz, como Juliano Moreira, como Afranio Peixoto; os maiores estadistas poderam dar o seu auxilio prestigiado pela autoridade do Presidente. E, quando espiritos irrequietos por ambição triste pretenderam inaugurar revoltas, Rodrigues Alves, que renunciara ás posições sempre que essas posições podiam contrariar a susceptibilidade do seu character, dessa vez reagiu e, tranquillo em palacio, disse:

— O meu logar é aqui, e d'aqui não saio.

A opinião publica cercava-o. Saiu sim, mas ao terminar o quadriennio, após inaugurar o caes e inaugurar a Avenida, com a estima de todos os brasileiros. Ha, desses actos, photographias. Lembro-me de uma em que se vê o conselheiro, debaixo de chuva, rompendo a fita que vedava o accesso á Avenida. Symbolo! Naquelle gesto Rodrigues Alves exprimia o seu admiravel governo: elle abria ao Brasil uma nova era de civilisação. A Avenida é em tudo o traço de separação entre o Brasil Parado e o Brasil Novo...

Um creado de casaca appareceu a servir café, licores. O Presidente falava agora do nosso desejo de fazer definitivamente a mutua obra de conhecimento entre Brasil e Portugal.

— Nobre esforço. A verdade é que nós conhecemos as forças vivas de Portugal muito mais do que elle as nossas.

— Devo dizer a V. Ex.^a que o seu governo conseguiu em Portugal o espirito de curiosidade pelas nossas coisas...

«Mais atenuado do que nos outros paises, entretanto — quando devia ser o contrario. Estamos muito ligados para não nos conhecermos bem. Os phenomenos politicos de cada paiz repercutem no outro de tal forma, as correntes portuguezas de immigração são tão densas, que só ha a lamentar essa ausencia do intimo conhecimento como prejuizo para ambas as Republicas. Portugal tem moralmente de defender no Brasil a sua projecção magnifica: a raça e a lingua. Mas ha milhares de interesses economicos além d'isso...

— Estamos nós a fazer propaganda!



CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES
Presidente do Estado de S. Paulo

S. Ex.^o riu. A propaganda interessava-o no momento da conflagração européa. E' o grande momento para o Brasil conquistar posições nos mercados mundiaes, incentivar as suas culturas, enriquecer com as forças da terra. Nervoso, de pé, entusiasmado como um joven, o illustre varão dá-nos detalhes, explica-nos leituras, prova com dados e algarismos o grande momento.

Energia entusiastica de patriota! Seria preciso recordar a ultima fase de politica activa desse ancião de mais de setenta annos para admirar-lhe devidamente a mocidade, o arroubo, o impeto d'alma e a viveza do espirito. Rodrigues Alves, após seis annos sem cargo administrativo, assumiu o governo de S. Paulo em 1912, no momento em que o grande Estado necessitava opôr um nome de prestigio mundial ás veleidades de invasão do desastroso e horrendo governo Hermes — a que o Brasil deve todos os males actuaes. O conselheiro não podia ter outro procedimento. Patriota, da projectada vergonha pelo menos evitaria o seu nome a desgraça. Mas o escrupulo, as preocupações, os labores da presidencia logo o absorveram de tal modo que enfermou.

Enfermou para morrer. A sua vida actual é uma resurreição. Diziam-no cada dia morto. Mas, doente assim e assim quasi agonisante, Rodrigues Alves deu á mocidade o forte exemplo da probidade ideal, do sacrificio deante do dever. Até quando podia governar, governou — não por outros mas pela sua vontade. Nenhum acto era realisado sem a sua previa aprovação; nenhum decreto se lavrava sem que d'isso tivesse conhecimento. Eloy Chaves, o joven, energico e brilhante secretario da Justiça, contava-me certa vez cheio de dor e de entusiasmo uma scena que devia estar em Plutarcho.

Era precisa uma decisão urgente sobre um grave assumpto. Eloy Chaves partiu com os papeis para os Campos Elyseos. Ao chegar teve a noticia de que o conselheiro peorara ainda. Oscar Rodrigues Alves, secretario da Presidencia e medico, temia importunar o grande vulto, tinha quasi a certeza de que elle não poderia responder. Mas o respeito era tal e é tal pelo eminente estadista, nos seus filhos e nos seus amigos — que ninguem pensava infringir a sua vontade. Eloy Chaves entrou para o quarto de cama. O conselheiro, abatidissimo, não podia erguer os braços, abrir os olhos. Só uma força mysteriosa conseguiria galvanisal-o. Entretanto, Eloy Chaves ouviu a sua vóz debil:

— Fale!

O secretario da Justiça explicou o assumpto.

— Torne a dizer!

Eloy Chaves repetiu.

— Que pretende fazer?

O chefe da segurança desenvolveu a sua idéa.

— Bem. Faça assim. Escreva um telegramma. Eu ditarei o telegramma.

E a morrer ditou o telegramma que afastava de S. Paulo um grave perigo.

Tambem no dia em que lhe foi impossivel governar, passou o governo ao vice-presidente e só voltou a occupal-o bom, forte, redivivo. Era assim que nós o viamos agora, nessa noite de chuva — tão moço como em 1902. Alguns dias mais e passaria o governo ao seu successor, Altino Arantes, ainda ahi feliz e admiravel, pois S. Paulo, após ter como presidente o esplendor do nome de quem fez o Novo Brasil, terá a dirigil-o em Altino Arantes o brilho da mocidade que se fez pelo talento, pela moral, pela força tenaz do trabalho e da intelligencia.

Erguemo-nos. Eram dez horas da noite. Fóra, a chuva continuava. Sentado na sua *rocking-chair* o Presidente voltara ao commentario malicioso, analysando homens e coisas. A ironia avivava-lhe a fisionomia.

— Nós acreditamos todos, conselheiro, que ao deixar o governo de S. Paulo não abandone o Brasil, mais do que nunca necessitado dos seus serviços.

— Não. Se a saude me ajudar não poderei deixar de me interessar pela administração e pela politica do nosso paiz. Continúo na politica activa. Claro que não desejo cargos de administração. Elles abatem muito. Só as visitas a estabelecimentos e com chuvas, temporaes. . .

E sorria. Evidentemente aquella saude maravilhosa brincava com os receios que entibiam os menos fortes.

— Mas agirá?

— Oh! Interessar-me-ei. Afinal — os seus pequenos olhos fuzilavam ironia e mocidade — eu sou conselheiro. Não poderei deixar de aconselhar sempre que julgar necessario.

Houve em torno um largo riso. Rodrigues Alves estendia a dextra, que com veneração apertei. Sahiu. E como das outras

vezes em que o ouvira, eu me sentia contente, capaz, portador desse estado d'alma que é a esperança certa de ter apoio, de ser compreendida, de ser estimada. O Brasil está aliás assim. O Grande Obreiro resume as suas esperanças. No dizer de um diplomata, o sr. Sylvio Romero filho — «Rodrigues Alves é o maior dos estadistas vivos da nossa terra». Os deuses quizeram que, já immortal por uma obra immorredoura, a saude reconquistasse á morte a figura incomparavel para apontar á patria com o seu conselho de diamante o caminho recto. Nelle todos os olhos, todos os corações, todos os espiritos. Vivemos na certeza do milagre. Deus protege escandalosamente o Brasil. Quando está tudo perdido — surge um bando d'homens inspirados que o salva. Ha dez annos destroem a obra de Rodrigues Alves no que é possivel destruil-a. Vendo-o forte assim e assim decidido, é impossivel deixar de pensar com alegria:

— Elle realisarará ainda um milagre e concertará tudo isto!

JOÃO DO RIO,
da Academia Brasileira de Letras.

Dante

*Ao vento, em turbilhão, os vi do Inferno
Percorrerem as torvas espirais...
No entanto, o olhar de Paulo era mais terno,
Os olhos de Francisca mais ideais.*

*Supliciados, carpindo um mal eterno,
Vi arderem as almas imortais:
Sob a chuva de fogo, o fogo interno
Do amor nos corações queimava mais!*

*No Céu, eu vi da Gloria a luz que ardia
— Clarão de fé — nos olhos do Senhor,
Luz que faria em noite a luz do dia.*

*Mais do que ela, porém, brilhava o Amor,
Mais que o esplendor da Gloria, resplendia
Nos olhos de Beatriz outro esplendor.*

AFONSO LOPES DE ALMEIDA..

Lusitania

*Valles da Lusitania tão sósinhos,
Alumiados da graça do Senhor;
Oh ceus occidentaes, — jardins em flôr
Enlaçando roseiras sem espinhos!*

*Ermidas onde ajoelham pobresinhos
Sorrindo, como Christo, á propria dôr;
Planicies marasmadas de torpôr
Onde se escutam vagos murmurinhos!*

*Por ti, meu pensamento é mais profundo
E o meu canto mais alto se alevanta,
Oh Lusitania, coração do Mundo!*

*O mar ergue o teu nome em seus delirios;
E, em tardes de milagre, — oh mais que santa,
Sobre o teu corpo os ceus desfólham lírios!*

MARIO BEIRÃO.

Maria Brandoa, a do Crisfal

Obras de Christovam Falcão—Trovas de Crisfal, Carta, Cantigas e Esparsas—Com um estudo sobre sua Vida, Poesias e Epoca, por Theophilo Braga. Edição da «Renasçença Portuguesa». Porto [1916].

Antre Sintra, a mui presada,
e serra do Ribatejo
que Arrábida hé chamada,
perto donde o rio Tejo
se mete nágoa salgada,
ouve hum pastor e pastora,
que com tanto amor se amárão,
como males lhe causárão
deste bem, que nunca fôra,
pois foi o que não cuidárão.

A ella chamávão Maria,
e ao pastor Crisfal

.....

A primeira vez que encontro associados o nome de Maria Brandoa com o do poeta Crisfal é no primeiro quartel do século XVII num livro de gerações¹. Dêste nobiliário passou a quási todos os mais modernos, no invariável sistema de se copiarem uns aos outros. E o curioso é que também num nobiliário daqueles mesmos tempos, pois se andava a escrever em 1635, encontro pela primeira vez Cristóvão Falcão alcunhado do Crisfal: «Christhouão falcão filho deste ioão uas dalcunha crisfal foi trouador não foi casado...» Isto em nobiliário, porque já antes de 1616 escre-

¹ Não farei citações todas as vezes que me reportar a livros ou documentos já por mim alegados nos vols. VI e VII do *Arch. hist. port.*, nos dois primeiros capítulos de um estudo com o mesmo título dêste artigo, que será apenas o epílogo do quarto capítulo ainda inédito.

vera Diogo do Couto, na VIII década da *Asia*: «Christovão Falcão... que fez aquellas antigas e *namoradas* trovas de Crisfal», na preferível variante da edição de 1786.

Ponhamos porêm de parte os nobiliários, merecedores de pouca fé, e vejamos à face dos documentos o que se pode apurar da vida de Maria Brandoa.

As relações de Portugal com as Flandres datam de eras remotas. Já em 1194 era esperado em Bruges um navio português carregado de melação, azeite e madeira; cem anos mais tarde iniciava-se a bolsa de comércio da nação portuguesa naquela cidade, iniludível prova do desenvolvimento do trato comercial; em 1387 o Duque de Borgonha, na qualidade de conde de Flandres, concede uma carta de seguro aos mercadores e mestres das naus de Portugal e do Algarve, aos quais em 1411 é outorgada, a requerimento de Álvaro Gonçalves Coutinho, o legendário Magriço, uma ampla carta de liberdades e privilégios. A êste proceder urbano corresponderam os reis de Portugal, mandando expedir, em 1457 e anos posteriores, cartas de privilégios aos Flamengos residentes no reino.

Em 1410 fundaram os mercadores portugueses domiciliados em Bruges a capela de Santa Cruz, no convento de S. Domingos; em 1414 os Flamengos moradores em Lisboa instituíram a irmandade dos Borgonhões, na capela de Santa Cruz do convento de S. Domingos.

Nós exportávamos mel, peleteria, cera, coiro, esparto, azeite, passas de figos e de uvas, cortiça, vinho e outras mercadorias; e importávamos armas, metais, pólvora, cereais, forraduras, e sobretudo tecidos. Eram os panos de Gante, Ipre, Lila, Tornai, Valencina, a brugia, o menim, o rás, e tantos outros, tão vulgares entre nós, que até lhes aportuguesávamos os nomes de origem.

A par das relações comerciais mantinham-se as políticas. Um infante português foi conde de Flandres (1211-1233) e já era sobrinho de Matilde, filha de Afonso Henriques e condessa de Flandres (1184-1219). Em 1429 outra infanta portuguesa, bem formosa por sinal, chega ao pôrto da Esclusa a 6 de Dezembro desposada com o bom duque Filipe de Borgonha, soberano de Flandres. Era D. Isabel, a inclita Duquesa de Borgonha, mãe de Carlos, o Temerário.

Por êstes tempos começaram os reis de Portugal a enviar feitores a Flandres, dos quais o primeiro de que tenho notícia foi, em 1433 e depois em 1441-1442, Pedr'Eanes Cerrabodes, cidadão de Lisboa e amo que havia sido daquela infanta. A êste seguiram-se outros nos reinados de Afonso V e D. João II, com intervalos porêm, pois que só no reinado de D. Manuel, mesmo antes de descoberto o caminho marítimo para a Índia, se estabeleceu a feitoria sem interrupções. Foi no ano de 1503 que as primeiras naus portuguesas carregadas de especearia oriental subiram o Escalda. D'então por diante o incremento mercantil da feitoria, em breve transferida de Bruges para Antuérpia, foi assombroso.

Tinha ela já entrado no período do maior incremento, quando pela primeira vez a foi dirigir como feitor João Brandão, que exerceu o cargo desde 1 de Janeiro de 1509 até Dezembro de 1513. Então entregou a feitoria ao seu sucessor, mas permaneceu ainda por lá algum tempo, não só até fins de Agosto de 1514 para ultimar as suas contas com a feitoria, mas, segundo creio, por perto de dois anos mais, tratando de negócios seus. Em Julho de 1516 encontrava-se êle em Madrid onde seu tio Fernão Brandão Pereira, escrivão da embaixada de João Rodrigues de Sá junto de Fernando o Católico e depois do Cardial Cisneros, lhe entregou um maço vindo de Flandres endereçado a êle, João Brandão, e contendo cartas para D. Manuel as quais o antigo feitor trouxe para o reino.

Pouco se demorou aqui, porque, meado Agosto, já D. Manuel resolvera enviar Pero Correia, o amigo de Albuquerque, por embaixador a Bruxelas a saudar o novo rei de Castela, Carlos I, seu sobrinho, e desta embaixada foi escrivão João Brandão. Chegou ela a Antuérpia a 17 de Dezembro; em Janeiro era recebida na capital do Brabante pelo futuro Carlos V; e por aqueles estados permaneceu até 15 de Abril de 1517¹. Então regressou João Brandão a Lisboa, onde prestou contas da sua feitoria e lhe foi passada carta de quitação a 20 de Agosto.

Evidentemente constrangido e de má vontade tivera João Brandão de deixar a feitoria de Flandres; mas não perdeu a esperança de para lá tornar. Continuou sempre a manter relações

¹ Torre do Tombo, *Corpo cronológico*, part. I, mac. 20, doc.80; e mac. 21, doc. 21; e part. III, mac. 6, doc. 59.

com os empregados da feitoria e com os mercadores portugueses estabelecidos em Bruges e Antuérpia, relações que mais estreitou em quanto lá assistiu por escrivão da embaixada. Por fim, em Junho de 1520, encontrava-se a caminho de satisfazer a sua aspiração, pois já então estava resolvido o seu regresso às funções de feitor em Antuérpia. Nos princípios de Setembro já lá o esperavam; mas só tomou posse do seu cargo no 1.º de Dezembro, cessando a sua responsabilidade, ou, melhor, a de seus herdeiros no fim de Agosto de 1526. É certo estar êle então já morto, ou tivesse falecido por êsses dias, ou um ano antes, como parece indicar um documento¹. É igualmente certo que desde a sua última partida para Flandres, em 1520, nunca mais tornara a Portugal, apesar do doutor Teófilo Braga o dar como presente à quebra dos escudos por morte de D. Manuel (pag. 18 das *Obras de Christ. Falcão*). O vereador João Brandão que, em 17 de Dezembro de 1521, tomou parte naquela cerimónia fúnebre, era o antigo provedor das capelas de D. Afonso IV e presumível autor da interessantíssima *Estatística de Lisboa de 1552*. Mais ainda: êste João Brandão é que era o rico e não, como o doutor T. B. supõe, o que fôra feitor em Flandres.

Deixara João Brandão os negócios da feitoria muito enredados, tanto que só perto de trinta anos depois, em 1555, se passou a carta de quitação a seus herdeiros e para saldar a conta foi preciso D. João III ceder-lhes os 2.714:000 reaes do um por cento que lhe pertencia, e ainda fazer mercê de mais 857:000 rs. ao genro do feitor, Luís da Silva de Meneses, já falecido ao tempo da assinatura da carta de quitação.

Êste João Brandão, feitor em Flandres, foi o pai de Maria Brandoa, a do Crisfal; era-me por tanto necessário, antes de começar a apresentar as notícias da sua vida, deixar alguns dados indispensáveis da biografia do pai; do pai, que talvez nunca lograsse vê-la, como logo chegarei a presumir.

Maria Brandoa há de ter nascido entre fins de 1518 e princípios de 1521. Sou levado a precisar estas datas pelas seguintes inferências. Em Julho de 1535 era ela menor de vinte e cinco anos,

¹ Em carta de quitação de 8 de Agosto de 1525 se manda fazer certo pagamento «em Ruy Fernandez, meu feitor em Frandes» (*Arq. hist. port.*, IX, pag. 437, n.º 688).

orfan de pai e mãe e sob a tutela da avó materna, Hilária de Refoios¹; havia portanto de ter nascido depois de 1510. Nêste ano estava seu pai em Flandres; por lá se conservou ainda, até Agosto de 1514, ultimando as transacções de sua responsabilidade na feitoria, e tratando provavelmente dos seus negócios próprios, até Julho de 1516, em que o vamos encontrar em Madrid a caminho de Portugal. Em Setembro tornou a Flandres na qualidade de escrivão da embaixada, e só de Agosto de 1517 por diante é que há a certeza de persistir em Lisboa até ao último quartel do ano de 1520, em que tornou para Antuérpia. Nêste período teve lugar o seu casamento.

Antes de 20 de Agosto de 1517, isto é, antes de ter prestado contas da feitoria, não consentiria no consórcio o futuro sogro, que era escrivão da Casa de Guiné e Índias por onde corriam os principais negócios da feitoria. Não se realizaria também o casamento logo de afogadilho, e portanto o mais cedo em que o podemos pôr é nos fins do ano de 1517; nêste caso, só em 1518 poderia nascer a filha Maria. Eu porém estou persuadido que ela só veio ao mundo em 1520, ou ainda em 1521, não tendo talvez seu pai chegado a vê-la. Funda-se a minha conjectura, lá adiante reforçada ainda com as considerações que me sugerem as datas do casamento e dos nascimentos dos filhos de Maria, no facto de ainda à morte de João Brandão se lhe dever parte do casamento, pois que por mandado de 15 de Novembro de 1526 foi ordenado o pagamento, a sua mulher e herdeiros, da quantia de 52:462 rs. «pera comprimento de paguo de seu casamento»². Não parece muito provável que nove anos depois dêle celebrado ainda se lhe devesse parte da dotação pela munificência régia arbitrada³.

Isto é na suposição de João Brandão não ter levado a mulher

¹ *Corpo cronológico*, part. II, mac. 196, docs. 132 e 136.

² O dr. Teófilo Braga na pag. 51 transcreve esta verba, omitindo as palavras essenciais *de seu casamento*, e até nêste passo cai numa daquelas suas extraordinárias e já agora incuráveis precipitações. Diz êle: «Os *herdeiros* [em 1526] são os filhos menores de D. Maria Brandão representada por elles na pessoa de seu marido, etc.» Ora na pag. 47 deixara escrito: «E' também por este anno de 1548 que se deve collocar o casamento de D. Maria Brandão, etc.» Isto é: em 1526 já existiam filhos de um matrimónio só realizado em 1548!

³ Duarte Nunes do Leão, na fl. 128 v. e 129 da sua *Descripção do reino de Portugal*, ed. de 1610, explica em que consistiam estes chamados casamentos.

para Flandres, porque, se a levou, então era Maria Brandoa o original da «cabeça de criancinha dada ao Feitor portuguez» por Alberto Durer e por êle pintada em Antuérpia, de Julho de 1520 a Julho de 1521¹. Mas não creio que o Feitor tivesse levado para lá a família, nem que a filha lá nascesse, apesar de um parente dizer de seu neto, D. Manuel de Meneses, que lhe chamavam «o Inglez ou Flamengo porque a voz e as feições erão como as tem os daquellas nações», o que não passaria, é claro, de mero acaso. Mas não creio na ida da família para lá, porque então na lista dos presentes artísticos de Durer não figuraria só o retrato do Feitor, e do seu criado e do seu escrivão e até da sua nêgra²; também lá havia de aparecer o de sua mulher.

Uma conclusão temos nós porêem de tirar de todo o exposto: é que em 1517, como afirma o dr. T. B., não podia Maria Brandoa ter nascido.

Sua mãe chamou-se Guiomar de Refoios, na fé dos nobiliários, porque ainda a não encontrei nomeada em nenhum documento. Sobreviveu algum tempo a seu marido, segundo esclarece o mandado de 1526 acima citado; mas em 1535, como também já ficou dito, era falecida. Foi filha de Pantaleão Dias, escrivão da câmara régia já em 1490, escrivão da Casa da Índia por carta de 21 de Maio de 1502, e por outra de 1 de Janeiro de 1522 tesoureiro do dinheiro da mesma Casa³. Dêste diploma consta que Pantaleão Dias desfrutava uma tença de 20:000 rs. com o hábito (de Cristo, provavelmente,) e como ela não aparece no *Livro das tenças*, de Maio de 1523 (*Arch. hist. port.*, II vol.), tem de se inferir que já ao tempo era êle falecido. Foi casado com Hilária de Refoios, que lhe sobreviveu muitos anos, vindo a morrer só em 1550, ou princípios de 1551⁴.

Dá o dr. T. B. a Pantaleão Dias o apelido de Landim (pag. 18) e declara ser de família alentejana (pag. 19). O apelido é invenção genealógica por nenhum documento confirmada; a naturalidade da família não sei onde se encontrará base para sustentar tal afirmação. Pantaleão Dias, no tempo em que não acompanha-

¹ Joaquim de Vasconcellos, *Albrecht Dürer e a sua influencia na Península*, Porto. 1877, pag. 37 e 22.

² *Ibidem*, pag. 38.

³ *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 2.º, fl. 37; *Doações de D. João III*, liv. 51, fl. 31 v.

⁴ *Doações de D. João III*, liv. 61, fl. 8, 11, 13 v. e 17v.

va a côrte como escrivão da régia câmara, residia em Lisboa no desempenho dos officios que exercia na Casa da Índia e anteriormente na escrivania das obras, capelas e hospitais da côrte. Sua viuva comprou em 1543 sessenta mil reaes de juro e pediu para serem assentados na alfândega de Lisboa¹, evidentemente por ter a residência na capital. É conjectura tão infundada supôr a existência de parentes de Maria Brandoa em Elvas, quanto é a de afirmar ter ela sido para lá desterrada pela família por causa dos seus amores com Cristóvão Falcão (pag. 22 e 26).

Na *Bib. lusitana* de Barbosa Machado alude-se vagamente à residência temporária da formosa Maria no convento de Lorvão e a ter-se ela desposado em Elvas. Foi sôbre este têmea que o dr. T. B. bordou a maior parte da sua partitura, fixando até datas. Em Elvas esteve Maria Brandoa desterrada desde 1531 (pag. 22) até 1536, por isso que, coincidindo o destêrro com a prisão de Cristóvão Falcão, que esteve cinco anos no cárcere (pag. 146), ainda a foi achar naquela cidade estremenha (pag. 25-26).

Então, em 1536, os parentes de Maria, a fim «de sequestrá-la à sua paixão», mandaram-na recolher no convento de Lorvão (pag. 26, 27), onde ainda se encontrava em Agosto de 1543, quando D. João III pediu à Cúria a reforma daquela comunidade (pag. 43). Nesta ocasião «Christovam Falcão previu que Maria Brandão tinha de sahir d'aquelle coio devasso, pelo que se trataria de realisar o seu casamento» (pag. 43), com outro, é claro. E tão extraordinária foi a previsão, que «seria a carta do Marquez de Aguilar para ser entregue... ao pae do poeta para consentir na sua demora em Roma?» (pag. 43-44). A tal carta tinha sido remetida de Roma no precedente mês de Dezembro (pag. 22). Sete meses antes já o Falcão sabia o pedido, que D. João III havia de dirigir à Cúria!

Pois vejamos agora, em quanto todas estas e outras melodramáticas peripécias se passavam, o que na realidade ia decorrendo na socegada e pacata vida daquela que não sonhava vir nunca a ser tal heroína.

Em 1525 ou 1526, como já vimos, morreu João Brandão, a quem o dr. T. B. teima sempre, sem eu poder atinar com o fundamento, em chamar João Brandão *Sanches*, nome de que êle nunca usou. Como também já vimos, deixou êle os seus negócios

¹ *Doações de D. João III*, liv. 6.º, fl. 130.

muito embaraçados, tanto que a legitima paterna de Maria Brandoa deveria talvez ser nenhuma, pois que o pai ficara alcançado para com a fazenda régia em mais de tres contos e meio d'então, que teriam hoje o poder aquisitivo de perto de oitenta contos¹. Quem suposer, como o dr. T. B., que Maria era rica (pag. 16), está muito longe da verdade.

Nêste passo tornou a haver confusão entre o João Brandão, feitor, e o João Brandão, vereador, havendo sido êste o abastado. Era êle filho de Duarte Brandão, criatura muito rica, mas um tanto misteriosa. Foi tão endinheirado, que em 1487 emprestou a D. João II, para pagamento do dote da imperatriz D. Leonor sua tia, 28:000 ducados de oiro. Está envolvido em tal mistério que, apesar da carta de naturalização de 3 de Agosto de 1479 o declarar inglês² e dos seus descendentes terem-no condecorado no epitáfio com a ordem da Jarreteira, confundindo-o com Tomás Brandon, tio do Duque de Suffolk, outros o fazem filho de uma Judia. A êste parecer se ateve a Inquisição de Lisboa, que durante sessenta anos negou sucessivamente a três Condes de Pombeiro a admissão a familiar do Santo Officio, alegando serem de raça infecta (preconceitos do tempo) como descendentes de Duarte Brandão. Por fim, para darem entrada ao 5.º conde, D. António Joaquim de Castelo Branco, foi preciso a intervenção do futuro Marquês de Pombal e, ainda assim, a sua carta é de 1753 e o despacho para a admissão a familiar foi só lançado em 1759 pelo inquisidor geral D. José, um dos *meninos* de Palhavan³.

Tornemos porêm a Maria Brandoa.

Em Novembro de 1526 ainda sua mãe era viva, mas pouco tempo depois veio a falecer e com parte do dinheiro da legitima materna comprou a solícita avó Hilária de Refoios, em Outubro de 1532, quatro tenças de juro, duas de 8:000 rs., e duas de 10:000 rs., para a neta a quem, em 4 de Fevereiro de 1533, se passaram cartas de padrão⁴. Posteriormente reconheceu-se que

¹ Faço a conta pelas tabelas de Costa Lobo, pag. 417 e 418 da sua interessantissima *Historia da sociedade em Portugal no seculo XV*, obra infelizmente incompleta e que honra o saber português.

² Sousa Viterbo, *D. Leonor de Portugal, imperatriz de Alemanha*, no *Arch. hist. port.*, VIII, 38.

³ Torre do Tombo, *Inquisição de Lisboa, Habilitações*, mac. 36 de António, n.º 903.

⁴ *Doações de D. João III*, liv. 19.º, fl. 127 v., 140 v., 141 v. e 142.

as tenças de 10:000 rs. deviam ser separadas e portanto reduzidas a 8:000, e por isso foram rôtos os padrões delas e substituídos por outros, em 14 de Julho de 1538¹. Ficaram pois as tenças de Maria Brandoa rendendo só 32:000 rs., com o valor aquisitivo de uns 700 escudos de hoje.

As quatro tenças eram pagas na alfândega de Lisboa por ser aqui a residência da avó e também a da neta, que estava sujeita à jurisdição do juiz dos orfãos desta cidade, o qual, por mandado de 3 de Julho de 1535, ordenou a entrega de 72:000 rs., importância de dois anos das tenças de Maria, ainda então não reduzidas, a sua avó Hilária de Refoios, «dona viuva, mulher de Pantalliã Diaz que Deus aja», a qual passou recibos em 8 do mesmo mês, assinados a rôgo por Jerónimo Dias, escrivão da Casa da Índia, e registados por Garcia de Rêsende, escrivão da fazenda².

Ora aqui está como, em vez de andar desterrada em Elvas ou enclausurada em Lorvão, se achava a formosa Maria muito socegada em casa de sua avó, que não estaria muito habilitada a tratar da sua educação literária, nem curaria disso, mas que ia velando por ela no empenho de lhe preparar um bom casamento e tão brilhante, relativamente, êle veio a ser, que me afoito a acreditar na beleza da filha do Feitor.

Por êsses tempos, 1533, passava o futuro marido de Maria Brandoa da puerícia para a adolescência, tendo sido acrescentado de moço fidalgo a escudeiro fidalgo³. Luís da Silva se chamava êle então e era o mais novo de cinco irmãos que todos vieram a morrer em serviço da pátria, quatro na Índia e êle em África. Nisto apenas seguiram o exemplo de seu pai, Tristão da Silva, que depois de ter por duas vezes passado à Índia como capitão de naus, nas armadas de 1504 e 1508, lá tornou terceira vez e morreu, no cêrco de Diu de 1538 segundo dizem. Havia sido poeta do *Cancioneiro* (fl. 135 e outras) e era filho segundo de Afonso Teles de Meneses, alcaide mor de Campo Maior e Ouguela, e irmão de uma rapariga, D. Antónia de Meneses, a qual essa sim, teve um grande romance de amor, fugindo do mosteiro de Santos para casar com Francisco de Sousa Mancias, outro poeta do *Cancioneiro*.

¹ *Doações de D. João III*, liv. 49.º, fl. 157 e 162.

² *Corpo cronológico*, part. II, mac. 196, docs. 132 e 136.

³ Lousada, *Sumários da Torre do Tombo*, I, fl. 418 v., mihi.

Luís da Silva, ou Luís da Silva de Meneses, como posteriormente se chamou, passou a servir comenda em África depois de acrescentado a escudeiro fidalgo, e na realidade, por cartas de 22 de Maio de 1545 e de 15 de Novembro de 1547, sendo já fidalgo da casa del Rei e cavaleiro professo da Ordem de Cristo, lhe foi feita mercê das comendas de S. Mamede de Alimonde e S. Salvador da Infesta¹. Creio que ainda era solteiro, mas não poderia tardar muito a mudar de estado, porque, deixando pelo menos dois filhos já nascidos, morreu seis anos depois, a 29 de Abril de 1553, ás mãos dos Moiros, sendo capitão de Tanger². Quere-me até parecer que o casamento teria tido lugar por aqueles anos de 1547, antes do falecimento de Hilária de Refoios ocorrido no de 1550, como consta de um documento que me faz supôr ter sido ela mais do que remediada de bens de fortuna, porque, além de um juro de 60:000 rs. (uns 900 escudos de hoje) partilhado entre quatro filhos, ainda sobraram bens suficientes para constituirem as legítimas de mais três, ou seus representantes³. Quanto à data do casamento, reforçam a minha suposição os factos de em 1571 partir para a Índia o filho de D. Maria Brandoa, que começaria a servir aos vinte anos, e de em 1578 estar sua filha viuva e apenas com um filho. Sou levado pois a trazer o casamento da formosa Maria para as proximidades de 1547, resultando maior plausibilidade para a minha convicção dela só ter nascido em 1521 ou, quando muito, em 1520, e já não casaria muito nova.

Apesar disso, cada vez menos convencido estou, é claro, que os pretendentes à sua mão se retirassem, por temerem

que o sabor dos teus beijos
em minha boca achariam.

Casada, passou a filha do Feitor de Flandres a intitular-se *dona* Maria Brandoa. Viuva, teve de velar pela criação de três

¹ *Doações de D. João III*, liv. 35.º, fl. 82, e liv. 29.º, fl. 70.

² Conde da Ericeira, *Hist. de Tanger*, pag. 75, n.º 51.

³ Consta de uma verba posta, em 22 de Setembro de 1551, no padrão dos 60:000 rs., e de quatro cartas de padrão passadas no ano seguinte a Francisca de Refoios, Mecia Dias, Beatriz Dias e António de Refoios, todos quatro seus filhos. Beatriz era casada com Francisco Paes, cavaleiro fidalgo, morador em Portalegre; Mecia e Francisca morreram solteiras, respectivamente, em 1556 e 1557 e foi sua herdeira outra irmã, Helena de Refoios, casada com João Rebelo de Lima (*Doações de D. João III*, liv. 6.º, fl. 130; liv. 61.º, fl. 8, 11, 13 v. e 17 v. liv. 65.º, fl. 220 v.).

filhos que lhe ficaram: Francisco da Silva de Meneses, D. Madalena e D. Angela da Silva.

Em remuneração dos serviços de seu marido, a quem D. João III já tinha feito mercê de perdoar parte da dívida do sogro à fazenda real, conforme ficou dito, e por «o matarem os Mouros estando por capitão em Tangere», foi outorgada a D. Maria Brandão, por alvará com força de carta de 7 de Dezembro de 1558, uma tença vitalícia de 25:000 rs¹. Encontro também a notícia de ter ela comprado uma tença de juro em 1565 e de a ter distratado em 1571², provavelmente para prover o filho do necessário para a sua partida para a Índia, onde serviu doze anos consecutivos.

Por êstes tempos já D. Maria Brandão estava morta, havia muito, na opinião do dr. T. B., que lhe põe o falecimento em fins de 1554, «como o comprova a carta de quitação da Feitoria de Flandres de 28 de Agosto de 1555» (pag. 45). Como dêste documento se possa deduzir tal ilação é que ninguém entenderá. Pois não só não tinha ainda morrido dezasete anos depois da data fixada pelo dr. T. B., como ainda teve bastantes anos de vida, nem sempre afortunada. Além do desgosto da ausência prolongada do filho, que nunca mais tornou a ver, morreu-lhe o genro na batalha de Alcácerquibir.

Era êle D. João de Meneses, morto pelos Moiros ainda mancebo em vida de seu pai, D. Manuel de Meneses, o de Almada, camareiro mor do *senhor* D. Duarte, duque de Guimarães. Do seu casamento deixou D. João um filho único, D. Manuel de Meneses, futuro cronista mor do reino e seu cosmógrafo mor, escritor e homem notável.

A segunda filha de D. Maria Brandão, de nome D. Angela da Silva, professou, dizem os nobiliários, no convento das Maltesas de S. João de Estremoz, onde já estava à morte da mãe, se a não precedera no túmulo.

O filho Francisco da Silva de Meneses partiu para a Índia em 1571, com o vice rei D. António de Noronha, e lá serviu doze anos, segundo declaram duas cartas régias de 23 de Fevereiro de 1584, pelas quais lhe foi feita mercê da capitania de Malaca, e de uma viagem ao Japão³. Êstes documentos, além de esclarece-

¹ *Doações de D. João III*, liv. 2.º, fl. 284.

² *Doações de D. Sebastião*, liv. 20.º, fl. 26.

³ *Doações de Filipe I*, liv. 4.º, fl. 304 e 311.

rem a filiação de Luís da Silva de Meneses, informam-nos que seu filho Francisco tornara a ir a servir à Índia no ano de 1583, d'onde se deverá inferir que apenas viera ao reino depois da morte da mãe, talvez para liquidar os negócios da herança. Em Goa casou «á sua vontade», como êles diziam, quando o casamento era desigual.

No ano de 1581 ou no de 1582 morreu D. Maria Brandão. Consta de uma carta de padrão na qual se declara que nas partilhas feitas por morte daquela senhora, entre seus filhos Francisco da Silva de Meneses e D. Madalena da Silva, coubera a esta, à conta da legitima e da terça, quatro tenças na importância total de 32:000 rs., as quais ela vendeu por instrumento feito em Lisboa, a 29 de Dezembro de 1583, a Pedro de Mendoça Furtado, a quem por provisão de fora se mandou pagar o ano de 1583 por inteiro¹. Não receberam portanto os filhos herdeiros a tença daquele ano; mas quanto à de 1582 não sei se êles já a ela teriam direito, se ainda sua mãe.

Morreu pois a suposta heroína da egloga *Crisfal*, com pouco mais de sessenta anos.

Mas, se esta não foi a heroína daquele poema, quem seria que afirmou a *Crisfal*:

Minha fé te hé verdadeira;
no mal que te fiz o vi,
porque em fim, à derradeira,
não quero mal contra ti
que o meu coração queira.
Por me ver livre de dor
deixara eu de te querer,
se o podera fazer;
mas poder e mais amor
não podem estar num poder.

Quem seria? — Não sei, respondo já.

É-me penoso concorrer para a destruição de uma lenda já enraizada pela tradição, e tanto mais penoso me é, quanto eu folgo sempre de me ater a ela. Foi o meu amor à tradição, quando confirmada ou não infirmada pelos documentos, que me levou a insistir sempre na identificação do Gil Vicente poeta com o Gil Vicente ourives, facto hoje incontestável para todos, até para o dou-

¹ *Doações de Filipe I*, liv. 10.º, fl. 261 v.

tor Teófilo Braga, apesar de ainda com êle não querer concordar. É porê:m agora o meu amor à verdade, pôsto acima de todas as considerações, que me leva a impugnar esta tradição por lhe não encontrar fundamento.

O dr. T. B., que nela acredita, estude-a, analise-a, prepare-lhe alicerce sólido e sôbre êle levante a sua fábrica; mas em quanto só a assentar sôbre pedra sôlta, tirada d'aqui e d'ali, sem a ligar com a argamassa da investigação directa, ponderada e criteriosa, só levantará edificio que o menor abalo derruirá.

Algumas palavras mais àcêrca de Cristóvão Falcão. Serão simples notas biográficas, desconhecidas umas, elucidativas outras, e ainda observações às passagens que o dr. T. B. encontrou na égloga *Crisfal* e supôs alusivas a sucessos da côrte portugueza no século XVI; só isto, porque, quanto à controvérsia sôbre o verdadeiro autor da égloga, deixo-a aos que no debate mais directamente se tem interesado.

Diz o dr. T. B. na pag. 15: «Pode-se com segurança fixar o anno de 1515 como do nascimento de Christovam Falcão. Como filho de fidalgo tinha direito a ser inscripto aos *doze anos môço fidalgo*, sendo por isso assentado na Moradia da Casa real, recebendo... o primeiro quartel... em 30 de Janeiro de 1527.»

Admitindo que já no tempo de D. João III e não depois das reformas de D. Sebastião, só aos doze anos, conforme a indicação de Duarte Nunes do Leão na *Descrição do reino de Portugal*, fl. 128, se tomassem para a casa rial os filhos nos foros e moradias de seus pais, e esta matrícula se entendesse com os môços fidalgos, como se poderá afirmar que o quartel vencido por Cristóvão Falcão em Janeiro de 1527 fôra o primeiro? Por que se não haviam de ter pago outros em anos anteriores? Quem no-lo garante? O não apparecerem mais recibos ou mandados? — Isso não basta. Dêles não se terem ainda encontrado, não se pode deduzir a certeza da sua não existênciã. Posteriores àquella ordem de pagamento posso indicar mais duas verbas de matrícula desconhecidas. Na folha de 1528, debaixo do título dos môços fidalgos: «Christovão Falcão, filho de João Vaaz dAlmada, haverá todo este quartel a mil por mes e alqueire de cevada por dia — 4:104./.. leva adiçãõ da mesma para a fazenda no anno de 30». No Livro dos Confessados do anno de 39, 40 e 41, debaixo do título dos môços fidalgos, na fl. 55: «Christovão Falcão, filho de

João Vaz d'Almada, a mil por mes¹». Ora, assim como aparecem estas verbas posteriores à de 1527, outras ignoradas poderão existir anteriores e arriscado será afirmar haver sido aquela a primeira e do facto deduzir que, tendo Cristóvão Falcão sido tomado para o paço em 1527, aos doze anos, tivesse nascido em 1515.

Continuemos.

Na pag. 46 lê-se: «A presença de Christovam Falcão na cõrte tornava-se embaraçosa para a conclusão do casamento de Maria: convinha afastar o poeta temporariamente da cõrte. D. João III, por carta de 21 de Março de 1545, despachou-o por trez annos para a Capitania da Fortaleza de Arguim. A sua partida e esses trez annos de isolamento dão-nos o sentido e o sentimento das composições lyricas que se seguem ao *Chrisfal*. Nesta ausencia é que mão atilada e inconfidente imprimiu sem data e anonymas as *Trovas do Pastor Chrisfal*; porque na Carta que de África escreveu Camões em 1547, intercala... muitos versos tomados em sentido aphoristico do *Chrisfal*... Acabados os trez annos da Capitania de Arguim, Christovam Falcão regressou a Lisboa em 1548.»

Pois Cristóvão Falcão nunca pôs os pés em Arguim!

É mais do que certo e fácilmente o provarei.

Na carta de nomeação lê-se: «Dom Joham... avendo eu Respeito aos seruiços que me tem feito e espero que ao diante me fara christouão falcão fidalguo de minha casa e por confiar delle que nos carguos de capitão e feitor da fortaleza darguim me servira bem e fielmente... ey por bem e me praz de lhe fazer merçe dos ditos carguos per tempo de tres ãnos com o ordenado cadãno conteudo em meu Regimento *acabando seu tempo ou vanguardo per qual quer maneira que seja a pessoa ou pesoas que da dita capitania e feitoria são prouidas per prouisões minhas feitas antes desta*. Notifico asy ao feitor e ofiçiaes da casa da Jndia e mando que tanto que polla dita maneira couber ao dito christouão falcão entrar nos ditos carguos lhe dem embarcação segundo ordenança, etc». Em Évora, a 31 de Março de 1545².

Está-se a ver a pressa com que se tratava de afastar «o poeta» da cõrte. A ingenuidade de supôr, que D. João III se preocu-

¹ Lousada, *Sumários da Torre do Tombo*, I, fl. 772 v. e 773 v. mihi.

² *Doações de D. João III*, liv. 66.º, fl. 192 v.

pava com o casamento de «Crisfal» e de Maria, emparelha com a outra lá mais adiante (pag. 33) de presumir amizade entre Cristóvão Falcão e o Marquês de Torres Novas que, havendo nascido em 1501, tinha, além da enorme superioridade hierárquica, quasi um príncipe, a de ser catorze anos mais velho pela conta do dr. T. B.

Pois, como ia dizendo, Christóvão Falcão, apesar de ser nomeado capitão da fortaleza de Arguim, nunca lá esteve.

Aquela maneira de pagar serviços ou de fazer mercês tinha sido inventada, ou pelo menos tinha adquirido grande desenvolvimento no reinado de D. João III. O tesouro régio estava exausto; não havia dinheiro e os pretendentes eram muitos, pagava-se-lhes com promessas, pois pouco mais eram aquelas mercês para se realizarem em tempos indeterminados. Os agraciados, uns esperavam, outros, os mais felizes, vendiam a concessão. Na Chancelaria de D. João III, incompleta como todas as precedentes, encontro, anteriores à carta de mercê da capitania de Arguim a Cristóvão Falcão, outras em 3 de Abril de 1543, 29 de Julho de 1536 e 21 de Março de 1529, todas nas vagas dos anteriormente providos. Na de 1543, concedida a Cristóvão de Rosales, declara-se ser feita a nomeação, «acabando primeiro seu tempo ou vaguando a pessoa ou pessoas que forem providas per minhas provisões feytas antes desta. E esto asy e da maneira que della foy provido Joham Guomez *que hora serve*»¹.

Estava portanto em Abril de 1543 servindo João Gomes de capitão de Arguim. Suponhamos que era aquele o seu último ano; admitamos, contra a minima verisimilhança, que todos os providos anteriormente estavam já por qualquer maneira satisfeitos e arredados, e que a João Gomes sucedia o Rosales; logo viriam a pertencer-lhe os anos de 1544, 1545 e 1546. Admitamos ainda que ao Rosales se seguia Cristóvão Falcão, ficariam para êste os anos de 1547, 1548 e 1549. Ora nós sabemos por uma carta de perdão transcrita pelo dr. T. B. no *Bernardim Ribeiro e o bucolismo*, pag. 365, que numa devassa tirada em Portalegre, em Março de 1548, declararam as testemunhas haver «já muitos dias ou meses» que viram ao Falcão ofender o meirinho da comarca. Confirma o réo, na petição apresentada, a sua assistência em Portugal, declarando ser inocente no caso, porque ao «tall tempo estava nesta

¹ *Doações de D. João III*, liv. 6.º, fl. 88.

corte resyidente, antes e depois muyto tempo sem dela sayr». Em conclusão: supondo que Cristóvão Falcão tomara posse da capitania no mais curto praso possível, e não podia ter tomado, por que em Julho de 1546 ainda o Rosales não tinha para lá partido¹, vê-se que o suposto poeta havia de ter estado em Arguim nos anos de 1547, 48 e 49; mas como está provado, que nos princípios do segundo daqueles anos havia muito tempo que êle residia em Portalegre, segundo o dito das testemunhas, ou na côrte, conforme a sua própria afirmação; e como também nos consta, o dr. T. B. o afirma, que depois de 1548 nunca mais saíu do reino, temos de reconhecer que nunca esteve Cristóvão Falcão em Arguim.

Há mais ainda. A carta dirigida a D. João III por Cristóvão Falcão depois da morte de sua irmã D. Braçaida, pedindo a régia protecção para o menor seu sobrinho, carta transcrita pelo dr. T. B. a pag. 368 do acima citado livro, é realmente datada de Portalegre a 11 de Novembro, não porêdo do ano de 1548, como se afirma no referido livro e se confirma a pag. 47 do opúsculo aqui analisado, mas sim do ano precedente, ou ainda doutro anterior. Vou mostrá-lo.

Naquele caso do meirinho de Portalegre parece ter sido o principal culpado o irmão de Cristóvão, Barnabé de Sousa, a quem se passou carta de perdão em 28 de Maio de 1550. Por ela consta haver êle alegado o ter estado prêso «onze meses na cova do castello» de Lisboa, e ter sido condenado por sentença da Relação em dois anos de degrêdo para África e cinqüenta cruzados para o queixoso, que lhe havia perdoado por instrumento feito em Lisboa a 3 de Julho de 1549. Também consta a pobreza do réo, por isso que, sendo perdoado com a obrigação de entregar para a piedade (a assistência) doze mil reaes, D. João III lhe quitou oito mil por um alvará de esmola². Em quanto esteve prêso na «cova», foi acusado doutro delito praticado em Portalegre, no mês de Março de 1548, pelo qual foi condenado, no mês de Junho seguinte, a um ano de degrêdo para fora daquela vila, prestes então a passar a cidade; foi porêdo novamente perdoado por carta dada a 15 de Janeiro de 1555³. Dêste documento consta que em Fevereiro

¹ *Doações de D. João III*, liv. 33.º, fl. 132.

² *Perdões de D. João III*, liv. 18.º, fl. 87.

³ *Ibidem*, liv. 22.º, fl. 400.

de 1549, depois de ter estado oito ou nove meses prêso, fôra Barnabé de Sousa sôlto sob fiança; consta mais que durante cinco anos e meio, isto é, desde Fevereiro de 1549 até Agosto de 1554, nunca mais fôra residir para Portalegre, onde só aforrado entrara uma ou outra vez com pouca demora.

Temos pois que Barnabé de Sousa esteve prêso de Junho ou Julho de 1548 a Fevereiro de 1549, e d'então a Agosto de 1554 andou amorado de Portalegre. Pôsto isto, não é possível admitir que seu irmão Cristóvão Falcão fosse, em Novembro de 1548, escrever a D. João III, pedindo-lhe para nomear tutor do filho menor de sua falecida irmã a «meu irmão Barnabé de Sousa que... vive em Portalegre». Êle estava então, mas era prêso na «cova do castello» de Lisboa, onde tinha a companhia do próprio Cristóvão, que se não encontrava em situação conveniente para pedir favores ao soberano, nem podia datar a carta de Portalegre. O dr. T. B. funda-se, para marcar o ano de 1548, na idade assinada numa carta do Duque de Bragança aos filhos de D. Braçaida; êste fundamento porêm só para conjecturas pode servir e nunca para afirmações. Quem tiver lidado directamente com documentos dêsses tempos, com os da Inquisição, por exemplo, sabe bem a pouca atenção que a gente d'então ligava à idade. No liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, pag. 215, apresento o exemplo curioso de um grande senhor que viveu um século depois e não estava certo nos anos que tinha.

Mais um retoque às notícias da família de Cristóvão Falcão. O cunhado, marido de D. Braçaida, nem tinha o apelido de Mergulhão, nem era cavaleiro de Avís, como se declara na pag. 40. Num nobiliário dêsses tempos que possuo, lê-se na fl. 215: «João vas dalmada... foy capitão na mina e hé casado cõ dona breatis filha de ruy fernandez hum homem de bem de allter do chão de que tem estes filhos. s. chistouão falcão / e damião de sousa / e bernabe de sousa que aynda são mosos / e dona braçayda moher de antonio vas hum homem omrado de portalegre //»

Já vai longo o artigo, mas o assunto interessa e não quero deixar de analisar as alusões a factos da vida da cõrte que o dr. T. B. supõe existirem na égloga *Crisfal*.

Na pag. 25 diz o dr. T. B.: «Entre 1536 e 1541, em que Christovam Falcão partiu... para Roma, é que foram escritas as *Trovas do Pastor Chrisfal*.» É possível; nada o confirma, mas

também nada o infirma. Fique pois assente, até melhor prova, que a composição da égloga teve lugar entre os anos de 1536 e 1541.

Na sua análise do poema diz o dr. T. B. na pag. 30-31: «A Egloga de *Chrisfal*. . . provocava também interesse pelas allusões a successos contemporaneos da vida palaciana, escandalos como o casamento clandestino de D. Guiomar Coutinho com o Marquez de Torres Novas, ou o de D. João Lobo, filho do Barão de Alvito, com D. Juliana, filha do Marquez de Villa Real». A seguir refere-se ao destêrro do Marquês de Torres Novas e ao processo por êle intentado para validar o seu alegado casamento, e continua: «No *Chrisfal* vem a referencia a este clamoroso pleito. . .», e transcreve:

Em hum valle descontente
estar *Natónio* vi

e adiante:

não me deu a mais lugar,
que ouvir lhe que dezia
Ó *Guiomar*, *Guiomar*!

Ora bem. O pleito do Marquês de Torres Novas, que se não chamava António (*Natónio*), mas João, terminou por sentença do ano de 1529¹. No ano seguinte casou D. Guiomar Coutinho com o infante D. Fernando, enviuvou a 7 de Novembro e morreu a 9 de Dezembro de 1534. Em três meses, o filho falecera em Outubro, extinguiu-se de uma forma verdadeiramente lúgubre toda aquela família; seria pois lamentável e do pior gosto qualquer alusão em versos amorosos a successos recentes tão fúnebres; mas não a há. O *Natónio* estava falando no tempo presente; a *Guiomar* por que êle chamava não jazia no túmulo, não.

Mais adiante, na pag. 35, reportando-se aos versos da égloga:

Já as serranas ao abrigo
se ião, os prados deixando,
as mais dellas suspirando;
huma dezia — «Ai Rodrigo»!
outra dezia — «Ai Fernando»!

escreve o dr. T. B.: «*Ay Rodrigo!* aludirá ao Barão de Alvito, D. Rodrigo Lobo, cujo filho casara clandestinamente com D. Ju-

¹ Andrade, *Chronica de D. João III*, pag. 12; Sousa, *Annaes*, pag. 36.

liana, filha do Marquez de Villa Real». Ora êste caso do filho do Barão de Alvito passara-se em Dezembro de 1546, como consta de documentos de incontestável autoridade já publicados¹, e a égloga *Crisfal* havia sido escrita antes de 1541! O Cristóvão Falcão era bruxo.

Ainda uma terceira alusão encontrou o dr. T. B. na referida égloga: «Outro escandalo amoroso da côrte se deu com o velho Duque D. Jorge de Lencastre, com D. Maria Manuel, dama da rainha, de dezeseis annos, que elle pretendia desposar» (pag. 36). A seguir transcreve uns versos do *Crisfal* e afirma: «E' uma evidente e directa allusão aos amores do velho Duque D. Jorge, bastardo de D. João II...»

Esta, francamente, é forte de mais! Os documentos relativos ao caso do filho do Barão de Alvito só se encontram publicados, que eu saiba, no livro acima citado, o qual o dr. T. B. não tem obrigação de conhecer, apesar de se encontrar em todas as bibliotecas públicas; mas as fontes impressas relativas ao caso do Mestre D. Jorge, agrupadas por mim no mesmo vol. a pag. 289, e que se encontram na *Chronica de D. João III* de Francisco de Andrade, no tomo VI das *Provas da Hist. genealogica* e no XI do *Corpo Diplomático*, essas tinha o dr. T. B. obrigação de conhecer e por elas saber haver-se passado o caso do filho de D. João II em 1548, não só muito depois do *Crisfal* estar composto, mas até mesmo dois annos pelo menos após a sua impressão, como engenhosamente deixara provado nas pag. 56 e 141-142.

Estranhou o doutor Teófilo Braga que em 1912, a propósito de Gil Vicente, eu tivesse declarado não concordar com o processo de se querer encontrar à força dados auto-biográficos ou históricos em obras de fantasia, e com manifesto desdem apodou de estulta a minha crítica. Ora aqui tem agora o motivo por que me desagradam aquellas identificações: podem fazer cair em erro. Muito poucos entre nós estão habilitados, em virtude do número restrito de documentos e memórias publicados, a distinguir nas obras de imaginação dos nossos autores do XVI século a verdade da ficção, a afastar as personagens fabulosas e a reconhecer e identificar as reais; muito poucos portanto estarão habilitados a acertar a maior parte das vezes, porque sempre será impossível.

¹ *Brasões da sala de Cintra*, III, 302-308.

Bem sei que há mais quem de presente cultive, com muito menos preparo e competência, êste genero de investigação histórica, agradável e divertido, devendo incorrer em análogas inexactidões; êsses porêm como ninguêm lhes liga a consideração de historiadores, os seus êrros, se os cometem (não os tenho lido), não têm importância; são inofensivos. Outro tanto não sucede com o historiador da literatura portuguesa, em tantos volumes, fundidos e refundidos, mas carecentes ainda de entrar em depurador cadinho; com o historiador da Universidade de Coímbra; com o historiador, em fim, que se propõe escrever a história do povo e da nação portuguesa desde as épocas mais remotas. Com êsse, quando a sonolência de Homero o atacar, é preciso despertá-lo, a fim de se restabelecer a verdade dos factos, não fiquem êles ignorados ou desfigurados sob a garantia do aplaudido historiógrafo.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1916.

A. BRAAMCAMP FREIRE.

P. S. Depois disto escrito chamaram a minha atenção para o II volume da *Hist. da literatura portuguesa* do dr. T. B., publicado no Pôrto em 1914: — «Onde, disse o informador, o Teófilo o trata como se você já fosse morto.» Ora eu, apesar de possuir o volume, ainda o não abrira, confesso; é que não tenho tempo para ler obras tão volumosas.

Procurei, e realmente na pag. 228 lá encontrei qualquer coisa menos agradável, exactamente a propósito da Maria Brandoa. Seja a paga de ter proporcionado ao autor o conhecimento de tantos documentos, que êle aproveita, apresentando-os como resultado de investigação directa sua. Ainda se fossem sempre aproveitados com boa crítica!

Continuei a ler mais algumas páginas e na 251 deparei com êstes períodos: «A solidão do carcere transformara o temperamento amoroso de Christovam Falcão em uma organização poetica, recebendo em cheio em 1536 a impressão das *Trovas de dois Pastores* de Bernardim Ribeiro. A familia de Maria levou-a para casa de uns parentes em Elvas. O poeta indo refazer-se da oppressão em que vivera, foi para casa de seu avô em Portalegre; etc.».

Com que então o «poeta» Cristóvão Falcão foi em 1536 para casa do avô? Pois o avô já era falecido em 3 de Dezembro de 1489. O documento comprovativo está no cartório de Santiago, mas não o citarei e arrependido estou de todas as mais citações já feitas.

Petit bonhomme vit encore.

Ao Sol e á Chuva

O excerpto de Teixeira de Queiroz que publicámos hoje pertence ao seu novo livro prestes a sair, «Ao Sol e á Chuva». O mestre incontestado do romance portuguez moderno, e que é hoje o maior prosador vivo de Portugal, realisa n'esse volume uma das suas mais bellas creações. O seu espirito de analyse, profundo e agudo, funde-se, nas paginas admiraveis do «Ao Sol e á Chuva» com uma aspiração de humildade christã, de mysticismo ardente, que pela primeira vez aparece na sua obra, e que lhe traz uma singular belleza e um maior poder de evocação espiritual. «Ao Sol e á Chuva», é o romance da pobreza: — uma infinita ternura pela vida simples, uma simpathia infinita pela desgraça paira em todo elle, e transforma-o n'uma verdadeira apologia de todos aquelles, que nada possuindo, possuem no emtanto a graça de ser livres e a felicidade de desprezar a fortuna. No excerpto que vae ler-se verifica-se bem esse espirito christão: — e vê-se tambem que Teixeira de Queiroz nada perdeu com elle das suas fortes qualidades de analyse, da sua prodigiosa visão de paisagista e das suas excepçoes capacidades de escriptor.

FAGUNDES EM SUENTE

Antes, porém, de partir, o Fagundes foi dizer adeus ao abbade Jacintho e ao paralítico Bonifacio Violas, um antigo noviço que ensinara crianças, em quanto pôde. Levava-lhe o livro maravilhoso, que este lhe tinha emprestado — a *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* — e agradeceu-lh'o:

— Aqui o tem, como m'o deu, sem uma beliscadura a mais. É lindo! Tem principalmente uma coisa que me tocou o coração.

— O que é? — perguntou o Violas, ennovellado na roupa da sua cama.

— Essa encantadora Floripes que, se eu a viesse a encontrar, queria servir-a de joelhos.

— Enganou o pae, para servir o amor! — censurou o paralítico, com dureza.



— Mas que formosura! — continuou o vagabundo, com a vista diluída no vago céu, que via pela janella. — Que dezoito annos, que lindos olhos os seus, que bocca cheia de rubins, que tranças d'ouro fino, que figura de princeza — repetia, n'um enlevo, as palavras que decorara do romance. — O senhor Bonifacio já viu, ou pensou n'um anjo assim?

— Não vi, nem pensei! — respondeu com desdem o egresso. O que eu acho admiravel, em toda essa verídica historia, é Oliveiros, que d'um golpe da sua invencivel espada partia um homem em dois! — apregoava, animando-se-lhe no semblante os olhos coruscantes. — D'aquelles valentes é que nós precisavamos para defender a patria! Com media duzia assim nada tinhamos que temer de ninguem! Podia-se acabar com o recrutamento, que tira moços dos campos! Parecia feito d'aço, esse cavalleiro Oliveiros!

— Eu, para taes valentias, é que não me inclino — dissentiu o Fagundes. — O homem deve ser pacífico. Isso de andarmos ás cutiladas uns aos outros deve desagradar a Deus, que nos creou.

— Tolice, Fagundes, grande tolice! — pronunciou com bravura o paralítico. — Deus foi sempre guerreiro, senão vê o que elle fez no tempo dos hebreus! Era bordoadada de criar bicho, n'aquelles que lhe não andavam a geito. Carlos Magno, que, como outros, o representou na terra, era magestosa figura e valente como os maiores. D'uma catanada n'um capacete, abriu elle uma cabeça até aos dentes! Porém, nada é comparavel ao que fez Oliveiros, vencendo o gigante Ferrabraz, homem tamanho, diz a chronica, que em cima do cavallo era da grandesa d'um monte! Sempre gostei de homens esforçados; mas depois que estou aqui na cama, ainda mais os admíro, porque não posso arrasar um patife com uma caibrada! — concluiu, floreando no ar as mãos doentes.

— Eu vou pela honesta e constante Floripes, que o feiticeiro Morpim teve o atrevimento de beijar, quando a viu nua, na sua cama, indo ali por ordem do almirante Balão roubar-lhe o cinto milagroso, que livrava da fome, não só a ella, mas a quem com ella estivesse! Fiquei com uma raiva a esse patife que, se fosse homem que eu um dia encontrasse, esganava-o! — disse proclamando o seu enérgico ciúme.

— Mulheres, feias ou bonitas, são umas molanqueironas. Queremos homens como Oliveiros e os Pares, que sendo uma duzia

tiveram força para romper um exercito de muitos milhares de turcos e livrar da força o seu companheiro Gui de Borgonha, que já estava com o baraço ao pescoço.

— Gui de Borgonha! — pronunciou o Fagundes, em voz melancólica e ressentida — foi o homem que *Ella* amou!...

— E por causa d'elle é que a delambida atraçoou o pae! Olha a peça! O pae que a tinha cercada da maior riqueza que se tem visto, n'um palacio de marmore e oiro! Eu não sou por Balão, que era um infiel; mas não posso tolerar ingratidões d'estas!

— Quanto a riqueza, a de Floripes não se póde comparar com a que viram o Infante e seus companheiros, ao apresentarem-se deante do *Grão Tamarelleque das portas de ferro* e do *Preste João*, que é um grande amigo dos christãos e até lhes deu uma linda carta para o rei d'Hespanha. Mas a riqueza não consola os corações. D'esse livro tão lindo das sete partidas, a mim só me agradaram as muitas viagens que fizeram, atravessando desertos de centenas de legoas, vendo cidades e gente diversa da que por cá temos. Eu, se alguém me quizesse levar por esse mundo fóra até não haver mais terras para ver, é que ia, ainda que só me sustentasse com agua das fontes — concluiu com o seu olhar absorto, n'um espaço sem fim.

— És novo, tens boas pernas e podes andar até onde te dê a gana; porém, eu, aqui preso n'esta cama!...

O vagabundo olhou-o com sentida comiseração, e despediu-se. Ia no seu fadario, espicaçado pelo agulhão d'uma curiosidade mal definida. Tomou a leve trouxa, que era todo o seu haver, atirou sobre o paralítico um adeus modesto e partiu.

Em vez de seguir a estrada macadamisada e lisa que o conduziria ao meio das grandezas das cidades, onde poderia tentar qualquer apetite de engrandecimento e fortuna, desviou-se por caminhos estreitos, entre campos cultivados, terrenos pobres e cerros cobertos de penhascos. Procurava esconder-se nos arvoredos opacos, como se fugisse d'uma sedicção, onde se ouvissem tiros e vozerias.

Na primeira noite foi agasalhado n'um povoado das faldas do monte Pedrinho, muito reverenciado por causa da capella de Santa Rita, que está no topo; a segunda passou-a n'uma matta, e a lua assistira-o, como luseiro branco, que elle via por entre o folheto. Mas após que uma nova aurora começou a branquear o

céu, levantou-se, tomou o pau e o lenço onde levava as camisas, e logo descobriu uma chapada de serra, que findava na base d'um alcantil de penedias, d'onde descobriu um outro valle fertil, sobre o qual se immobilisava densa neblina, que parecia leite coalhado. Rutilavam os montes fronteiros, as aguas tremiam nos regatos, o orvalho scintilava, como diamantes, nas folhas dos carvalhos. Enchia-se-lhe o amplo peito de aromas silvestres, diferente quadro lhe povoava a imaginação, e o seu corpo esguio caminhava com seguro passo, como se levasse um destino. Ainda o sol apenas espreitava do horisonte quando lobrigou um aglomerado de casas, escorrendo pela encosta d'um monte, com o campanario de dois sinos ao centro. Era um logar de serranos: só a igreja e a casa da *residencia* tinham as paredes brancas; no mais uma côr parda de musgo, ou de cortiços, onde formigassem abelhas. Sahiam dos curraes os gados tangidos por crianças quasi núas. Já via homens e mulheres, que seguiam estreitas veredas, em direcção aos terrenos arroteados. Levavam ao hombro instrumentos de lavoura, com que recomeçariam a lucta diaria. Era no tempo das sachas: os milharaes esverdeavam a terra, os passaros saudavam os rebentos das arvores. O Fagundes quedou-se a saciar a vista n'aquella aridez de montes, mosqueados de bouças, de penedias silentes, de pequenos valles, onde as aguas tremelusiam como azouge. Pequenos bois e cabras sumiam-se nos urzaes; as perdizes, que ao som dos seus passos levantavam vôo, cortavam o ar como flexas. Após demorada contemplação, refeito o seu animo na energia da luz, seguiu pelo carreiro que levava ao povoado. Desceu a encosta, tranpoz um ribeiro n'umas alpondras, subiu a festo para onde estava a igreja, e vendo uma criança, junto d'um pobre casebre, interrogou-a com o seu olhar claro d'amigo. A criança, que mastigava um naco de brôa, informou-o:

— O pae e a mãe foram á sachá.

Enterneceu-se-lhe o coração, com tamanha confiança. Não apavorava o pequeno, com a sua presença d'estrangeiro. E perguntou-lhe:

— Quem te deu esse pão?

— A mãe.

— Dás-me um boccadinho?

— Ha mais na maceira.

— Como se chama aqui?

— *Suente*. O senhor padre é lá em cima.

Freguezia montanhosa, de rudesza barbara, com muitas casas colmadas, penhascos e codeças em volta. O modesto templo es-cutava, soberbo, as aguas do ribeiro que lá em baixo grasnavam. O padre Domingos Ventura acabava de puchar, com a sua propria mão, a corda do sino, dando as nove badaladas matinaes, que tinham revoado alegres, de quebrada em quebrada, como rapidos torcases. Chamava, assim, o sachristão, que morava longe, para vir ajudar á missa. Franziu as sobancelhas ao ver um desconhecido descalço e de pau ao hombro, onde trazia pobre trouxa enfiada... Por ali não era caminho: que quereria este homem? Talvez se tivesse perdido na serra. Não teve tempo de o interrogar, pois o Fagundes é que primeiro o saudou:

— Viva o senhor abbade de Suente.

— Por mercê de Deus, exerço indignamente esse mister. E tu quem és?

— Um caminhante... Vim por aqui...

— Só se fôr p'ra visitar esses penhascos e essas brenhas.

— Desejo ouvir sua missa, se me der licença.

— A igreja é de todos. Chamei agora o tamanqueiro, para me ajudar.

— Eu tambem sei. Não querendo vossa reverendissima es-pørar...

— Sabes ajudar á missa?! E quem te ensinou?

— O senhor José Fortunato, mestre escola de Refuinho. Conhece?

— Não tenho essa dita; mas deve ser pessoa de capacidade.

— Em musica — informou o Fagundes — ninguem lhe deita a barra adeante! Toca flauta no côro, na festa de S. Roque e na da Senhora da Consolação.

— Uma missa cantada a preceito é cousa de muita circumstancia. Por cá não ha d'isso. Faltam recursos ..

— S. Thomé é o nosso padroeiro. Não faz tantos milagres como Nossa Senhora da Consolação; mas, ainda assim, é um bom santo — informou o forasteiro.

— O de cá é S. Joaquim, marido da Senhora Sant'Anna. Tem fartura de devotos e é merecida a sua fama. Mas põe por ahi a tua trouxa. Querendo ouvir a missa...

Pousou o lenço de ramagens, com o par de camisas e de meotes, no banco de pedra, que estava á porta da igreja. O seu

olhar de homem simples, a cortezia da sua palavra, tinham arredado do padre montanhez toda e qualquer má suspeita. E considerou:

— Então encarreiraste p'ra'qui, como poderias encarreirar p'ra outra parte...

— É verdade, senhor... Todos os sitios, são sitios.

— Bem, logo me explicarás isso melhor — entendeu o padre Domingos. — O João demora-se, e então vamos nós á missa. Hoje, representamol-a ambos. Vou a casa vestir a batina. Sabes tocar o sino!?... Então dá-me ahi uma boa repicadela, para que as velhas do logar, que já não podem ir ás sachas, venham assistir.

O abbade de Suento estava em mangas de camisa, a forte cabelladura do seu peito á mostra, uns tamancos aos pés. Homem atarrancado, pescoço d'apoplético, grande e experimentado pescador de trutas, que, com a sua vista de lynce, via serenar nos pegos mais fundos do ribeiro. Reapparecendo de cabeção e batina, as botas calçadas, parecia outro. O Fagundes tambem metterá nos pés os sapatos que trazia á cinta, presos por uma corda. Ambos se prepararam respeitosa e para o acto que iam celebrar. Ao abbade não passara despercebido o proceder do desconhecido, preparando-se com todo o respeito para o acolytar, e gabou-o:

— Para Deus tudo é pouco. Elle creou o céu e a terra, e de tudo isso, que por ahi vemos, é senhor.

A cerimonia religiosa correu lenta e cheia de devoção. O padre Ventura recitava as orações e lia os textos n'um tom sentido, revoando a sua voz gemedora pela exigua nave. Alevantava a sua mente com humilde reverencia aos paramos celestiaes, erguia as mãos com fervor para o corpo chagado de Jesus, que lhe ficava de rosto. A sua alma, simples e crente, recebia agradecida a iluminação da sua fé: fechou os olhos na consagração para gosar maior recolhimento; recebeu na communhão a sagrada hostia com sentido fervor. A sua voz era hymno de festa e supplica pranteada, por se julgar sinceramente indigno e peccador. O seu rude coração procurava, na amplidão infinita, a luz divina para se guiar, e pedia a Deus que acceitasse as suas supplicas com bondade e misericordia. O Fagundes respondia-lhe com prestesa, pronunciando o latim com boa accentuação. No final, o sacerdote disse o *ita missa est*, lançando um agradável olhar sobre o ajudante, satisfeito da sua compostura e do seu

esmero no desempenho do mister. As tres velhas que assistiram á missa confessaram, depois, que nunca tinham ouvido outra tão linda. Na sachristia, cumpridos os preceitos rituaes, o abbade voltou-se expansivo e disse:

— Pois muitissimo de bem! E qual é a tua graça?

— Fagundes, senhor.

— Pois amigo Fagundes, ajudas o santo sacrificio na perfeição. Quem te ensinou sabia o seu latim. Hoje participarás das modestas sopas d'um padre cá d'estas serras. Agora vamos nós ás papas de leite, que a Custodia faz como ninguem, e devem estar promptas.

* * *

A residencia parochial era em frente da egreja, logo à sahida do adro. A creada já sabia da grande novidade da chegada do estrangeiro, que ajudara à missa, e preparara-se com o dobro do almoço. Ao sachristão, que apparecera no fim, disse o padre Ventura:

— Hoje não precisei de ti. Podias ter ficado a fazer sócos. Pena é que o novo ajudante se não demore.

Mas demorou. O Fagundes interessou o ecclesiástico com o que lhe contara da sua vida. Aquelle desprendimento d'ambições não era vulgar. Em todo o caso, entendeu:

— O corpo precisa de comida e de agasalho. A gente tem de os ganhar.

— E as aves do céu, e os bichos do matto? — respondeu o vagabundo.

— Mau! D'esses tracta Deus. São brutos e não teem alma para se guiar.

— Alguns animaes parece que a teem, senhor — considerou timidamente o Fagundes.

O padre deu uma palmada na mesa, onde pousara a tigela de papas, e concordou:

— Ás vezes parece realmente isso! A minha burra, só lhe falta fallar. É esperta!...

— E os passaros não fazem os seus ninhos, que nós não eramos capazes de fazer? — reforçou o Fagundes.

— Dianho do home, que diz coisas com cabeça! — exclamou a Custodia, no meio da cosinha.

— Espera, mulher, que eu lhe respondo já — disse o padre

Domingos. — Deus ensinou os passaros a fazer os ninhos; mas não lhes deu alma. Alma — definiu com sisudez — é esta coisa que, quando morremos, vae para o céu ou pr'ó inferno, consoante somos julgados, lá em cima.

— Isso deve ser assim, senhor abade. Vossa reverendissima que o diz, é que o sabe. O Espirito Santo, lá na nossa igreja de S. Tomé, é uma pomba branca — disse o commensal.

— Isso é p'ra *aboar* mais ligeiro p'r'ó céu — intrometteu-se Custodia.

— Não entremos nos mysterios, mulher! — aconselhou o sacerdote. — N'essas coisas tu és uma bruta, eu sou um bruto e aqui o Fagundes é outro bruto. Nenhum de nós percebe nada! O Espirito Santo é uma das Pessoas da Santissima Trindade; são a coisa mais difficil de explicar. Come outra tigella de papas, amigo, que estão ricas, e não penses no que se passa de telhas acima, senão para acreditar no que nos diz quem o sabe, que são as sagradas escripturas explicadas pelos apóstolos e doutores da igreja. E ponto: vamos ás papas que estão d'arregalar!

Estas e outras conversas, que se seguiram, interessaram vivamente o ecclesiástico, que vivia ha quarenta e oito annos entre serranos broncos, apartado de todo o tracto intelligente. Apesar da sua apresentação, quasi mendigante, o vagabundo mostrava certo convivio de civilisado. O padre Domingos conjecturava que elle teria alguns principios, pois lhe reconhecia argucia argumentadora. Dava-lhe, porém, que scismar esta preferencia pela vida d'acaso, que adoptara e em que passaria, decerto, fomes e frios. Parecia-lhe que todos deviam precisar d'uma Custodia providente, para lhes cuidar das necessidades corporeas. No momento em que ia ler o breviario, deixara-se prender em taes pensamentos; mas afastou-os para continuar a resa, recostando-se no amparo celeste, e murmurou:

— Deus é que regula tudo no mundo. Se elle anda assim, é que Deus o quer.

Porém, o adventicio mostrava-se agradavel e proveitoso: ajudava-lhe á missa com mais intelligencia do que o desageitado do tamanqueiro, que estropiava o latim e entornava as galhetas; trazia-lhe a gaveta dos paramentos com que celebrava n'uma arrumação perfeita. Além d'isto, como escrevia lindamente, propunha-se a pôr-lhe em ordem os registos parochiaes atrasados,

em especial os assentos dos mortos, que o padre Domingos não lançava quasi desde o principio da sua collação, passando as raras certidões que lhe pediam por uns apontamentos rudimentares, tomados á pressa, entre duas pescas de trutas, ao anzol. Quando comsigo mesmo se reprehendia por uma tal negligencia, desculpava-se: «Deixa lá, Domingos. Quem vae p'ró outro mundo bem sabe o dia em que partiu. De cá não pede noticias, porque tambem as não manda. Casamentos e baptisados fia mais fino; temos as heranças e os recrutamentos».

Nem mesmo estes livros estavam em dia. A sua mão, preguiçosa para escrever, só tinha geito e força para sustentar a canna com a sediella, que elle fabricava á maravilha dos pellos arrancados da cauda da sua egua. Desgostava-o o trabalho fastiento e quieto de se curvar sobre os tombos da egreja, de aparar a penna de pato com que escrevia, de confeccionar a sua tinta, feita de cortiça queimada com vinagre. D'aquella terra fragosa não se recebiam, nem se mandavam novidades para fóra. Quando queria communicar com um abbade visinho, preferia a bocca de qualquer parochiano, para mandar recado, a traçar duas linhas no papel. As trutas eram arteiras, escapavam-se-lhe n'um abrir d'olhos, precisava de as trazer vigiadas e bem contadas, no ri-beiro; não lhe sobrava tempo para delicadesas.

Por isso a dóse de progresso social ali trazida pelo Fagundes, ainda que produzindo evidentes vantagens, não deixara de lhe augmentar certo movimento alterante da sua vida descançada. Porém, este roto civilisado era affavel e desprendido de ceremonias; com tudo se contentava, quer em comida, quer em agasalho. Quando, depois d'uma ceia de caldo e toicinho, o abbade fallou casualmente do atraso dos seus registos, e o vagabundo, mais uma vez, se lhe offereceu para lh'os ordenar, informou-o:

— Eu tenho ahi uns rabiscos de lembranças. Onde elles não chegarem, recorro á minha memoria, que é de ferro. Lembrome de coisas, de quando fui no primeiro dia do estudo.

Desenterrados de ampla arca de castanho os tomos deixados pelo antecessor do padre Domingos, e vistas as resumidas notas d'este, assentaram em dar começo ao trabalho ingente. Os petrechos para a escripta, que o reverendo apresentou, eram coisas archaicas. A respeito das pennas de pato, o Fagundes disse:

— Não estou acostumado com ellas. Se vossa reverendíssima mandasse á villa buscar pennas d'aço e tinta nova...

Mandou com prestesa, recommendando que lhe trouxessem do melhor. Assim preparados, escolheram uma manhã soalheira: trouxeram a mesa da sachristia para debaixo do carvalho antigo, que havia no adro, e mãos a obra. Os poeirentos e defumados livros parochiaes sahiram da escuridade, onde moravam esquecidos, para nova convivencia de interesses. A pelle de cabrito da encadernação rangia nos dedos, de ressequida. O abbade trouxe a caixa do rapé, o lenço vermelho d'Alcobaca, e sentou-se ao lado do escripturario, com os pés ao sol, promptificando-se a escovar sua memoria de tudo que não pudesse servir para o caso. E mui contente, como se sentisse remoçado em annos, disse n'um tom alegre e risonho:

— Então vamos lá a isso, amigo Fagundes. As trutas hoje teem sueto. Parece que tiveram algum santo a pedir por ellas. O que vaes escrever fal-o com a tua letra de primor. Eu firmarei depois os assentos em baixo com a minha mão. Deixa-me logar ancho, porque eu esparralho muito a letra, quando assigno. D'esta maneira não haverá *dubeda* que, o que acima se diz, é a verdade.

— Comecemos pelo principio — disse o forasteiro.

— Tamem me parece melhor p'ra um começo — concordou ironicamente. — Mas que pensarão estes calhamaços, depois de tantos annos a dormir, quando sentirem ranger de novo a penna em cima! Talvez cuidem que o padre Jeronymo ressucitou, ou que vae, cá pela aldeia, algum tremor de terra.

O Fagundes continuou:

— A gente nasce, casa-se e morre; por isso nascimentos, casamento e mortorios...

— Famosa lembrança! — applaudiu o sacerdote. — Tens cabeça, rapaz! Eu ainda que matutasse um mez, não me vinha semelhante ideia. P'ros nascimentos e casamentos, a coisa será mais facil; porque o atraso não é tamanho, e ha ahi muita gente viva. Quanto aos defuntos, teremos de ir á sorte do que me lembrar, pois ácerca dos mais antigos não se encontrarão velhos que os tenham conhecido. Mas está ahi o rol de todos.

O Fagundes, examinando cuidadosamente as resumidas notas do padre Ventura, disse:

— Nascimentos não estão maus...

— E' que tenho de dar todos os annos relação dos rapazes:

que devem ir p'ra soldados. Que eu livro-os todos, com os votos das eleições.

— Casamentos — continuava o Fagundes — já não é a mesma coisa. Faltam muitos.

— As mulheres — informou o abbade — ahi andam rijas e feras, algumas com a barriga á bocca, e com certesa lhes hade ter ficado memoria da primeira noite que dormiram com o seu homem. Chamam-se a perguntas.

Os dois castos interlocutores, obrigados pela forma da *referencia*, olharam-se mudos, sem se explicarem.

— Quanto a defuntos — concluiu o escrevente — não temos quasi nada. Faltam desde o começo apontamentos, ha só os nomes.

— Já te disse que se hade arranjar pelo melhor — observou o padre Ventura. — Eu recordo-me de coisas antigas, que não fazes ideia! E se se não puzer o dia certo, não faz mingua. Que importa saber se morreu a *um* ou a *sete*? No outro mundo já lhe deram o destino que mereceu, conforme o que por cá fez, e consoante o dia em que restituiu a alma a quem lh'a deu. Cá para nós, dizendo-se que morreu, está prompto. Quem é que se importa com o tempo em que isso foi?

O Fagundes observou:

— Não sei como vossa reverendissima se arranjava quando lhe pediam qualquer certidão, p'ra negocios de justiça.

— Poucas vezes se deu; mas nunca houve empeno. Perguntava ao que m'a requeria quando era que o morto tinha fallecido; se o não sabia ao certo, eu deitava as minhas contas. Ia ao livro do padre Jeronymo, via como elle tinha feito um assento. No sitio do nome do outro punha o d'este: e quanto á era, ou m'a diziam, ou basculhava-me cá por dentro, p'r'á encontrar. Se nem assim arranjava, chamava algum velho que m'a dizia se a soubesse. Ás vezes ia assim como quem acerta. E olha que nunca me puzeram *dubedas*, lá na villa, ao que eu escrevia.

Tomando folego, rematou com nobre desdem por toda a complicada ordem social:

— Que tudo isto são modernices. Para que é preciso saber essas coisas? Uma pessoa nasce, nasceu; morre, morreu, e está acabado. Os antigos não se importavam com taes ninharias e governavam melhor do que os de agora. Em quanto por cá se está, é preciso ter juizo; depois... não é comnosco...

— E se um dia vem por ahi a autoridade examinar os livros? Que fará vossa reverendissima?

— Que farei? Levanto-lhes a freguezia contra! Mandem os soldados que quizerem, que tenho ahi caçador que onde põe o olho, põe a bala; e bimbo-os, um a um, por detraz d'esses pene-dos, que é um regalo.

O vagabundo tomou a si o papel de defensor da organização da sociedade actual, toda burocracia e papelada. Recordando-se do que ouvira no cartorio do Mendes, observou:

— Mas é que pôde haver prejuizo de terceiro...

— Qual terceiro?!... — exclamou o padre Ventura. — Cá não ha terceiro, nem segundo, nem primeiro. Já te disse que em qua-renta e oito annos de parochó, poucas d'essas certidões tenho passado. As partilhas faço-as com os parentes do morto: cam-pos dividem-se conforme os irmãos; as cabras e ovelhas, que estiverem nos curraes ou nas brandas tocam umas tantas a cada um. E prompto.

A velha Custodia appareceu com a sua cara espraiada, di-zendo:

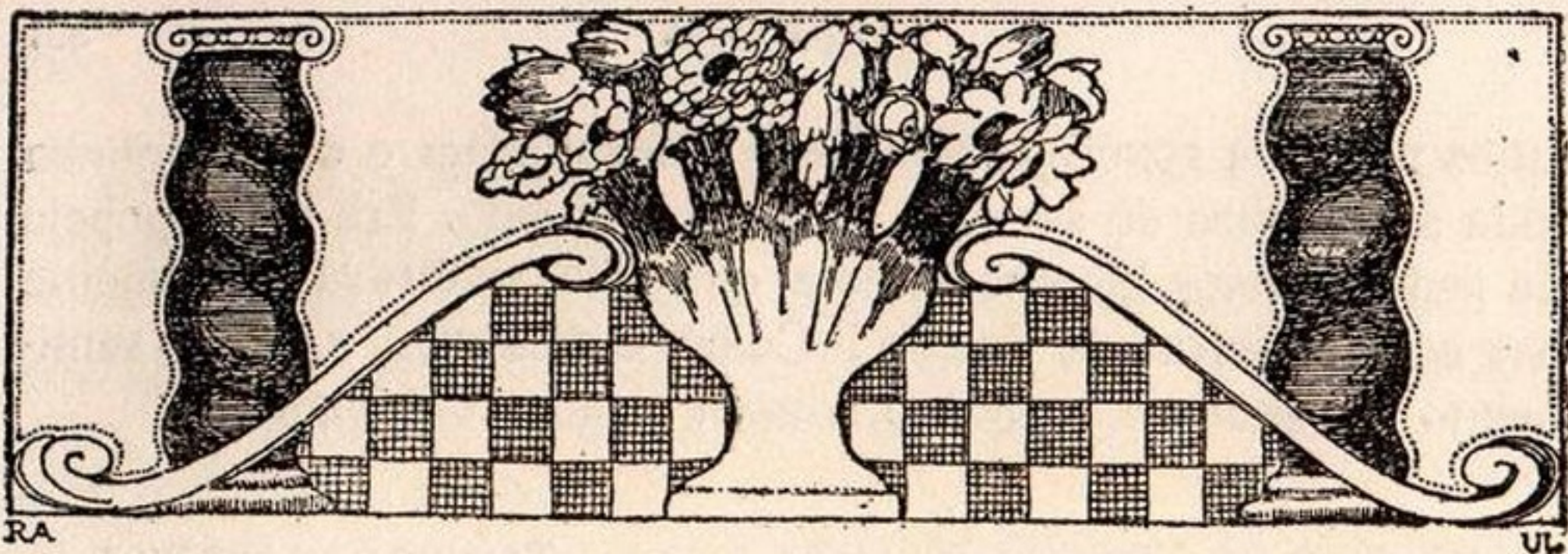
— Eu só queria saber o que estarão aqui a prégar, ha um rôr de tempo! Com estes papeis aos tombos, o que quererá dizer? Esquecem-se que é preciso dar as badaladas do meio dia, pois o sol está no pino. Essa gente que está nos campos precisa resar e comer o seu caldo. O nosso tamem está promptinho, e cheira que é um regalo.

— Vamos lá, mulher, vamos. Fagundes dá ahi no sino as dose da conta, e depois vem-me ajudar a metter a torneira no barril, que me mandou o abbade de Villar do Veiga pelas trutas que lhe enviei p'ró orago. Podes arregalar o teu olho de gato, Fa-gundes, que o Villar da Veiga é do melhor vinho da ribeira.

Em dias posteriores terminaram o trabalho grandissimo, o me-lindroso trabalho de reconstrucção de mais de quarenta annos de vida pastoral. Á maneira que o padre Ventura ia sentindo reviver na sua memoria esse passado, uma como mocidade lhe surgia no coração, limpo de impurezas mundanaes. Nem elle imaginara o que tinha dentro de si! A recordação de baptisados dos que hoje eram casados; de casamentos dos que estavam vivos ou mortos, era para elle motivo de alegria e tristesa! Via a sua freguezia em festa, a velhice a sahir da juventude, a morte a fechar o ci-clo da existencia. Esta aldeia, encostada no ventre da montanha,

cujos pincares rompiam as nuvens e desafiavam o céu, continha toda a sua alma de serrano, ali nado e creado. Era uma epopeia de pedra e gelos hibernaes, esta que elle soletrava diariamente nas adustas terras de Suento! Como é generoso e fiel o sentimento da natureza quando o homem a sabe contemplar!...

TEIXEIRA DE QUEIROZ



A um poeta

*Longe do esteril turbilhão da rua,
Benedictino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no socego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!*

*Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica, mas sobria, como um templo grego.*

*Não se mostre na fabrica o supplicio
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edificio:*

*Porque a Belleza, gemea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artificio,
É a força e a graça na simplicidade.*

(Inedito)

OLAVO BILAC.

Camões em Coimbra

Conferencia realizada no sarau promovido pela Associação Académica de Coimbra, sob a presidencia de S. Ex.^ª o Reitor da Universidade, no Teatro Avenida, aos 2 de Junho de 1915.

SENHOR REITOR DA UNIVERSIDADE, MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES :

Falando em Coimbra, e falando numa grande festa de estudantes, desejo falar de um estudante de Coimbra.

Chamava-se êle Luís Vaz de Camões.

De 1537 a 1542 Camões frequentou os estudos nesta nobre cidade, e eu aspiro apenas a recordar alguns dos seus versos cujo intimo sentido ficou ligado para sempre á encantação de esta paisagem, — paisagem cuja influição de delicadeza e de comunicação com a poesia das coisas é, quanto a mim, tam util, pelo menos, ao afinamento de aqueles que por aqui passam como a sciencia que os senhores professores ministram nas suas aulas. Ha pouco tempo, numa conferencia que realizei na sala do Instituto, nesta cidade, eu disse, falando de canto coral, da beleza e da preciosa virtude educadora que êle proporciona, que me não assustava demasiadamente que tantos portugueses não soubessem lêr, custando-me mais que não soubessem cantar.

Esta afirmação, feita de mais a mais numa cidade tam nobremente doutoral como esta é, póde parecer estranha a bastantes pessoas. Mas eu estou costumado a dizer o que sinto e falo como artista; e é ainda nestas condições que afirmo que se tivesse um filho a estudar em Coimbra, mais me custaria que êle não amasse, não sentisse, emfim não admirasse a beleza da paisagem, do que se ficasse reprovado nos actos que se fazem aqui, e em cujo resultado, no meu tempo, entrava uma consideravel porção de acaso, — no meu tempo que era ainda um tempo clas-

- sico em que a veneravel sombra de um sabio lente de Direito Romano nos fazia palidos e tremulos, sombra que evoco tambem com simpatia e respeito.

Porque, para falar um pouco de poesia e de Camões *moço de estudo*, conforme se dizia no seculo XVI, como não falarei primeiro da paisagem que êle tam profundamente sentiu, de esta atmosfera a que eu já chamei de perolas desfeitas em alados nevoeiros, em que os choupos e salgueiros se fundem com plangencia na esparsa melodia de ao redor; paisagem de humidos longes, que desabrocha num ar a cujo surdo esplendor nenhum outro na terra se assemelha, — iluminada penumbra em que os sonhos, embalados no colo aerio das neblinas, podem abrir seus olhos misticos sem que as melindrosas pupilas se magôem...

Permitam V. Ex.^{as} que eu lhes faça esta confidencia: — De cada vez que volto a Coimbra, temo encontrar Coimbra menos bela; receio achar mais telhados de Marselha a agredir os nossos olhos; inquieta-me que o alargamento das construções destrua o encanto de certos logares que eu e os meus amigos intimamente conhecemos e amámos; assusta-me, emfim, a ideia de me encontrar mais pobre, como português e como artista, por ter perdido mais um aspecto, um recanto ou uma arvore cuja beleza de antes me encantou. Sempre me quis parecer que o problema português é sobretudo um problema do gôsto, e se nós temos sofrido tanto é só talvez porque desprezámos a beleza em tantos dos seus aspectos. E' preciso, porém, que os Coimbrões saibam defender a paisagem da sua terra como o seu mais legitimo e mais belo motivo de orgulho, e com o mesmo espirito com que na Idade-Média os povos defendiam as regalias dos concelhos; é preciso que os proprietarios encarreguem artistas de desenharem as casas que construirem, para que as pessoas educadas e sensiveis se não entristeçam ao passearem por estes campos; é preciso, numa palavra, que nos convençamos de que a beleza da paisagem constitue um dos mais preciosos elementos do patrimonio nacional, uma das mais belas afirmações da patria. Foi esta mesma paisagem, decerto mais bela no tempo em que êle estava em Coimbra — mesmo porque nessa epoca não se abusava das palmeiras — foi esta paisagem que Luís Vaz sentiu e amou ao chegar aqui aos doze anos, recomendado a seu illustre tio o monge cruzio D. Bento de Camões, para frequentar as Escolas de Santa Cruz anexas a esse mosteiro e em parte sustentadas por

seus vastos rendimentos. Frequentando as escolas de Santa Cruz, Camões era aluno da Universidade, pois que D. João III mandou, na sua larga reforma, incorporar os diferentes collegios com a Universidade, de guisa que todos esses estabelecimentos de ensino formassem um todo — a Universidade de Coimbra — cuja instalação nesta cidade foi uma derrota para as pretensões de Lisboa e de Evora e uma gloria para o Mosteiro de Santa Cruz.

Com a reforma de D. João III a Universidade atingiu um momento de esplendor, contando-se entre os seus professores, além de ilustres estrangeiros, os mais eminentes portugueses, entre os quais André de Gouveia, que o monarca fizera vir de França, onde fôra um dos mais celebres mestres da Europa — *le plus grand Principal de France* — e onde tivera discipulos como Rabelais e Montaigne. O esplendor das Humanidades, que D. João III parecia querer sinceramente desenvolver, era porém incompativel com o esplendor das fogueiras da Inquisição, que êle acendêra tambem; e todo esse brilho se extinguiu depressa, porque nesta epoca a nação decaía já rapidamente. Após o reinado do rajah D. Manuel, deslumbrante de gemas orientais, embriagado pelos aromas da conquista, entrára-se na epoca sinistra da vida portuguesa, e a patria sumia-se na sombra. Estava-se já longe de essa admiravel Era de Quatrocentos, durante a qual Portugal é tam português, e cuja imagem ao mesmo tempo forte e gentil, ousada e calma, tam nobre e tam chan, ficou vivendo nos paineis de S. Vicente, pintados por Nuno Gonçalves em honra dos homens mais representativos da nossa raça, dos mais belos portugueses da nossa historia, cujos retratos é preciso ir admirar ao Museu de Arte Antiga em Lisbôa, para junto de esses Antepassados cobrarmos o animo que ás vezes nos falta junto de tantos dos seus descendentes actuais.

Camões veio já no tempo escuro e triste que foi tam discretamente criticado por Sá de Miranda nas suas *cartas*, e em que êle já tem saudades do outro Portugal, o Portugal de seus avós *santamente grossos*; e Camões sentiu de resto tam bem a epoca em que vivia, que os proprios *Lusiadas* são um hino de gloria que uma elegia acaba, são a unica epopeia que termina a chorar.

Mas, chegado a Coimbra, começou a exercer-se em Camões a influencia de seu tio o monge D. Bento, que, na sua qualidade

de Prior geral de Santa Cruz, desempenhava o alto cargo de Cancelario da Universidade; e essa influencia foi certamente das mais decisivas e de mais vasto alcance na educação e no futuro do poeta. A feição do espirito de D. Bento de Camões que mais nos interessa é aquela que no-lo entremostra como um espirito cultissimo e sensível, capaz de adivinhar desde logo o genio do seu moço sobrinho, cuja precocidade de caracter devia de ser simpatica ao illustre monge, — precocidade que em ardimento nós podemos avaliar, sabendo que Luís de Camões solicitou licença para seguir na expedição naval com que D. João III auxiliou o imperador Carlos V contra o grande corsario Barbarroxa, e contando o poeta a este tempo apenas onze anos de idade.

Na infancia ou na adolescencia dos grandes homens, quantas vezes aparecem estes ternos e obscuros mestres espirituais, em muitos casos até de condição humilde e por isso mesmo mais tocante!

O que não deveu Garrett, por exemplo, á sua velha ama Brizida, que lhe contava em menino os contos de fadas e lhe recitava as baladas do nosso Romanceiro, — velha ama depositaria do tesouro das tradições populares, desprezadas ao tempo por uma literatura de academicos sem alma porque não comunicavam com a alma da nação!

E quando mais tarde, na sua mansarda de emigrado, em Londres, Garrett entreviu os horizontes novos do Romantismo, foi a memoria amavel da velha ama Brizida que se ergueu no seu espirito e no seu coração saudoso de Portugal e das cousas da patria, a que êle ia restituir a alma poetica esquecida.

E' preciso, portanto, acentuar quanto Camões havia de ter devido á influencia de um homem como D. Bento, cuja personalidade nos deixa adivinhar, através da distancia, uma ardente natureza contida nos limites estreitos de uma ordem monastica, uma alma de cavaleiro exilada no corpo de um conego regrante. E tanto assim que a lenda apoderou-se tambem da sua figura, poetizando-a heroicamente, quando nos refere que êle costumava rezar diante do tumulo de D. Afonso Henriques. E, diz um velho Agiologio — «estando pois certo dia recitando algumas devoções diante do sepulcro do Santo Rei, D. Afonso Henriques lhe appareceu glorioso, dando-lhe as graças de quão excelentemente se havia portado no cargo.» Estas felicitações do primeiro rei ao antigo Cancelario da Universidade não são, como a alguns pode-

ria parecer á primeira vista, uma cousa comica, pela razão de serem uma cousa poetica e com o alto valor de nos revelar que o monge D. Bento era por sua natureza proprio para ser poetizado pela tradição que o fez ser cumprimentado pela sombra gótica do guerreiro que ainda dorme o seu sono na mesma arca de pedra. Para que a poesia invente a proposito de uma pessoa que ela foi cumprimentada pelo Santo Rei D. Afonso Henriques, é antes de mais nada preciso que essa pessoa seja muito notavel, que seja um poeta ou um heroe, e com efeito não me consta que nos ultimos tempos nenhum Cancelario da Universidade tivesse recebido os parabens del-rei. Então, nesta florida terra, leda, fresca e serena, como êle diz de Coimbra numa canção que de aqui a pouco vou recordar, entre os nobres conselhos de seu tio, os estudos de Aristoteles, as longas leituras na livraria de Santa Cruz e o sortilegio da paisagem, — Camões escreve os seus primeiros versos, e entre êles apura-se uma elegia que celebra a Sexta-Feira de Paixão, elegia timidamente composta, que deve ter sido o seu primeiro ensaio importante, precedida de um soneto de dedicatória a D. Bento de Camões, e na qual se encontram estes tercetos endereçados a Jesus Cristo:

Recebe, pão da vida, este pequeno
Sacrificio de mim, á sombra escrito
De um alto freixo de este vale ameno.

E dá-me tanta graça e tanto espirito
Para que sempre louve, qual espero,
O teu saber profundo e infinito.

Tomára ser Virgilio ou ser Homero,
Sómente no saber, que foi divino...

Tomára ser Virgilio ou ser Homero, escreve Camões antes dos dezoito annos; e este verso sugere-nos que desde a sua primeira mocidade o poeta scismou numa Epopeia nacional. Mas as poesias de Camões no seu tempo de Coimbra que mais nos interessam são as suas redondilhas graciosas, ligeiras, namoradas, versos de rapaz, cantigas de estudante. Nas poesias de Camões em que êle empregou a chamada medida velha, sem que a influencia classica lhe fizesse perder o sentimento e a frescura das fórmulas tradicionais, distinguem-se com facilidade as que

pertencem ao periodo da côrte, em Lisbôa, — versos amaneirados, de uma galantaria quase affectada, glosando os motes dos serões dos paços da Ribeira, em que as Damas são tratadas com gentil respeito e em que se nomeiam ás vezes as pessoas que os inspiraram, — e as que pertencem ao periodo de Coimbra, de uma encantadora e mais livre facilidade, — lirismo dôce, malicioso, inspirado nos temas populares.

Pois que é o celebre «Vilancete de Leonor» senão o piqueno e adoravel poema da rapariga coimbran, cujo gracioso arranjo do traço Camões descreve com tanta graça e a cuja airosa figura nem sequer falta a bilha esbelta, — o piqueno e adoravel poema de todas as raparigas «formosas e não seguras», as quais, como essa linda Leonor quinhentista que Luís de Camões cantou, deixam sempre na lembrança dos que como êle por aqui passaram alguma recordação cheia de simpatia, um eco de voz cantada e moça, uma sombra de perfil suave, enfim uma saudade ou muitas saudades e muitas recordações. A Senhora D. Bertha Vianna da Motta, por uma deferencia absolutamente especial pelo tema da minha conferencia e pela festa — deferencia a que devemos ser gratissimos — vai ter a gentileza de recitar esse Vilancete:

Descalça vai para a fonte
Leonor pola verdura;
Vai fermosa, e não segura.

Leva na cabeça o pote,
O têsto nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote;
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura;
Vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro entrançado,
Fita de côr de encarnado,
Tam linda que o mundo espanta;
Chove nela graça tanta
Que dá graça á fermosura;
Vai fermosa, e não segura.

Noutra cantiga que deve ser da mesma epoca, Camões cele-

bra Leonor chorosa. (*A Senhora D. Bertha Vianna da Motta recitou a seguinte Cantiga:*)

Na fonte está Leonor
Lavando a talha e chorando,
A's amigas preguntando:
— Vistes lá o meu amor?

Posto o pensamento nêle
Porque a tudo o amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por êle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando,
A's amigas preguntando:
— Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre ãa mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar já cansados,
Algum descanso lhe dão.
Desta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dor, e em si tornando,
Mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos agua,
Que não quer que a dor s'abrande
Amor, porque em magua grande
Seca as lagrimas a magua.
Despois que de seu amor
Soube, novas preguntando,
De improviso a vi chorando.
Olhai que extremos de dor!

E provavelmente coimbran é também esta cantiga tam linda e ligeira no seu ritmo de bailado:

Menina dos olhos verdes,
Porque me não vêdes?

Eles verdes são,
E têm por usança

Na côr esperança
 E nas obras não.
 Vossa condição
 Não é de olhos verdes
 Porque me não vêdes.
 Isenções a mólhos
 Qu'eles dizem terdes,
 Não são de olhos verdes
 Nem de verdes olhos.
 Sirvo de gíolhos
 E vós não me credes
 Porque me não vêdes.
 Haviam de ser
 Porque possa vê-los,
 Que uns olhos tam belos
 Não se hão de esconder:
 Mas fazeis-me crer
 Que já não são verdes
 Porque me não vêdes.
 Verdes não o são
 No que alcanço deles,
 Verdes são aqueles
 Que esperança dão.
 Se na condição
 Está serem verdes,
 Porque me não vêdes?

Estes e outros versos de Camões trazem o perfume da sua mocidade vivida em logares de que êle guardou sempre a recordação mais enternecida. Certamente o seu genio de poeta, desabrochado em Coimbra, mereceu aqui a admiração mais viva por parte dos seus camaradas e até por parte dos seus mestres, porque o moço poeta foi o escolar incumbido de escrever um Auto para uma das representações dramaticas que na Universidade se faziam por ocasião de festas religiosas, conforme era costume em todas as universidades da Europa. Coimbra tinha já a honra de haver assistido a festas magnificas de teatro porque Gil Vicente fizera representar a D. João III, estando este rei *na sua muito honrada, nobre e sempre leal cidade de Coimbra*, em 1527, entre outras comedias a da *Divisa da Cidade de Coimbra*,

representada nos paços de Santa Clara a velha e na propria sala onde Inês de Castro fôra morta.

Nessa comedia se trata, diz o autor, «o que deve significar aquela Princesa, Leão e Serpente, e Calix, ou fonte, que tem por divisa» «e assi este nome de Coimbra donde procede, e assi o nome do rio, e outras antiguidades de que não é sabido verdadeiramente sua origem». «Tudo, diz ainda Gil Vicente, composto em honra da sobredita cidade». Camões escreveu o *Auto dos Enfatriões* para essa festa universitaria, inspirando-se na corrente tam viva e tam nacional dos Autos vicentinos. E' pena que a comedia de Camões, com os seus cinco actos, não ofereça condições favoraveis para ser ressuscitada e representada pelos estudantes de hoje nalguma bela festa que viessem a organizar. Assim foram decorrendo os cinco anos que Luís de Camões esteve em Coimbra, e quem sabe se a êle se referiam tambem as palavras severas de uma carta de D. João III ao Reitor da Universidade, e pela qual se sabe que a el-rei desagradavam sobremodo as serenatas, segundo se depreende de esta passagem: «Eu sou informado que alguns estudantes de essa Universidade, não esguardando o que cumpre a serviço de Deus e meu, e á honestidade de suas pessoas, andam de noite fazendo musicas e outros actos não mui honestos por essa cidade, de que se segue escandalo aos cidadãos e moradores, e pouca autoridade e honra á Universidade».

Certamente Camões discutiu e palrou em grego e em latim com os seus condiscipulos, ás horas em que no adro gradeado de Santa Cruz, segundo uma descrição da epoca, havia grande concurso de estudantes, para os quais era vergonha empregar outras linguagens que não fossem aquelas, — estudantes que safam como «enxames de abelhas dos dois polidos e concertados collegios de Santo Agostinho e de S. João Baptista», onde as aulas ou gerais eram dez, «ladrihadas e forradas, e providas de catedras mui artificiosas».

Assim chegou Camões aos dezoito anos e, partindo para Lisboa, para a côrte, com o seu grau de bacharel latino, acabava para êle o unico tempo ditoso da sua vida.

Mais tarde Camões recordou com tristeza, numa crise de paixão, mas com orgulho e até com humorismo, o tempo da sua adolescência em tudo excecional, a sua força e destreza nos jogos corporais e os seus airosos talentos para trazer enganadas e contentes as mulheres que o amavam :

A barba então nas faces me apontava ;
 Na luta, na carreira, em qualquer manha
 Sempre a palma entre todos alcançava.

De minha tenra idade, em tudo estranha,
 Vendo, como acontece, afeiçoadas
 Muitas Ninfas do rio e da montanha,

Com palavras mimosas e forjadas,
 De solta liberdade e livre peito
 As trazia contentes e enganadas.

Na côrte nos diz o poeta que achou «más linguas, peores tenções, danadas vontades, nascidas de pura inveja»; achou o odio dos poetas sem talento e dos cortesãos sem dignidade, entre os quais ficou immortalizado para a nossa repugnancia esse abominavel Pero de Andrade Caminha, — o denunciante de Damião de Goes, — que não teve pejo de fazer um epigrama ao olho cego de Camões, a essa nobre cicatriz de soldado! Por toda a parte encontrou traições e dôres, de que o compensaram, é certo, as simpatias preciosas e finas das mulheres; sofreu saudades mortais e nostalgias, cuja vivissima expressão ficou ecoando em canções e sonetos escritos nas remotas paragens do Oriente; trabalhando como escritor, como soldado e como funcionario, foi sempre pobre num tempo em que os capitães e aventureiros enriqueciam depressa nos saques; deixou enfim a vida, como êle proprio diz, «pelo mundo em pedaços repartida» — e sempre o seu pensamento se voltaria para onde lhe corrêra o tempo da formosa adolescencia, para os logares que êle abandonou numa situação que é geralmente considerada como um primeiro e misterioso destêrro, e que celebra nesta canção do mais puro lirismo, em que se nos revela o primeiro grande amor que sentiu e em que exorta os seus proprios versos a acompanharem por estes campos estas claras aguas:

Vão as serenas aguas
 Do Mondego descendo
 E mansamente até o mar não param;
 Por onde as minhas maguas,
 Pouco a pouco crescendo,
 Para nunca acabar se começaram.
 Ali se me mostraram

Neste logar ameno
Em que inda agora mouro,
Testa de neve e de ouro,
Riso brando e suave, olhar sereno,
Um gesto delicado
Que sempre na alma me estará pintado.
Nesta florida terra
Leda, fresca e serena,
Ledo e contente para mi vivia ;
Em paz com minha guerra,
Glorioso com a pena
Que de tão belos olhos procedia.
De um dia em outro dia
O esperar me enganava.
Tempo longo passei :
Com a vida folguei
Só porque em bem tamanho se empregava.
Mas que me presta já
Que tam fermosos olhos não os ha ?
Oh! quem me ali dissera
Que de amor tam profundo
O fim pudesse vêr eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora
Já perdida a esperança
Visse o vão pensamento
Desfeito em um momento
Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre será firme
Até no derradeiro despedir-me.
Mas a mór alegria
Que de aqui levar posso
E com que defender-me triste espero,
E' que nunca sentia,
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,

Não vos dará tal pena
 Como a que me condena ;
 Que mais sentirei vosso sentimento
 Que o que a minha alma sente.
 Morra eu, Senhora, e ficai vós contente.
 Tu, Canção, estarás
 Agora acompanhando
 Por estes campos estas claras aguas,
 E por mi ficarás
 Com choro suspirando ;
 Porque ao mundo, dizendo tantas maguas,
 Como uma larga historia
 Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Mas onde o genio de Camões consagra á natureza e á paisagem de Coimbra o seu hino mais bello é no episodio de Inês de Castro, dos *Lusiadas*.

Antes de Camões já Garcia de Resende celebrára nas suas trovas o mesmo tema, inspirado talvez em cantigas entoadas pelo povo, e tratando-o de um modo tam admiravel na sua formosissima balada que todos os poetas que depois de êle vieram repetiram alguma cousa que êle lá pôs primeiro.

O achado genial de Camões consistiu, porém, em ajuntar ao motivo da tragedia a atmosfera que a envolve e a paisagem que lhe faz fundo. Pela primeira vez os saudosos campos são invocados para ficarem vivendo a magua da mulher morta de amor. Nessas estancias o canto começa por ser contemplativo e emba-lador, ergue-se depois eloquente na tragedia, e enfim esmorece em acordes melancolicos, num lagrimoso adagio em que se ouvem ecos de fontes, ramalhar de choupos, murmurios do rio, — musica que é a propria poesia da Coimbra bela, de aquella que nós amâmos e Camões amou :

Estavas, linda Inês, posta em sossêgo,
 De teus anos colhendo doce fruto,
 Naquele engano da alma, ledô e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito ;
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes ensinando e ás ervinhas
 O nome que no peito escrito tinhas.

(A Senhora D. Bertha Vianna da Motta recitou a seguir esta estancia :

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram ;
O nome lhe poseram, que inda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome, amores.

* * *

Mas se eu escolhi para esta noite de festa o tema que tenho desenvolvido num estudo ligeiro e escrito rapidamente, a fim de poder satisfazer os amaveis desejos da Associação Academica, foi com um pensamento apenas, foi com o designio de sugerir aqui hoje aos estudantes uma ideia que dêles deve ser e não minha, uma ideia que por certo em todos se encontra palpitando, pronta a converter-se em realidade e a ser de hoje em diante o pensamento dominante da Academia e do Orfeon que belamente a representa.

Estudantes de Coimbra : levantai em Coimbra o busto de Camões !

Agora que felizmente o Orfeon renasceu, agora que a Academia de novo possui o órgão de laringes sonoras, constituido pela confraria de cantores enlevados na admiravel beleza e na harmoniosa concordia do côro, — eis a obra que á sua iniciativa um antigo estudante propõe. — Estudantes de Coimbra : levantai em Coimbra o busto de Camões. Será o busto de Camões adolescente, moço e gentil escolar de Artes e Humanidades, e esta virá a ser a unica imagem do poeta em cujo rosto veremos os dois olhos.

Erguendo esse monumento, tereis realizado a mais espiritual, a mais estetica, a mais patriotica das obras academicas, por ser aquela que encerra, além de sua beleza propria, o mais nobre e perduravel character, prolongando-se através das gerações sucessivas. Camões ficará sendo então o contemporâneo de todos os moços portugueses que por aqui passarem, o mais illustre e o mais querido de todos os camaradas. Mas não o levanteis numa praça ou numa rua, porque as memorias dos poetas são por demais melindrosas para se exporem em tais logares as imagens que as perpetuam. Para glorificar a memoria de um poeta jámais

se devem fazer cortejos com filarmonicas, nem batisar com o seu nome uma rua qualquer. Não ha nada mais delicado e mais difficil do que consagrar a memoria dos artistas, que são naturezas exigentes, que têm por instinto o horror do que não é belo.

Essas glorificações requerem antes de mais nada uma noção perfeita do bom gosto, e se o mais perfeito bom gosto a elas não presidir, nós podemos imaginar que aquele que se pretende glorificar se está sentindo tristemente vexado na immortalidade, enquanto os vivos que assistem a essas chamadas festas se sentem constrangidos no mesmo triste vexame.

O busto de Camões de que eu vos falo acharia o mais formoso e discreto logar no Jardim Botanico, olhando para o Mondego do alto do seu pedestal lavraão pelos illustres e modestos canteiros de Coimbra, discipulos do benemerito professor Gonçalves, — nesse encantador Jardim onde se encontra já a estatua acolhedora de Brotero, sorrindo placidamente à sombra das arvores, com o seu sorriso esculpido pelo estatuario genial que se chamou Soares dos Reis, e no qual se divisa a bondade de quem amou profundamente as plantas e as flores.

O monumento de Camões que vós erguerdes será, portanto, o primeiro que Portugal levanta com beleza ao seu Cantor, visto que o monumento da praça de Lisbôa é detestavel, condenado a desaparecer se Lisboa vier a ser uma bela cidade, e o que existe já em Coimbra ser mau tambem, inda que atesta o esforço da geração declamatoria que ali o pôs.

Erguendo esse monumento por vossa iniciativa e com os vossos recursos, vós, estudantes de Coimbra, juntar-vos-heis ao grande e belo movimento de patriotismo que nos ultimos anos se tem desenvolvido em Portugal, — patriotismo intelectual que nos concedeu uma noção nova da patria, oposta às negações terriveis em que fomos educados.

Portugal nunca foi tam bem amado como nos ultimos anos — independentemente dos factos de ordem accidental que têm perturbado a vida portuguesa, — porque nunca Portugal foi tam amavelmente estudado pelos seus artistas e pelos seus sabios, que têm trabalhado no silencio dos gabinetes onde a multidão os ignora, e têm erguido o monumento das nossas tradições, dando-nos o orgulho da razão de ser da nossa existencia nacional, demonstrando a magnifica realidade do nosso esforço consciente e do nosso heroismo no passado, desde a obra dos Descobrimentos e

Navegações, com que abrimos á vida da humanidade os horizontes mais vastos e fecundos, — essa obra que hoje é vista a uma luz nova que lhe duplica o valor historico, — e que Luís de Camões cantou no Poema em que scismava já quando era escolar de Artes e Humanidades em Coimbra.

Por virtude de esse monumento erguido por escolares ao mais representativo de quantos por Coimbra passaram, por virtude de esse padrão espiritual e symbolico, vós, estudantes, sentireis mais amor à tradição da vossa terra, do vosso estado e da vossa escola, e o culto da Tradição, — eu orgulho-me de ter sido um dos primeiros homens novos de Portugal que o escreveu e o disse bastantes vezes em publico, em palavras cujo sentido de todo se não perdeu, — é a condição primeira, a mais bela e a mais firme, do culto da Patria.

O busto de Camões virá, emfim, a ser a propria imagem de todas as mocidades que por aqui passam e aqui deixam alguma cousa do que mais belo existe em cada um de nós.

E na frente do pedestal ler-se-hia em elzevires de bronze o soneto em que Luís de Camões se despede de Coimbra, e em que êle murmura a sua confidencia de saudades à paisagem bem-amada; os versos em que o poeta, olhando as doces e claras aguas do rio, promete lembrá-las sempre através das mudanças, dos errores e das dores da sua vida:

Doces e claras aguas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança
Longo tempo após si me trouxe cego.

De vós me aparto, si, porém não nego
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem poderá fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova e estranha,
Oferecida ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas asas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós se banha.

NOTA. — A Associação Académica de Coimbra e a direcção do Orfeon Académico corresponderam da maneira mais bela, mais honrosa para a tradição coimbran e mais ardentemente inspirada no amor da nossa Patria, à ideia exposta nesta conferencia, cujo unico merito consiste em ter provocado a expansão de sentimentos existentes nas almas moças a quem se dirigia, as quais não haviam ainda encontrado o polo do seu esforço contido e palpitante. Á serie de concertos dados já pelo Orfeon Académico no Porto e noutras cidades do norte do país, a fim de obter fundos para o monumento a *Camões escolar*, — que será obra do grande escultor Teixeira Lopes, — seguir-se-ha a série dos concertos de Lisboa e de outras cidades do sul. O Orfeon Académico, percorrendo Portugal a cantar para o monumento dos estudantes a Camões, realiza uma das obras mais belas que poderiam juntar-se ao movimento de reconstrução nacional. Escrevo estas linhas numa hora em que ao meu coração aflue todo o amor, toda a adoração pela terra sagrada da Patria — e de que a Patria saírá salva e redimida pelas gerações novas de Portugal.

Lisboa, 9 de Março de 1916.

Dia da Declaração de Guerra.

A. L. V.



Revista do Mez

OLAVO BILAC EM LISBOA

A *Atlantida* dedica à estada de Olavo Bilac em Lisboa toda a sua «Revista do Mez». Lisboa vivêu, com efeito, durante quasi um mez, no enlevo, na admiração e na apothese do eminente Poeta, honra das letras brazileiras, gloria da lingua Portugueza. Foi um verdadeiro acontecimento, e um acontecimento da maior importancia para as relações literarias e intellectuaes dos dois paizes. Por isso a *Atlantida* o quer registrar em todos seus pormenores e em todos os seus aspectos.

AS MANIFESTAÇÕES POPULARES

O JANTAR DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA — OS JORNAES

Durante a sua recente permanencia em Lisboa, Olavo Bilac, foi alvo das mais significativas homenagens de admiração e carinho por parte de todas as classes sociaes. O chefe do Estado quiz ter a honra de o sentar á sua meza, oferecendo-lhe um jantar íntimo em que foram igualmente convivas algumas illustres personalidades literarias e o director da *Atlantida*, dr. João de Barros. Domingo, 26 de março, realizou-se em honra do presidente da República uma grandiosa manifestação popular, a propósito da entrada de Portugal na guerra europeia. O cortejo, composto de muitos milhares de pessoas, foi desfilar perante o edificio da camara municipal, em cuja varanda estavam o dr. Bernardino Machado, os membros do governo e os ministros das nações aliadas. Pouco antes, passara em frente do Avenida Palace e como a multidão descortinasse a uma das janellas Olavo Bilac, que presenciava o desfile, ergueram-se de todas as boccas, frementes de entusiasmo, vivas calorosos ao Brasil, á República irmã e ao seu grande poeta. Foram alguns minutos de inolvidavel comoção. As salvas de palmas estrugiram, os chapéus e os lenços agitaram-se no ar, todos pararam voltados para Bilac surprehendido com

aquella admiravel demonstração de affecto á sua gloriosa patria. O eminente lírico agradeceu profundamente sensibilizado, erguendo um Viva a Portugal.

No dia 28, tres dos jornaes nocturnos de Lisboa, *A Capital*, *O Seculo* e *A Opinião*, inseriam interessantes entrevistas com Olavo Bilac ácerca da attitude do Brasil em face da presente situação internacional.

NA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

A Academia das Sciencias reuniu, a 30 de março, em sessão nocturna, extraordinaria, para receber Olavo Bilac, seu socio correspondente estrangeiro. Presidiu o dr. Coelho de Carvalho, secretariado pelo general Christovam Aires, estando presentes os socios effectivos Candido de Figueiredo, Teixeira de Queiroz, Lopes de Mendonça, Pina Vidal, Gama Pinto, Leite de Vasconcellos, Virgilio e Archiles Machado, Silva Amado, Julio Dantas, Zeferino Falcão, Marrecas Ferreira, Rodolfo Guimarães e David de Mello Lopes; os socios correspondentes Esteves Pereira, Nunes Gonçalves, José de Figueiredo, João de Barros, J. Joaquim Nunes, Eduardo Sehwalbach, Victor Ribeiro, Alberto de Oliveira, Antonio Cabreira, Cunha Gonçalves, Luciano Pereira da Silva, Alfredo Luis Lopes, Almeida de Eça, Gomes de Brito, Fidelino de Figueiredo, Antonio Correia de Oliveira, Manuel Monteiro, Augusto de Castro e os socios correspondentes estrangeiros Edgar Prestage e J. Lucio de Azevedo, o notavel historiador brasileiro, alem do homenageado.

Proferiram discursos de saudação em honra de Olavo Bilac os academicos Coelho de Carvalho, Lopes de Mendonça, Julio Dantas, Candido de Figueiredo, Teixeira de Queiroz e Almeida d'Eça, propondo Alberto de Oliveira que a Academia enviasse á Academia Brasileira a saudação mais fraternal e a expressão de ardentes votos pelo estreitamente das relações intellectuaes luso-brasileiras.

Olavo Bilac, escutado com enlevo e aplaudido com calor pelos seus confrades, proferiu a oração brilhantissima que publicamos na integra e de que os jornaes, no dia seguinte, deram extractos.

Discurso de Olavo Bilac

Senhores. «Foi com uma viva comoção, mas sem acanhamento, que passei o ádito desta nobre casa. Enche-me de orgulho a acolhida que me dais; mas não bati á porta como intruso, e não transpuz a soleira como forasteiro. Entrei com recatada ternura e affectuoso respeito, como familiar do sacrario, e como filho do solar, filho obscuro e pobre, mas sempre filho.

Não olho com a surpresa de uma primeira visita a fisionomia deste recinto. Vendo-vos, falando-vos, ouvindo-vos, sinto que este nosso encontro é apenas a continuação de outras confabulações, de antiquissimo trato. Parece-me que conheço desde 1834 estas casas do Convento de Jesus. Mais ainda... Não me assaltaria um sobresalto, se em vez de estar falando entre estes muros, eu me visse transportado para outras residencias mais velhas, e se a minha voz soasse nas escuras salas do palacio do Monteiro-Mór, ou nos escuros andares do Poço dos Negros, primitivas sédes das vossas reuniões. Não me acabrunharia o assombro, se, por uma nova obra de feitiçaria, a situa-

ção e a hora de hoje se arredassem ainda mais para tempos mortos, num recúo de mais de um seculo, e se esta sessão fosse a vossa primeira sessão, na mansão real de Maria Primeira, em 1780 . . . A minha voz não tremeria, e os meus olhos se não enevoariam de medo, se o mobiliario actual, e o vosso vestuario, e o aspecto de vossas figuras se transformassem, e se, de repente, sob os paineis de um tecto do paço das Necessidades, entre paredes cobertas de panos de Arrás e de tremós dourados, eu visse no estrado da presidencia, — risonho, sob a peruca empoadada, com o peitilho tufando em bofes de ren-



das, entre as abas do colete de damasco, o duque de Lafões ; e, em torno dele, outros espectros vivos, — Correia da Serra, botanico e antiquario, amigo das plantas e dos livros, verdadeiro criador desta companhia; padre Theodoro de Almeida, filosofo e poeta ; o sexto visconde de Barbacena, capitão general das Minas Gerais ; Pedro José da Fonseca, beneditino das letras, filologo e lexicografo ; padre Joaquim de Foyos, teologo no pulpito e pagão heleno na biblioteca : e outros ancestrais da Academia, outras grandevas figuras redivivas . . .

Toda essa fabrica e maquinação de magica me não espantaria, porque tudo isso me pareceria uma natural ilusão dos meus olhos, uma alucinação justificavel do meu espirito.

Esta consciencia de existencias anteriores, vaga lembrança de varios ava-

taras, é fenomeno psiquico muito familiar a todos os espiritos que se nutrem de tradicionalismo, dados ao amor e ao culto das coisas do passado.

Sempre fui um tradicionalista, sem ser um retrogrado. Vivo feliz, ou resignado do presente, e estimulado pela curiosidade do futuro; mas vivo tambem, e muito, da saudade dos tempos que vivi, e de tempos que realmente não vivi... Saudade rara, mas não absurda. Talvez seja um pouco exagerada em mim esta paixão pelo passado; mas paixão bem humana e bem sã. Não ha alma que possa viver sem saudade. Lembrar é viver e reviver. A certeza do hoje nasce da lembrança do ontem: um homem sem recordações seria uma pedra inerte...

O que vos digo explica a falta de constrangimento com que me apresento a vós, sem o temor de um ádvena, sem a cerimonia de uma visita passageira. Isto explica tambem o vivo desejo com que procurei a honra e o jubilo de pertencer á vossa companhia. Querendo ser vosso, quiz, de modo mais forte, encorporar-me á vossa cultura e integrar-me no vosso passado.

Este meu tradicionalismo não é incompativel com o meu nacionalismo. Nacionalista ardente, e não nativista, tenho um patriotismo com pergaminhos e brazões. E a minha atitude, aqui, é a mesma que me governa no Brasil.

Ha nos anais desta casa uma pagina que vos orgulha e me orgulha; aí resplandece um nome que nunca se apagará da historia do Brasil, e aí avulta uma lição, que esclarece e nobilita a minha situação. Reza essa pagina que «na sessão publica de 24 de junho de 1819, o secretario geral da Academia despediu-se dos seus companheiros, porque ia fixar residencia no Brasil». Esse secretario era então um homem de cincoenta e seis anos. Nascera em Santos, no Brasil; mas educara-se na Europa. Era homem de sciencia e de letras. Vivera em escolas, em universidades, em bibliotecas, em museus, em laboratorios: naturalista, era botanico, biologista e mestre em mineralogia; mas, entre longas horas de arduos estudos, sonhava e poetava: e, pastor da Arcadia, tangendo uma avena, e modulando suspiros de amor, rimava éclogas, que circulavam pelos outeiros literarios, com a assignatura de *Americo Elysio*... Chamava-se este homem José Bonifacio de Andrada e Silva.

Já em 1819 imaginava e sonhava ele, entre estas paredes, a autonomia da colonia portuguesa de Santa Cruz? Acredito que sim. Os melhores sonhos, os mais fortes e felizes empreendimentos da vida humana são os da maturidade. Os cincoenta e seis anos de José Bonifacio tinham, de certo criado e germinado na sua alma a sua vocação de patriarca. Seja como fôr, tres anos e tres mezes depois daquela sessão, era proclamada a independencia do Brasil, em setembro de 1822; e a mais viva centelha daquela revolução foi o nacionalismo de José Bonifacio.

Mas não havia, entre o secretario da Academia e o chefe do governo de Pedro I no Brasil, incompatibilidade nem contradicção. Fundador de uma nova patria, o nosso prohomem não renegava a metropole amamentadora do seu espirito. Não havia neste apartamento um gesto de repulsa de uma criatura ingrata, no primeiro dia de uma criação nova, afrontando o criador. Era o direito e o dever, a necessidade da conservação propria e da continuação da raça, o cumprimento da missão consciente do filho maior, emancipado do patrio poder, criando um lar novo em que perduravam o nome, a honra e a religião do lar primitivo.

Hoje, noventa e quatro annos depois, um outro brasileiro, humilde e modesto, vem falar a Portugal, nesta mesma Academia, em que soava a nobre voz do grande brasileiro José Bonifacio. Reata-se a tradição; e a historia das duas nações permanece una e indivisa.

Em verdade, o meu nacionalismo é filho do meu tradicionalismo. Quero que a minha patria se orgulhe da sua historia. Diz um inepto brocardo que as nações felizes são as que não teem historia. O que quer dizer: as que nunca tiveram guerras, nem fomes, nem revoluções, nem terremotos, nenhum cataclismo fisico ou moral. Apagada e miseravel felicidade essa: a felicidade dos pantanos, na estagnação e no apodrecimento... Mas que nações puderam jamais viver n'essa estúpida bemaventurança?

O sofrimento é a essencia e a razão de ser da vida. Nem os rudimentares acampamentos barbaros da antiguidade, nem as mais obscuras aldeias selvagens de Africa, nem as mais ignoradas tabas do alto Mato Grosso, nem as mais remotas galerias dos castores e as mais negras tocas das formigas, no fundo da terra, podem lograr vida sem sofrimento...

Não quero que a minha nacionalidade tenha uma vida sem passado e sem provações. Não quero que ela viva como essas plantas inferiores, que subsistem sem gloria e sem martirios, como as algas errantes sobre as aguas, sem lar; como as aeróbias, que se nutrem do ar, sem tentaculos de nutrição; como as epífitas sem alicerce proprio, agarrando-se a rochas asperas; como as parasitas, que, hospedas importunas, se alimentam de seiva alheia, vegetando sobre outros organismos generosos... Quero que ela seja uma d'essas grandes e belas arvores, de longas e profundas raizes, aferrando-se no mais remoto e secreto seio da terra, no amago do solo consagrado pelos tempos, regado pelo suor, fecundado pelas lagrimas, lavrado pelo sacrificio de muitas gerações de trabalhadores. Quero que a sua copa livre, autonoma, soberana, alargue no amplo céu a sua mocidade e a sua independencia; mas quero tambem que, com a sadia verdura das suas folhas, com a formosura das suas flôres e com o sumarento viço dos seus frutos, ela reconheça a força do humus da terra de que se fez a sua seiva, e abençõe a nobreza dos seculos que a robusteceram.

Bem sei que comprehendereis e acolhereis com animação estes sentimentos e estas palavras. Não estarieis aqui, se não fosseis, como eu, amigos do passado.

Houve, na antiguidade, recessos religiosos, longe da animação das cidades, no seio de vales desertos, que se chamavam «bosques sagrados»: o de Dódona e o de Epidauro, na Grecia, e o de Vesta e o de Egeria, em Roma. Eram destinados ao culto das musas e das tradições, ás Camenas e ás Memorias, asilos de meditação e de saudade. As Academias de hoje são bosques sagrados, votados, como os antigos, ao estudo do presente e do passado, á ficção e á ciencia, ao serviço da inteligencia pela filosofia e á perfeição moral pela historia. E enobrece-as cada vez mais a ancianidade que as sustenta.

A Academia Brasileira é nascida de hontem: foi fundada em 1896; mas já tem comsigo um passado, de que pode ufanar-se: congénere e filha da vossa, já pode chamar sua a gloria dos cento e trinta e sete annos de idade que a vossa conta.

A Academia Brasileira, ao nascer, quiz afirmar a sua filiação, e os seus sentimentos de fidelidade á cultura portugêsa; estatuiu que, dos vinte lu-

gares de seus membros correspondentes, dez sejam sempre ocupados por homens de letras de Portugal. Os mais ilustres representantes da vossa literatura teem sido consagrados pela nossa eleição. O nosso carinho tem preenchido com justiça os claros que a morte abriu na lista. A citação dos nomes dos correspondentes actuais mostra que sabemos amar e chamar todas as glórias das vossas letras, querendo faze-las nossas: Theophilo Braga, prodigioso e feliz operario, que, na abençoada velhice, tem a fortuna de ver acabado o monumento de mais de trinta volumes, que o seu esforço levantou em honra das letras e da civilização de Portugal; Guerra Junqueiro, poeta de cólera e de ternura, de ira e de meiguice, em cuja alma ha sarças de fogo em que troveja um deus, e moitas floridas em que sonham rouxinois; Candido Figueiredo, forte architecto do *Diccionario Contemporâneo*, continuador mais venturoso de Costa Macedo, Pedro José da Fonseca e Bartholomeu Jorge, vossos académicos do século XVIII, mártires da lexicografia; Alberto d'Oliveira, poeta e prosador de raro brilho, estrenuo advogado da união das duas Academias e das duas Patrias; Eugenio de Castro, ardente cantor da Belesa e do Amor, em cujos poemas passam todas as formosuras femininas, do esplendor fascinante da sensual *Belkiss* á portuguesa suavidade da pura *Constança*; Antonio Correia d'Oliveira, o apóstolo dos *Autos*, das *Parabolas*, das *Orações*, centelha viva da terra, emanação natural do piedoso Portugal; Jayme de Seguíer, o fino orquestrador dos *Adagios e Allegros*, e cronista valoroso, que ora defende pelo *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro a causa da cultura latina; Antonio Feijó, a musa pastoril das *Lyricas e Bucolicas* exilada para as brumas da Escandinavia; e Carlos Malheiro Dias, alma tecida de entusiasmo e de brandura, a quem, sobre tantos livros de verdade e de sonho, deve a lingua portugueza essa obra prima de humanidade e de misericordia, que se chama *A paixão de Maria do Ceu*.

Outros nomes ilustres, outros próceres vivos das vossas letras, historiadores, poetas, novelistas, críticos, não pertencem ainda á Academia Brasileira, só porque, infelizmente, a lei academica não permite a criação de novos logares. Mas vivem todos eles, na admiração e no affecto que lhes votamos.

E, senhores, tendes gentilmente estimado e fidalgamente retribuido a nossa amizade. Ainda ha poucos meses chamastes á vossa comunhão o presidente da Academia Brasileira, Ruy Barbosa, fulgor do Brasil, honra de toda a America, mestre entre todos os que prezam o idioma de Camões.

De mim, que poderei dizer-vos? A lembrança do meu nome, a minha eleição, e a alta dignidade, que ora me dais, são bem pesadas e compreendidas pelo meu criterio. Não condecorais propriamente o poeta, que é pobre, e o brasileiro, cuja unica virtude é a sinceridade. Honrais em mim, acidentalmente, o Brasil e a poesia brasileira.

O mais valioso agradecimento, que eu vos possa exprimir, é a formal promessa do assiduo trabalho com que sempre colaborarei comvosco. Disse-vos, ha pouco, que me não apresento a vós como hospede passageiro. Repito-o. Não desejo que de mim guardeis apenas aquela recordação das visitas fugazes, de que falavam os velhos romanos: «*memoria hospitium unius diei protereuntis...*» Pretendo ficar aqui, residente, se não em presença real, ao menos em espirito constante, em contínua preocupação. Ainda de longe, pensa-

rei em vós, e pensarei comvosco. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega : o da nossa historia e da nossa lingua. E, á mingua do brilho que vos não posso dar, poderei dar-vos o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.»

O BANQUETE DA «ATLANTIDA»

Em 31, efectuou-se no Grande Hotel Central o banquete promovido pela *Atlantida* em honra do insigne poeta. A vasta sala de jantar achava-se ornamentada admiravelmente, por Augusto Pina, com flores e as bandeiras brasileira e portugêsa, tendo ao fundo o busto da Republica. Ao banquete, em que os convivas eram cêrca de noventa, presidiu Henrique Lopes de Mendonça, presidente da Academia das Sciencias, o qual tinha á direita o dr. Fernandes Costa, Ministro do Fomento e o major Maia Pinto, secretario geral da presidencia da Republica, e o Dr. Manoel Monteiro, presidente da Camara dos Deputados; e à esquerda Olavo Bilac e o dr. Pedro Martins, ministro da instrucção. Do outro lado da meza presidia o Dr. Veloso Rebello, encarregado de Negocios do Brazil, tendo á direita o Ministo da Justiça, e á esquerda o Dr. Augusto Soares, Ministro dos Extranjeros.

Ao toast falaram: Henrique Lopes de Mendonça; José Antonio de Freitas, correspondente do «Jornal do Comercio», do Rio de Janeiro; dr. Jaime Cortezão, director da revista portuense «Renascença Portuguesa»; dr. Alexandre Braga, deputado; Sousa Bandeira, Secretario da Embaixada; dr. Alberto de Oliveira, consul de Portugal, no Brasil; dr. Veloso Rebelo, encarregado de negocios do Brasil em Lisboa; dr. Joaquim Pedro Martins, ministro da Instrucção; dr. João de Barros, director da «Atlantida», e por ultimo Olavo Bilac, cujo discurso tambem publicamos. O hino brasileiro foi ouvido de pé por todos os convivas.

Discurso do sr. Henrique Lopes de Mendonça

DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE PORTUGAL

Meus senhores: — Encarregam-me de saudar Olavo Bilac, em nome dos escritores portugueses. O mandato é duplamente arduo, pois que, sobre a minha insuficiencia para dignamente o cumprir, me impele á reedição de frases admirativas que n'outras conjuncturas a sua personalidade me tem sugerido.

Mas a personalidade do mestre do soneto portuguez, do cinzelador eximio, do nobre perpetuador da nossa lingua e da nossa poesia, é demasiado conhecida de todos nós, politicos, homens de letras, artistas, portugueses emfim, para que seja necessaria avultal-a. Prefiro, se m'o permitem, acentuar a oportunidade, quasi direi providencial, da sua vinda á nossa patria, no momento em que perfgam os altos destinos de uma civilisação, de que elle é um dos mais eminentes representantes.

Desenganemo-nos, senhores. A conflagração terrivel, em que nos vemos forçosamente envolvidos, tem varios aspectos, dirimentos dos interesses varios em jogo, politicos, economicos, sociaes. Mas aquele, que a meus olhos sobreleva, pela transcendencia universal do seu alcance, é o da velha luta entre o espirito nordico, a um tempo nebuloso e duro, e o espirito meridional, luminoso e subtil. Estamos assistindo, a quinze seculos de distancia, ao em-

bate, hoje mais formidável ainda, que teve como resultado o desmembramento do mundo romano. São as nevoas setentrionais que tentam dourar-se á luz do sol bemfazejo. E' a torrente impetuosa que se encapela na ancia de subverter a velha, a lucida, a admirável civilização greco-latina.

D'esta vez, porém, com confiança o esperamos, o desenlace tem de ser outro. Não são já instituições carcomidas, povos corruptos, organismos caducos, que a invasão encontra deante de si, favorecendo a decomposição do velho mundo. Revigoram-se as energias que fecundaram mundos novos, reaviva-se a chama que iluminou a Terra, rejuvenesce a pujante alma latina, favorita do sol. E enquanto as mãos, frementes de entusiasmo sagrado, aperam espingardas ou assestam canhões, os espiritos enfeixam-se n'uma convergencia fulgurante que deslumbra o barbaro.

Sim! cerremos filas, nós, os representantes da mentalidade greco latina, beligerantes e não beligerantes, ainda mesmo aqueles que, de raças diferentes, slavos ou anglo-saxonios, ungiram os labios no mel divino, segregado pelas abelhas do Hymeto. São nossos irmãos esses todos. E é n'um coro fraternal que entoaremos os péans da victoria!

E' por isso que se me afigura singularmente oportuna a vinda do grande poeta brasileiro á velha patria portugueza. Ele sentirá debaixo das plantas o estremecimento deste solo que alimentou seus antepassados, na face a aragem que inflou as velas de Cabral, na alma o fluido que, esparzido por heroes incomparaveis, perfumou o globo inteiro. O avôsinho encanecido, prestes a empunhar a espada, cobra novo animo ao beijar, n'um impeto de ternura, o neto que o glorifica.

E' este o significado das aclamações com que acolhemos Olavo Bilac. Sentimos nele a immortalidade da nossa raça. Vemos nele um penhor seguro de revivescencia para o genio lusitano. E os nossos braços, ao estreital-o, crescem na musculatura, como se a eles refluisse um sangue que já conhece as nossas veias. E' a inversão do simbolo mitologico de Anteu. E' a florescencia radiosa que restitue ao velho tronco a seiva exuberante. E' a vida que se alenta na consciencia da eternidade.

Saudando Olavo Bilac, nele saudamos o genio brásileiro, gêmeo do nosso. Sobram no grande poeta qualidades para esta personificação ambiciosa. Eu, se alguma virtude possuo, é a de ter uma alma acessível á admiração, nobre sentimento desconhecido dos espiritos tacanhos. E quando a admiração me empolga, dominadora e absorvente, como perante a obra do grande poeta brasileiro, ela ofusca me no espirito as ancias de analyse. Deante de uma flôr, eu desdenho a botanica; em presença de Venus de Milo, sinto horror aos preceitos anatomicos. Como poderei pois descompôr, segundo as regras da critica, a admiração carinhosa que me inspira a obra de Bilac? Apenas um sentimento sobrenada, bem visível: o reconhecimento pelo culto fervoroso que o poeta de além do Atlantico presta á lingua que é nossa, e que, graças ao seu genio, retúmbará pelos seculos fóra, para testemunhar á humanidade a grandeza da nossa raça.

Quanto ao mais, não sei sintetisar a minha devoção entusiastica, senão n'um grito, que me acode aos labios, ungido de lagrimas de ternura, grito em que me acompanharão com alvoroço todos os presentes

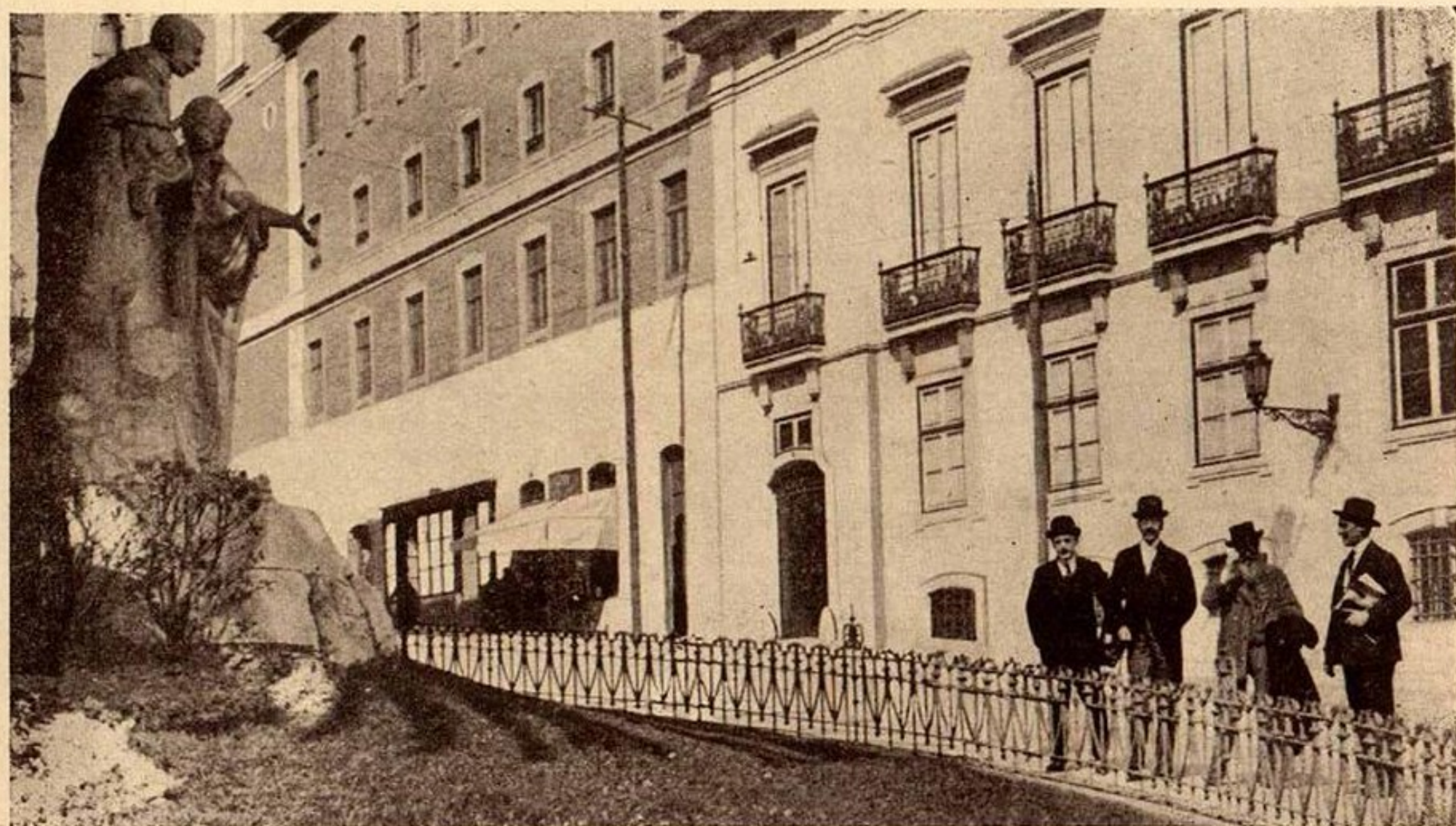
— Viva Olavo Bilac! Viva o Brasil!

OLAVO BILAC em Lisboa



O BANQUETE DA ATLANTIDA

Olavo Bilac junto do Encarregado de Negocios do Brazil, Ministros dos Estrangeiros e Justiça



Guerra Junqueiro, Olavo Bilac e o director e editor da ATLANTIDA, João de Barros e Pedro Bordallo, passando pela estatua de Eça de Queiroz

Discurso do sr. José Antonio de Freitas

CORRESPONDENTE DO JORNAL DO COMERCIO DO RIO DE JANEIRO

Disse que perfilhava a ideia poucos minutos antes emittida pelo seu querido amigo e erudito confrade, Lopes de Mendonça. Com effeito, se ha coisa no mundo verdadeiramente agradavel e consoladora, é a admiração. Folga de ver essa ideia seguida pela illustre direcção da *Atlantida*, a quem agradece haver-lhe proporcionado ensejo de saudar o glorioso auctor da *Via Lactea* e das *Panoplias*. Sauda-o com abundancia de coração, convencido de que assim interpreta os sentimentos vibrantes de todos os brazileiros residentes em Lisboa. Dentro de poucas horas, quando no Rio de Janeiro houver conhecimento d'esta festa, os jornalistas fluminenses não hão de considerá-la só como prova da sympathia, que inspira o collega, a quem é dedicada. Hão de tambem ver n'ella uma duplicação de respeito mutuo, de amizade consanguinea, e, inspirados por esses sentimentos, iremos todos, no canto preferido da grande officina universal, trabalhar pela felicidade da nossa familia — pela prosperidade de Portugal e do Brazil.

Devia agora salientar — como lá se diz na sua terra — as feições características da obra de Bilac. Não o faz por dois motivos. Primeiro, porque não deseja offender o pudor da sua modestia, fazendo largas referencias á sua individualidade. Segundo, porque receia que pelo temor de parecer suspeito, não diga tudo o que pensa. Não pode deixar de dizer que admira a riqueza da sua imaginação, a musica dos seus cantos, a perfeição immaculavel do seu estylo. Poucos poetas antigos e contemporaneos levam tão longe o respeito, o culto da arte de Apollo e das Musas. Olavo Bilac é o poeta da moderna geração, como Gonçalves Dias foi da sua. Tal qual succedeu em vida do inclito maranhense, trechos escolhidos das composições de Bilac já hoje desabrocham como flores, e cantam como passaros no jardim das anthologias.

Podia dar por finda a sua tarefa, mas em festas luso-brazileiras nunca é de mais fallar da união dos dois povos. Julga até que é conveniente fazel-o. E vae mais longe: entende que os auditorios nunca se cançam de ouvir: e, quando se cançam, é porque o orador não falla bem. E para fallar bem n'estas festas não são precisos vôos arrojados de eloquencia; basta fallar com o coração nas mãos. Basta escutar o que cada ouvinte pensa no seu coração, e communicar depois a esse murmurio interno o brilho e a resonancia das palavras sinceras. N'aquella festa devia fallar-se alto, porque se exaltava o amor profundo que une os membros de uma mesma familia.

Somos todos membros de uma mesma familia, e temos grande numero de caracteres communs, exclama. Enumerou os mais excelsos, affirmando que portuguezes e brazileiros em todas as epochas revelaram o gosto do bello, o sentimento das lettras, em todas as epochas prestaram culto ao Trabalho, á Liberdade e á Sciencia.

Na phrase de um alto espirito, os *Lusiadas* são a *Iliada* do trabalho em substituição á *Iliada* da guerra; e o que se tem feito no Brazil, se representa um enorme dispendio de dinheiro, tambem representa uma somma de Trabalho colossal. (*Colossal* com *c*, bem entendido).

Fez a apologia da Liberdade, evocando os nomes dos grandes abolicionistas, Joaquim Nabuco e Marquez de Sá da Bandeira. E, para demonstrar

que portuguezes e brasileiros prestaram sempre culto á Sciência, fez uma synthese do movimento scientifico durante o seculo XIX, citando os nomes dos filhos dos dois paizes, que nos diversos ramos do saber humano auxiliaram a vida d'aquelle seculo.

E proseguiu: «N'um banquete offerecido a um dos mais altos representantes da mentalidade brasileira, em presença de membros illustres do governo portuguez e de uma grande parte de que Lisboa possui em illustrações de todo o genero, a mim, brasileiro até ás medullas da alma e do espirito, enterrecido, grato, leal amigo dos portuguezes, nada podia ser mais agradavel, do que recordar o direito, que Portugal e Brazil teem á consideração dos povos cultos».

Em nome do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e em seu proprio nome, agradeceu tudo quanto nos ultimos dias se tem feito e dito de honroso para o seu paiz, em geral, e para o seu eminente compatriota em especial. N'esses ultimos dias mais uma vez ficou eloquentemente demonstrado que Portugal e Brazil são duas familias d'almas, cada vez mais unidas tanto pelas provações e tristezas, como pelos dias de orgulho e de jubilo nacional.

Felicitando calorosamente Olavo Bilac pela captivaute recepção, que tem tido em Portugal, levantou o seu copo em honra d'este bello paiz. Depois de brindar aos seus homens publicos sem distincção de partidos, ao seu commercio, á sua industria, á sua agricultura, á sua imprensa, á sua litteratura, á sua arte, ao seu povo, ás suas mulheres affectuosas e gentis, rematou assim: «Com o maior entusiasmo brindo ao seu exercito e á sua armada, intimamente convencido de que, se partirem para a guerra, hão de voltar de lá, trazendo a Gloria na frente e a Patria no coração; intimamente convencido de que, inscrevendo nas suas bandeiras os magicos nomes do Direito e da Liberdade, encontrarão n'essas duas ideias sacratissimas e no sentimento vivo do amor da Patria a coragem, de que sempre deram mostras, praticando deante de inimigos formidaveis coisas tão bellas como um canto de Homero!»

Discurso do sr. Jaime Cortesão

EM NOME DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»

Meus Senhores: Para além deste ar que respiramos, sopro invisivel do nosso fogo, ha um outro ar de beleza e misterio, dentro do qual arde mais abrazada a nossa vida humana. Não ha facto mais humilde na apparencia, que desencarnado do tempo e das contingências que o escurecem, não ganhe, quando penetrado desse eter vivificante, um esplendor occulto. E' aí que eu quero vêr desenhar-se este belo acontecimento. E' que hoje dão-se aqui o beijo fraterno duas patrias, que, sendo irmãs, mal se conhecem ainda, — uma representada por um grande numero dos seus maiores pensadores e artistas, e a outra por um só homem, é certo; mas não esqueçamos que é por um poeta e que é na obra dos poetas, quando eles cantam, que se afirmam as mais profundas verdades e aspirações dos povos.

E ora me lembra aquella antiga lenda, na qual se conta que em velhos dias o bom dum frade saiu do seu convento e meditando se foi até ao denso duma floresta. Lá, no recesso misterioso do arvoredado, atento ao canto dum rouxinol, de tal sorte se extasiou, que anos e anos, por séculos se ficou ouvindo a

divina toada música. Quando voltou, longos tempos volvidos, ao bater á porta do seu convento, nem ele nem os frades, uns e outros se conheciam.

Assim esse poeta magnifico, enviado dum povo irmão, vem até nós, passados quatro sculos d'ausencia, e olha-nos, d'olhar surpreso, quasi como quem vê desconhecidos. Todavia, — oh! grande poeta, nós somos teus irmãos e arde-nas no nosso peito o mesmo sentimento que entenece, exalta, torna queixosos e sublimes os teus versos.

Ha quatro seculos uma rajada de vento misterioso ou um bravo impulso de anciedade e orgulho desviou ao largo as velas e fez voltar os rostros impávidos das naus em direcção á tua terra, guiadas pelos marinheiros de Portugal que iam nas águas do mar. Lá, separados viveram, cresceram e fortes se tornaram. Hoje, aqui se reconhecem, na profunda irmanação da mesma lingua, o que vale dizer do mesmo genio, cultura e affectividade.

E, pois, que é essa harmonia e justo equilibrio que dá aos seus versos o polido, a sobriedade e nobresa dos mármores helénicos, senão a clara eclosão do genio latino, atravez do nosso sangue, carregado pelos tempos nas lentas gerações?!

E se é certo que na sua obra a terra brasileira tumultúa de vidas novas, se uma ardente volutuosidade casa os seus versos em rimas de beijos e que eles tõem, cantam, rumorejam, erguendo-se ao ceu, como o frondoso hino das florestas da sua Patria, queiram escutar bem os mais íntimos acordes da sua lira, os sonetos d'amôr, essa *Via Láctea*, jorro de lágrimas astrais, que se diriam choradas pelos mesmos olhos de Deus, e lá vereis como, entre fulgôres, tambem deriva em lágrimas silenciosas a mais que humana ternura portuguesa. E hoje, fundidos os seculos numa só hora, nula a distancia imensa, unidos os interesses diversos, casados os destinos num beijo fraterno, hoje que as nossas mais nobres paixões se acendem á volta dum alto ideal humano, eu te saúdo, oh! poeta sublime, criador de beleza, enviado do Ceu, que, como um semideus, ajudaste a dar eternidade á minha lingua — e saúdo o teu destino, o teu estro, a tua gloria, que é tambem a gloria imortal das nossas duas patrias!

Discurso do sr. dr. Alexandre Braga

Eu pensei sempre que quando exprimimos sentimentos verdadeiros e sinceros, nós não temos que desculpar-nos de não estarmos preparados para os dizer. Mas se é certo que em quasi todos os assumptos que têm, geralmente, de versar-se em festas d'esta natureza, os homens podem, como ha pouco foi dito por um dos oradores que me precedeu no uso da palavra, com o seu coração nas mãos dizer com facilidade, com singeleza, os sentimentos que os dominam; é certo, tambem, que festas ha, cujo significado é tão delicado, tão subtil por vezes, na significação dos proprios sentimentos que as inspiram, que os homens quando não hajam tido occasião de dominar, n'um momento de preparação e de concentração prévia o tumulto das proprias ideias, a violência e a precipitação das proprias palavras que lhe subiram do coração aos labios, se sentem mal. E sentem-se mal porque têm receio de que as suas palavras atraíçõem, por vezes, na precipitação de exprimirem um sentimento que profundamente os domina, a ideia clara, serena, tranquila e justa que elles quereriam rigorosamente exprimir.

Por isso, pela primeira vez na minha vida, declaro a quantos me escutam que não me preparei com um momento de concentração, sequer, para esta festa—não porque não desejasse fazel-o, mas porque as circunstancias em que esta festa se preparou e em que chegou até mim o anuncio de que teria a honra de ser a ella chamado me impossibilitaram, materialmente, de poder dispensar dois momentos de atenção a preparar não as palavras, senão as ideias que teria de exprimir. Todos me perdoarão, portanto, se os meus recursos vão ser absolutamente insuficientes para traduzir aquilo que eu quereria, de todo o coração e de toda a alma, exprimir n'este momento.

O Sr. Olavo Bilac é um poeta e a poesia foi, sempre, a maxima expressão da feição d'um povo. Todos os sinais que dominam e revelam a superioridade mental d'uma raça consubstânciam se, afinal, na obra dos seus idealistas e dos seus poetas.

Quando nós queremos buscar um nome que diga toda a Historia e toda a Vida d'uma Pátria, não é nem aos campos de batalha nem aos cofres dos argentarios, nem ao bulicio, á actividade, á febre das oficinas como não é, também, a tranquillidade, ao repouso, ao socego remoto dos laboratorios que nós vamos procural-o. Os heróis, os santos, os sábios, os trabalhadores desaparecem e se diluem para que só se veja gigantêsca e ofuscante uma figura: a do poeta.

Para nós, por exemplo, Nun'Alvares, com toda a sua fulgente gloria immorttal não é Pátria; a Pátria é Luís de Camões assim como em Inglaterra é Shackespeare, em Itália é o Dante. A vida de um genio, a sua palpação, a sua vida encontra-se n'um livro: os *Lusiadas*. E se esta verdade foi sempre invariavel e immortalmente reconhecida por todos os que trabalham e que pensam, por todos aquêles que procuram com a sua actividade, de todos os momentos, conquistar a possibilidade d'uma vida immorttal, que em todas as horas da existência dos povos esta verdade mesma teve de reconhecer-se, hoje além da obrigação de lhe prestarmos, como invariavelmente o fazemos, o nosso inevitavel culto nós temos ainda, sobre tudo, um dever: o de impôr a sua Verdade fazendo a celebração desta festa admirativa do homem que representa entre nós, n'este momento, a cultura latina, na hora em que uma outra cultura defensora do predomínio, da força, da violência, da injustiça, quer proclamar á face do mundo a falência da raça, que, ainda hoje, pela supremacia mental e pela sua penna sentimental é a única capaz de crear qualquer cousa que nobilite a humanidade e que lhe dê o direito de viver immortalmente.

.....

Saudar Olavo Bilac é, portanto, saudar o Brasil na sua alta mentalidade, na sua suprema representação: a representação dos Poetas. Eu faço-o com júbilo, com commoção enterneçada, não analysando a obra que conheço, que li com devoção e com amor, porque a poesia não se critica nem se analisa, sente-se. Isso basta! Mas sentindo-a com uma mentalidade nobre como a sua, com um coração igual do seu, com um temperamento irmanado nas mesmas aspirações e nos mesmos designios, que desde sempre orientaram as duas Pátrias diversas mas irmãs.

Eu saúdo — sei que é esta a saudação que mais póde no seu ánimo — a sua Pátria. Não lhe direi, como lisonja que seria indigna de um e de outro, que o seu nome será ámanhã, para as gerações do futuro, a synthese e a conjugação.

da vida artística do seu país; não lh'o direi por que a immortalidade para os poetas só se consegue depois de morrerem; mas digo — com uma profunda sinceridade, com a certeza de que traduzo os sentimentos de quantos souberem vêr mais que com os olhos, com o coração — que a sua obra é bella, é soberba, é admiravel porque é simples e é natural. Digo-lhe que havendo conquistado, e desde já, a certeza de que, depois de morto, o seu nome não será esquecido, em si tenho a segurança de saudar um dos authenticos e soberbos representantes da mentalidade latina; e saudando-o saúdo a sua Pátria, saúdo o Brasil, a nação admiravel que é para nós a certeza da nossa sobrevivência mental, a nação filha da nossa Cultura, do nosso genio, do nosso temperamento, irmanada nas mesmas aspirações e na áncia de idénticas conquistas, cujo futuro ha de caminhar paralelamente, porque se não desatam laços de sangue, ao futuro da nossa Pátria. E saudando, agora, a esperança para nós d'uma victoria proxima — victoria da civilisação, do direito e da justiça sobre a indignidade, a barbárie e o crime — eu congratúlo-me e regozíjo-me por poder fazel-o, não saudando o nome de um combatente que symboliza força, violência, que seja o signal do terror dos povos, mas o nome de quem por ser poeta, symboliza amor, bondade, pacificação e justiça.

O discurso do sr. Alberto d'Oliveira

CONSUL DE PORTUGAL NO BRAZIL

Meus senhores: A circumstancia accidental de ser eu o unico representante de Portugal no Brazil presente á festa de hoje, impõe-me o dever, difficil mas gratissimo, de erguer tambem, entre tantas vozes eloquentes, a minha voz sem brilho, para saudar em Olavo Bilac, principe eleito dos poetas do Brazil, o primeiro embaixador que as modernas Letras brazileíras acreditam junto das Letras portuguezas em missão extraordinaria e em hora providencialmente oportuna.

A pessoa e a categoria do novo enviado do Brazil não podiam ser mais gratas ao nosso coração nem mais dignas da tarefa que lhes foi confiada. Olavo Bilac encarna tão completamente o sentimento e o pensamento brazileiros que para nós é como o proprio Brazil que na sua figura vemos e pela sua boca ouvimos. Vós todos conheceis e admiraes o grande poeta. Eu admiro-o como vós; mas conheço-o talvez mais de perto, porque ha dois anos que ele é para mim, não apenas, como hoje o é aqui, um hospede insigne, mas como um companheiro de casa e um conterraneo. Quotidianamente o encontro nas esplendidas avenidas do Rio de Janeiro, que são o seu jardim da Academia, rodeado dos seus discipulos, ensinando-lhes o verbo divino da beleza e da poesia. A cada instante o oiço articular, com impecavel dicção, os seus versos diamantinos, nas festas literarias da capital brazileira, e vejo com que fervor se suspendem dos seus labios, como de favo ou nectario inexgotaveis, as almas sequiosas das mulheres e dos moços.

Sei como é poderosa a sua influencia e incontestada a sua magistratura intelectual e artistica, em todo o imenso territorio do Brazil. Ainda ha poucos mezes, ao calor da sua voz que o ritmo da arte e o do patriotismo por igual impeliam, vimos levantar-se a mocidade academica da culta S. Paulo n'uma

cruzada nova, n'uma *bandeira* nova, em prol do desenvolvimento da educação civica pela instituição do serviço militar obrigatorio.

Toda a nação vibrou a esse grito de alarme e de união patriótica. A opinião unanime, o apoio immediato do exercito, do governo federal, dos Estados, provaram logo a Olavo Bilac que o seu aviso era previsor e que nos tempos de hoje, pretendidamente prosaicos, como nos tempos heroicos de outr'ora os poetas continuam a ser não só trovadores, mas vates, isto é, profetas e guias seguros da alma nacional.

Mas Olavo Bilac é ainda, para nós homens de letras, a completa encarnação da poesia brasileira nas suas mais características manifestações. Direi até que os seus versos faziam falta á nossa poesia. O grande movimento literario chamado parnasiano, que de França irradiou por todas as nações latinas, não tem em lingua portugueza representante mais eminente, mestre mais autorizado do que Olavo Bilac. Ele é o nosso Gautier, a quem eguala se não excede na soberba *profissão de fé* que serve de portico ao seu livro de versos. Ele é o nosso Heredia, filho dos tropicos como ele, como ele ourives e lapidario do verso, e o tesouro da nossa lingua poetica deve-lhe ritmos novos, imagens e evocações novas, sonoridades novas que para sempre a enriquecem.

Os poemas de Bilac teem logar marcado á freute das nossas antologias e ninguem poderá de futuro ser poeta portuguez sem aprender tambem n'elles a arte entre todas difficil e laboriosa do verso. Acresce que se a nossa poesia parece em geral caracterisar-se pela sujeição da fórma á idéa e do ritmo ao pensamento, se somos mais sentimentaes e filosofos do que artistas, se todos ajoelhamos perante os conceitos sublimes dos sonetos de Antero do Quental, sem repararmos um instante em quaesquer imperfeições ou frouxidões tecnicas de alguns d'elles, no Brazil, pelo contrario, o ouvido dos poetas é mais apurado ou exigente e quer encontrar no verso toda a perfeição exterior imposta ás obras das outras artes. Uma rima pobre, um verso baço, um soneto de palido fecho, aparecem como sinaes de desleixo ou impotencia áquelas almas eretas no seio da natureza que lhes ensinou o segredo de todas as pompas e de todos os esplendores. E se o excesso em qualquer sentido é condenavel e perigoso, porque a arte é o equilibrio, não ha duvida que a nossa poesia, sempre tansbordante de seiva, mas por vezes insufficiente ou tumultuosa de expressão, só ganhará em receber a influencia disciplinadora dos poetas do Brasil, cultissimos estudantes da nossa literatura classica, sabedores profundos das mais ocultas riquezas da nossa linguagem. O famoso movimento de Coimbra, inonoclasta como todas as revoluções, subtraíu por longo tempo ao nosso estudo a obra comtudo tão interessante e educativa de Castilho; mas hoje, como mais de uma vez ouvi observar finamente a Eça de Queiroz, fazem-nos falta, ser-nos hiam muito uteis alguns Castilhos. E essa corrente Castilhana das letras brasileiras poderá cruzar-se com as nossas tendencias de diversa indole, para proveito de todas.

Mas Olavo Bilac, a quem chamei lapidario e ourives, a quem chamarei o novo e vitorioso caçador de esmeraldas, mais afortunado que o do seu poema, não cinzela senão oiro puro como o das minas do seu paiz, não lapida senão pedras autenticamente preciosas. O que da sua obra flue para a nossa arte é o lirismo tropical, exuberante, o sentimento filial e impetuoso da natureza, o

amor da mulher levado até ao delírio idealista e ao paroxismo sensual. Os poemas de Bilac encerram todos os murmúrios e perfumes, todas as fôrmas e côres, toda a luz e todo o calor da terra e do céu da sua Patria. As suas figuras femininas são modeladas como estatuas n'um mármore mais perfeito que o das estatuas, porque é quente e tem os movimentos da vida.

Esta é a prestigiosa personalidade que o Brazil nos envia a estender-nos mãos generosas de amigo certo, na hora incerta que atravessamos. O embaixador, repito, é digno da embaixada. Compreendo que ele se orgulhe de ser quem é perante a nação ilustre que o acolhe. Grande poeta, patriota ardente, prova viva da cultura e da autonomia mental do seu paiz, o orgulho que legitimamente o enche é o mesmo que nos enche a nós. Na *sua obra* nós vemos também a *nossa obra*. Este brasileiro não o recebemos com indiferença ou com ciúme, como a um estrangeiro, mas com ternura e alvoroço, como a um filho. A terra que lavrámos, a arvore que plantámos, a semente que prodigamente espalhámos, dão já frutos assim definitivos e completos?

Quanta gloria e desvanecimento para nós!

Uma ilustre senhora brasileira, com quem me encontrei na Europa ha anos, e a quem uma vez tive ocasião de dizer que sentia pelo seu paiz um carinho que só sabia definir como paternal, respondeu-me, entre satisfeita e embaraçada, para conceber um Brazil tão imenso cabendo dentro de um Portugal tão diminuto: — «Que filho grande!» E eu não tive dificuldade em replicar-lhe que o gosto dos paes só é perfeito quando os filhos medram e crescem mais do que eles. Pois, ao pensar agora em tudo quanto é, e em tudo quanto aos meus olhos de apaixonado portuguez, representa e simbolisa Olavo Bilac, eu repito, como a sua espirituosa patricia, mas com diferente intuito e sentido: — «Que filho grande!»

Obrigado, meu amigo, por terdes vindo a nós no momento em que o curso moral do Brazil nos é mais precioso. Obrigado por terdes vindo com a vossa presença confirmar o que a Europa, habitualmente esquecida dos francos e dos pequenos, tinha, por ventura, perdido de vista: que não ha no mundo só um Portugal, mas dois Portugaes, um em cada hemisferio, ambos vibrando do mesmo patriotismo. Obrigado, por nos terdes recordado, na hora propria, que o brilho do nosso passado, longe de extinguir-se, refulge inteiro no vosso presente. O nosso grande cosmografo Pedro Nunes, ao descrever as maravilhosas navegações dos nossos maiores, celebrava a audacia com que ousámos «cometer o grande mar Oceano, entrar por ele sem nenhum receio, descobrir novas terras, novos mares, novos povos, e, o que mais é, novos céus e novas estrelas». Tinha razão Pedro Nunes. Com efeito, mais ainda do que as novas terras, povos e mares, valem as novas estrelas e os novos céus. A grande casa lusitana tem por tétó, não apenas metade do firmamento, mas toda a abobada celeste. A luz de todos os a-tros se derrama sobre ela. O fulgôr de todas as constelações a acorda e vivifica. E deixem-me já, senhores, extrair a parcela de verdade que se encerra no simbolo, chamando céu a todo o ideal e a toda a beleza, chamando astros a todos os fócios de cultura e progresso, e apontando em vós proprio, ó egregio poeta, uma das estrelas mais fulgurantes do outro hemisferio, que aqui estamos hoje engastando no nosso céu boreal, e a quem estamos ouvindo e entendendo como aqueles seres privilegiados que segundo o vosso celebre soneto:

... podem ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas!

A vossa visita tem de ser retribuída, quanto antes, por alguém que no Brasil nos represente como vós representaes o Brasil. Preparem-se depressa alguns dos nossos maiores poetas e escritores para essa embaixada. O protocolo internacional tem de inventar novas fórmulas para significar perante o mundo a firmeza e intimidade dos pactos que nos unem, o tratamento privilegiado e exclusivo da *nação mais estremecida*, que reciprocamente nos queremos assegurar em todos os campos — e tantos podem eles ser — da nossa acção comum. E' tempo de voltarmos a explicar aos demais povos que Portugal-Brasil não constituem uma vulgar aliança, uma qualquer união, mas são uma simbiose de novo e talvez nunca visto genero, a associação indissolúvel de duas vidas colectivas que uma á outra se completam.

Sem duvida, partilhamos com a Inglaterra e a Hespanha a gloria de ter gerado outras nações; sem duvida, a lingua portuguesa é um dos três únicos idiomas europeus que a Historia promoveu de mediterraneos a transatlanticos, e cujos abecedarios nos parecem, por isso, conter mais letras, e os vocabularios certamente mais palavras, e as palavras mais conceitos, que nas outras linguas. Mas eu creio que nem a Inglaterra nem a Hespanha mantêm com as nações de que foram mães-patrias a conformidade perene de sentimentos, a continuidade de penetração e assimilação, que tão singularmente caracterizam a historia e a vida luso-brasileiras.

O influxo materno, repartido por tantos descendentes, diluiu-se e enfraqueceu-se. Portugal, ao contrario, teve um filho unico — o Brasil — e deu-lhe, e dá-lhe todo o seu sangue e toda a sua alma. E, assim, nem o hespanhol que se fala na America hespanhola, nem o inglês que se fala na America inglesa, têm para os ouvidos das antigas metropoles o encanto magico que para nós encerra o pequenino e obscuro português, falado, de norte a sul, no imenso continente brasileiro, defendendo-se triunfantemente da concorrência e da inveja de todas as linguas do mundo. E a Inglaterra é grande e poderosa; e a Hespanha é grande e orgulhosa; mas Portugal é pequeno e modesto, e, por isso, talvez se sente com mais intensidade crescer, e multiplicar, e immortalisar na colossal nação, sua filha.

Por isso, tambem, a repercussão da vida brasileira sobre a nossa ha de progredir sempre e assumir cada dia fórmulas mais variadas. E o Brasil será sempre para nós uma escola de energia, de patriotismo, de todas as virtudes civicas, onde os nossos emigrantes tiveram de aprender o proverbio que mede pelas distancias da vista as do coração, onde eles nunca esquecem, como ainda agora o provou exemplarmente a nossa colonia no Rio de Janeiro, que o sentimento nacional é um fogo sagrado, a cuja ardente temperatura devem fundir-se todas as divergências de opinião ou de interesse.

Graças ao Brasil, a nossa vida de nação não se restringirá nunca mais á cultura placida d'este nosse doce jardim á beira-mar, nem nos deixaremos vencer pela tentação de uma sésta comoda e indolente no *canapé da Europa*, que o destino nos traçou como territorio continental. Sempre os nossos irmãos americanos nos atrairão á luta e á actividade no campo ilimitado, e de ilimitados horisontes, que no seu seio nos oferecem. E sempre estaremos

ao seu lado para os ajudar a construir, a povoar e a manter português o Brasil!

Foi assim, decerto, sr. Olavo Bilac, que os vossos compatriotas pensaram e sentiram, ainda ha poucas semanas, ao estenderem-nos instintivamente os braços, n'um gesto enternecedor de affecto e auxilio, quando a afronta estrangeira nos veio recordar a todos, aos de Portugal e aos do Brasil, que todos, por igual, eramos portugueses.

As chancelarias europeas entreteem-se por vezes, segundo oiço, com o que umas chamam o sonho, e outras o pezadelo, de uma imaginaria Iberia. Melhor fariam, e com mais acerto adivinhariam o futuro, se meditassem sobre uma outra entidade, menos afamada mas mais concreta, menos hipotetica e mais real, que tem por nome antigo a Lusitania. Assim tantas vezes nos assustam os fantasmas, que só existem na nossa imaginação delirante, e passamos, distraídos, junto de realidades tangiveis e evidentes. Pois que é a Iberia além de uma expressão geografica? E pode alguém negar que a Lusitania, representada em Portugal-Brasil, seja um consumado factio historico? A Iberia define, sem duvida, um agrupamento de povos afins de raça, mas cujo destino nunca foi conscientemente comum, e logo se diferenciou desde que foi consciente. A Lusitania, essa é já um passado varias vezes secular, um presente vivo e forte, e nada a deterá de ser um futuro glorioso e indestructivel!

Por ela, por essa maior Lusitania, temos de trabalhar com fé e com afinco, dando ás relações luso-brasileiras no terreno da politica interna e externa, no terreno economico, juridico, intelectual, affectivo, o character de uma cada vez mais radicada união, solidariedade e mutua defeza. A Iberia é uma abstracção e uma teoria, mas a Lusitania é um factio, que acaba de definir-se aos olhos do mundo inteiro na mais fecunda, na mais prometedora das suas modalidades. Constituem-na, a essa Lusitania, e não mais o esqueceremos, *dois corpos n'uma só alma, duas nações n'uma só Patria!*

Discurso do sr. dr. Veloso Rebelo

ENCARREGADO DOS NEGOCIOS DO BRASIL

Não é, por certo, em virtude da minha posição official n'este momento que aqui me encontro, posto que a *Atlantida* tivesse tido a amabilidade de convidar-me n'esse character, o que, muito, penhorado, agradeço.

Mas, se me foi concedido esse favor tão grande, só tenho a lamentar, servindo-me para isso de uma figura que, por não ser original, não é menos verdadeira, que, para saudar ao embaixador da mentalidade brasileira, não esteja no meu lugar o embaixador do Brazil.

E' como brasileiro e como admirador do sr. Olavo Bilac que aqui me acho, trazido ao mesmo tempo por esse sentimento comum a todos nós, que é o amor da raça latina, na consagração do seu genio, convencido da função social do poeta, cada vez mais purificadora em todas as ocasiões em que os interesses se debatem.

A obra do poeta é, como disse alguém que muito honrou as letras fran-

cezas no decorrer do seculo passado, «uma agua limpida em um copo de ouro».

Quantas vezes temos bebido d'essa agua, que o sr. Olavo Bilac nos tem generosamente oferecido!

Mas não é só na intimidade das Musas que elle colhe os applausos da multidão que o lê e que o escuta.

Prodigio dos tesouros do seu espirito e dotado de um patriotismo esclarecido, não esquece o sr. Olavo Bilac, um só momento, que é brasileiro, com relação ao passado e ao futuro da sua nacionalidade, e que o Brazil merece que se lhe reconheça um papel de grande relevo na Historia da Civilização Americana.

Heroico nas suas concepções, pedindo ao exercito que se mantenha na sua posição previdente de guarda do patrimonio nacional, vimol-o ainda ha pouco, a elle, que sempre viveu fóra das lutas politicas, entusiasmar a mocidade brasileira das escolas superiores e ser por ela recebido em uma verdadeira apoteose.

Essa vibração de um entusiasmo tão sadio, por ele provocada em corações que batem pelo futuro da minha Patria, é mais uma prova de que esta será sempre grande.

Na minha vida européa é esta, senhores, a segunda vez que, em festas d'este genero, sinto vibrar em mim, com a intensidade d'aqueles corações adolescentes, o amor da minha Patria.

A primeira vez foi em Paris, em plena Sorbonne, onde se achava reunida a alta aristocracia da intelligencia, em uma festa que era tambem uma expressão longinqua da saudade que nos deixou esse mestre das letras brasileiras, e poderia dizer portuguezas, que foi Machado de Assis.

O mais gracioso de todos os cinzeladores da linguagem franceza, que é Anatole France, n'ela nos disse todo o valor do genio latino, a quem a humanidade deve o nascimento e o renascimento da civilização.

E, para ser latino, como ele mesmo explicou, não é indispensavel pertencer á raça latina, basta possuir-lhe o espirito e o genio.

Saúdo no sr. Olavo Bilac uma das sentinelas avançadas d'esse genio latino, do qual é tão difficil imaginar-se a morte, como arrancar da alma dos verdadeiros artistas o culto da Beleza antiga!

Saúdo o grande cantor do *Caçador de Esmeraldas*, essa maravilhosa evocação do nosso passado.

Saúdo ao poeta da *Via Lactea*, esse espirito tão superiormente inspirado para pintar as estrelas de fórmula tal que elas correm o mundo nos seus livros com o mesmo brilho que no Céu!

Saúdo a expressão fulgurante do genio nacional.

Levanto a minha taça, senhores, em honra d'aquelle que os seus contemporaneos, com tanta justiça, elegeram o primeiro entre os primeiros poetas brasileiros, e saúdo a Portugal, que soube tão bem compreender e amar o nosso grande poeta.

Discurso do sr. Sousa Bandeira

SECRETARIO DA EMBAIXADA DO BRAZIL

Para dirigir-vos a palavra neste momento, tenho apenas a desculpa, mais talvez que a desculpa, a justificativa de ser joven.

Vou falar-vos pois em nome da mocidade do Brasil, nossa idolatrada patria, que resume em nós tudo o que possue de harmonia, erudição e patriotismo.

Minhas palavras serão poucas, todas impregnadas de sinceridade, saturadas da ardencia entusiastica propria da idade.

Este exilio voluntario que motiva a minha carreira faz pulsar-me inda mais forte o amor pela patria e faz tambem com que eu sinta não sómente tudo o que ha de poetico e lindo, mas tambem tudo o que ha de verdadeiro e sincero nessa incomparavel palavra : saudade !

E' a saudade nostalgica de um temperamento tropical por tudo aquillo que immortalisastes em verso. E' toda a grandiosidade das nossas florestas virgens, toda a sensual tepidez do nosso clima, toda a embriaguez das nossas avelludadas noites de estio, todo o perfume das nossas mattas, toda a exuberante orgia de luz do nosso sol, que fazem com que eu hoje, n'um justo orgulho de ser brasileiro, sinta em toda a sua extensão a maravilhosa nostalgia do meu torrão natal.

Surgem-me em mente vossos versos, nos quaes n'um arrebatado entusiasmo patriotico entoaes um hymno ao Brasil, rendendo conjunctamente a mais justa homenagem ao intrépido e glorioso navegador portuguez que atravessou os mares para acrescentar ás glorias de sua heroica patria, a da descoberta de uma nova terra.

E' nessas rimas arquejantes de patriotismo, scintillantes de esthetica que fazeis o appello ao glorioso descobridor lusitano. Permitti :

Pára ! Uma terra nova ao teu olhar fulgura,
Detem-te ! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
Em caricias se muda a inclemencia das vagas . . .
Este é o reino da Luz, do Amôr e da Fartura !

Treme-te a voz affeita ás blasphemias e ás pragas,
O' nauta ! Olha-a, de pé, Virgem morena e pura,
Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,
Os dois seios que, ardendo em desejos, afagas . . .

Beija-a ! O sol tropical deu-lhe a pelle doirada,
O barulho do ninho, o perfume da rosa,
A frescura do rio, o esplendor da alvorada . . .

Beija-a ! é a mais bella fiôr da natureza inteira !
E farta-te de amôr, nessa carne cheirosa,
O' desvirginador da Terra Brasileira !

E entretanto, essa saudade da patria é hoje atenuada com a vossa presença.

E' duplamente attenuada, porque, apesar de estarmos longe do nosso paiz, não nos sentimos, não nos podemos sentir em paiz estrangeiro.

Estamos na terra que nos serviu de berço, que tanto estimamos e em que o nosso paiz é estimado, nossos homens conhecidos, — estamos entre irmãos.

Falando-vos em nome da mocidade brasileira posso ousar falar-vos tambem em nome da mocidade de Portugal, em nome de toda a juventude lusitana, em cujas veias corre o mesmo sangue, e em cujos corações palpitam os mesmos sonhos de ideal patriótico.

Esses corações de jovens que no Brasil se exaltam com a harmonia e profundidade dos vossos versos, que todos vibraram de desenfreado entusiasmo ao vêr ha pouco a prova de desprendido patriotismo que deu o «principe dos poetas brasileiros», são os mesmos que ha dias, aqui em Lisboa, vos aclamaram, rendendo assim mais uma vez uma tocante homenagem á nossa patria.

Para a mocidade do Brasil, Bilac, vós não sois sómente *o mestre*, vós sois um symbolo !

Nós, ao devorarmos vossos livros na adolescencia, sentimos n'um deslumbramento magico a realisação de todos os nossos sonhos de infancia.

A poesia das nossas lendas, o grandioso da nossa historia, o romantismo da nossa raça, a doçura do nosso amôr, a belleza das nossas paysagens, o encanto das nossas mulheres, tudo isto traduzis em vossos versos, tudo isto encarna a vossa perfeitissima figura de artista.

Ha quem chame aos poetas de visionarios. Parece-me antretanto que é somente porque sentem com mais intensidade, e sabem traduzir em palavras as aspirações de ideal de cada um dos homens.

São elles, estes bem ditos visionarios, que fazem vibrar em nossas almas as cordas do sentimentalismo, que crystalisam nossas emoções, enaltecem nossas paixões e dôres, que interpretam nossos sorrisos e explicam nosso pranto.

Saudando-vos, Bilac, poderei terminar, repetindo vossas proprias palavras dedicadas ao immortal Bocage :

Mestre querido, viverás, emquanto
Houver quem pulse o magico instrumento,
E preze a lingua que tu prezas tanto :

E emquanto houver n'um ponto do universo,
Quem ame e soffra; e amôr e soffrimento,
Saiba chorando traduzir em verso.

Discurso do sr. João de Barros

Meus Senhores — Saudo Olavo Bilac em nome da *Atlantida*, dos seus directores, do seu editor, dos seus colaboradores, tanto de Portugal como do Brasil. E agradeço-lhe a honra que nos quis dar aceitando esta homenagem, que a fortuna quis tornar valiosa e digna do Poeta — não por quem a promoveu, mas por todos aquelles que vieram hoje aqui signi-

ficar-lhe a admiração e o respeito que o seu nome e a sua obra merecem a todos os verdadeiros portugueses. Essa obra é vasta e profunda. Não sómente a obra poética, onde geniálmente passa e freme uma das mais puras emoções e uma das mais altas sensibilidades que tem havido na literatura da nossa lingua, mas tambem pelo apostolado que representa, em defesa de um ideal nacional, em combate por um mais forte e mais esclarecido patriotismo. Bilac, meus senhores, pertence á familia de Camões, de Garrett, de Junqueiro e de Gabriel d'Annunzio: poeta admiravel, é um patriota não menos admiravel. O seu arroubo lírico, a infinita ternura dos seus versos, a perfeição inegualavel da sua arte, não afastaram a sua consciencia dos seus deveres de homem e de cidadão. Nunca os versos lhe serviram—como a tanta gente servem—para se esquecer da vida social, para fugir a quaisquer responsabilidades ou trabalho. Muito pelo contrario. Cheio de fé no futuro do seu país, Olavo Bilac é actualmente o mentor das novas gerações, o orientador do povo, o símbolo mais alto da alma do Brasil. De norte ao sul do seu enorme territorio, elle iniciou uma campanha patriótica das mais fecundas consequencias. Pede, reclama, exige—como base indispensavel para a educação cívica de que o Brasil, como nós, carece—o serviço militar obrigatorio. Porque seja militarista? Não .. Mas porque só assim amalgamará definitivamente, criando-lhes um espirito comum de patriotismo, as raças varias que ao Brasil afluem, e que do Brasil precisam de receber, para a completa victoria da nacionalidade, um ideal colectivo que as aproxime e confunda de vez. Defendendo, em discursos que são modelos de eloquencia patriótica e de elegancia de palavra, o serviço militar obrigatorio, Olavo Bilac deseja tambem que cada quartel seja uma escola; e que em todas as escolas se ensine, escrupulosamente, cuidadosamente, o português. A lingua é principal factor da nacionalidade, pensa Bilac. E tem razão! fazer de todos os homens criaturas aptas a manter pelas armas a honra e a dignidade do seu país—é belo! Mas dar-lhes tambem a faculdade de compreenderem e amarem o maravilhoso instrumento de cultura intellectual—e porque não moral?—que sempre foi a lingua patria, é mais belo ainda. No seu apostolado fervoroso, Bilac ligou estreitamente essas duas aspirações. E de tal modo ellas correspondem á necessidade íntima de progresso para o seu país, que Bilac tem a seu lado toda a juventude, todo o exercito, todo o Brasil que sente e pensa. Como a sua obra poética, a sua obra cívica ha de ficar imorredoura; e se uma tem o brilho das estrêlas prodigiosas do céu prodigioso dos tropicos, a outra resplandece com a luz quasi humana dos faroes, que mãos de homens acendem para salvar outros homens—da escuridão da noite e da fúria das tempestades... Poeta e cidadão, no que estas, palavras, tem de mais elevado e vasto—eis o que é Olavo Bilac! Por isso pertence á familia genial de Camões, de Garrett, de Junqueiro, de d'Annunzio. Uma das suas Musas é a Patria; e não só a canta e celebra, nas tradições e na beleza, como seria capaz de se bater por ella, com a coragem heroica daquelles que sabem que a Patria não é sómente a terra em que se nasceu, mas a civilização em que nos educámos, mas o ideal de que vive e se alimenta a nossa alma!

Precisamente porque o sabe—Olavo Bilac é tambem um grande latino. A França foi a sua segunda Patria—e dentro do criterio nacionalizador de Bilac cabe o mais profundo amor pela França e, neste momento, por todos aquelles

países que ao lado della se batem pela civilização que é a civilização do Brasil, como é a nossa propria civilização portugueza. Assim — o espirito patriótico de Bilac mais nos comove, mais nos entusiasma agora. E mais reclama ainda — nesta hora de tão graves, mas tão magníficas responsabilidades para Portugal — a sinceridade das suas homenagens ao poeta da «Via lactea», ao educador e orientador da consciencia brasileira.

Eu pertenço a uma geração, á geração de Afonso Lopes Vieira, de Mayer Garção, de João de Deus Ramos, e de tantos outros poetas e educadores ardentemente patriotas, que — depois da ironia, do scepticismo ou da melancolia que ha uns trinta annos era moda em Portugal — pela primeira vez proclamou a dignidade, a beleza e a alegria da Vida. Dos poetas que nos precederam, só Junqueiro annunciava já a confiança nos destinos da Patria, de que nós fizemos a nossa força, como da confiança na vida fizemos a nossa alegria. Podemos hoje dizer — e aqui estão muitos, que não me deixarão mentir — podemos afirmar que tínhamos razão em acreditar e em crer! Portugal vence, Portugal vencerá apesar da tormenta e da tragedia que passa, porque nelle triunfa, esplendidamente o ideal da nacionalidade!

A *Atlantida* é ainda uma obra dessa geração. E é porisso que eu, saudando Bilac em nome da *Atlantida*, invoquei o seu civismo admirável, irmão do nosso civismo e, como o nosso, contribuindo para o progresso da mesma valorosa raça, áquem e além-Atlantico edificando os seus lares . .

Mas, meus senhores, a consciencia da fraternidade de ideais com Olavo Bilac, e a minha profunda, a minha enorme admiração pela sua obra — não me permitiriam nunca saudar-lo de igual para igual, como eu o estou saudando. Ha uma razão, porém, que me força quasi a fazê-lo:—é que eu, além da *Atlantida*, represento tambem Guerra Junqueiro nesta festa de confraternização. Junqueiro, dizendo-me a sua pena de não poder estar hoje comnosco por motivos de saude, rematou: — «Entrego-lhe a minha alma—para saudar Bilac em meu nome». A alma de Guerra Junqueiro é grande, é formidavel demais para que minha voz possa interpretá-la, para que as minhas palavras possam exprimi-la. A alma de Junqueiro é toda a alma da Patria! . . No entanto—alguma coisa della vive hoje em mim. Cerca-me, pelo menos, o seu resplendor augusto. E, na luz que me envolve, delle dimanada e reflectindo-se no meu espirito — sinto orgulhosamente que já não posso saudar Olavo Bilac em nome da *Atlantida* ou em nome da minha geração: mas unicamente em nome daquellas aspirações supremas que Junqueiro simboliza e significa — em toda a plenitude do seu genio e em toda a nobreza do seu patriotismo. Em nome, pois, da Patria e da Democracia Portuguezas — em nome de Junqueiro — eu saúdo Olavo Bilac, o poeta maximo, o patriota insigne, o defensor e apostolo da civilização latina!

Discurso do sr. dr. Joaquim Pedro Martins

MINISTRO DE INSTRUÇÃO PUBLICA

O Ministro de Instrução Publica saudou em Olavo Bilac a neutralidade brasileira, e o Brazil, povo fraterno, que tão generosamente ama e comprehende Portugal.

Olavo Bilac — disse — é um cidadão egregio. A sua figura de patriota é

uma nobre e rara figura, como a sua figura de Poeta é das maiores da litteratura luso-brazileira. N'este momento, em que Portugal atravessa a angustia d'uma crise que, sendo grave, é tambem redemptora, todo o paiz exulta ao celebrar e acarinhar o embaixador intellectual da nação brazileira, da nação que soffre comnosco as nossas dôres, que vive comnosco as nossas alegrias. Não definirá a obra litteraria de Olavo Bilac: — já outros o fizeram antes e com raro brilho. Mas quer ali levantar a sua taça, em nome do governo portuguez, por Olavo Bilac, o grande poeta e o grande cidadão, e pelo Brazil, que deve orgulhar-se do seu admiravel representante.

Discurso de Olavo Bilac

Um escritor portuguez, João de Barros, e um escritor brazileiro, Paulo Barreto, depois de ter inventado muitas paginas de encantadora litteratura, tiveram um achado geografico: encontraram essa misteriosa *Atlantida*, nunca marcada no roteiro dos navegadores, mas sempre sonhada e vagamente citada por historiadores e cosmografos de ardente imaginação. Uma ilha, ou um arquipelago, ou um continente, terra nebulosa, nebulosamente apontada nos fantasticos mapas da mitografia... Um unico dado preciso aparecia em todas essas indecisas citações: aquele esquivo torrão deveria existir no meio do Atlantico, a oeste de Gibraltar... No meio do Atlantico? a oeste de Gibraltar? — por consequencia, entre a Europa e a America, entre Portugal e o Brazil...

Para homens de sciencia era pouco; mas, para dois poetas, foi bastante: não é o primeiro, nem será o ultimo dos milagres da poesia. O facto é que foi descoberta, abordada e conquistada a *Atlantida*, em cujo seio verde e risinho os dois Colombos plantaram o seu pavilhão estrelado, tecido de sonho e de arte.

Novissimo continente moral, de amor e de defeza, *Atlantida* liga o velho e o novo, e une principalmente Portugal e o Brazil, as duas patrias eternamente irmãs. Este banquete, de que sou apenas pretexto, é um dos instrumentos do vasto programa da admiravel revista.

Todo o resto de vida que ainda terei no mundo, e uma outra vida nova que me fosse dada, não me bastariam para que eu pudesse pagar-vos, em gratidão e devotamento, a divida de que me oprimís. O que hontem me foi dito, na Academia das Sciencias, e o que acabo de ouvir, n'esta sala, é um universo que a minha alma não pode conter. Ao Brazil entregarei as vossas palavras e os vossos beijos. A toda a minha patria, aos meus companheiros de trabalho, aos homens que dirigem a nação, a todos os que vivem e labutam nas cidades tumultuosas e nos sertões pacificos, a todas as almas que estão creando, em esforço, em sofrimento, em esperanza, a grandeza do nosso futuro, direi que Portugal, n'este supremo instante de fervor patriotico e de luta sagrada, estende ao Brazil, atravez das aguas imensas, os seus braços, a sua alma, toda a sua infinita confiança e todo o seu infinito amor.

Permití, senhores, que eu não dissipe estes minutos de divina gloria em palavras inuteis de agradecimento vulgar.

Não desejo que esta reunião seja apenas um «outeiro», como os que se realisavam nos pateos dos conventos, na era mais brilhante do Elmanismo —

torneios frívolos, em que motes e glosas lampejavam sem ter idéas e morriam sem deixar lembrança. Somos felizes, intensamente felizes, por que vivemos este ciclo heroico; e ainda mais felizes seremos os que não tivermos fechado os olhos sem ter assistido ao epilogo do drama, sem ter visto as revoluções politicas, sociaes e artisticas, que nascerão, em florações sublimes, d'esta tragica sementeira de sangue e de gloria. Aproveitemos a boa fortuna que nos é dada! Não sejamos agora, unicamente, *trovadores* sentimentaes, como aqueles que, em lingua de *oc*, rimavam sonetos e pastoraes inocentes; sejamos tambem *troveiros*, como aqueles que, em lingua de *oïl*, se dedicavam á alta poesia lirica, ao estro épico, ao louvor dos heroes e dos grandes gestos da bravura e da bondade. Não desejo que d'este ágape se diga que foi um arremedo do «Banquete de Platão», formosas mas futeis divagações socraticas sobre o amor . . . N'esta época, a arte pela arte seria uma monstruosidade moral. Ermaram-se todas as torres de marfim: todos os verdadeiros poetas, todos os depositarios da chispa divina saíram dos seus asceterios entre nuvens, e baixaram á esplanada em que se decidem os destinos da humanidade.

Se não podemos estar ao lado dos que se batem nos campos da luta, pensemos, meditemos e empenhemos a força da nossa alma em cogitações dignas d'este momento.

Falemos da vossa literatura, que é a minha, espelho vivo, e vivo resumo de toda a nossa civilisação. E falemos do futuro da nossa raça.

A vossa literatura é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso de sete seculos. Vejo-o, tremulo fio de agua, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Edade Média, sepultada na floresta da barbarie brava e intonsa, desordenadamente viçando sobre as ruinas dos templos da civilisação romana devastada: — os primeiros trovadores portuguezes, as lendas medievaes, e Vasco de Lobeira, — o admiravel «Amadís de Gaula», onde transluzem as grandes virtudes da raça, a força e a generosidade, a furia e o lirismo, o desinteresse e a fidelidade da cavalaria andante. Adensa-se o arroio, e já o seu caminho se bifurca: e o idioma portuguez separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores. . . Logo depois, engrossado, expande-se o ribeiro, liberta-se do ergastulo da selva nativa, esplende ao livre sol, retrata na toalha liquida o infinito azul do céu. E' a era classica: tres seculos de fecundidade e de magnificencia: os quinhentistas, os seiscentistas, os árcades. A's margens do curso risonho, rebenta uma flóra suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o vale, em cujo fundo deslisa a corrente fresca, resôa; cornamusas e charamelas enfeitiçam o ar com a sua harmonia ingenua; povoam-se os prados de bucolistas, de novelistas da Cavalaria, de rimadores de pastoraes. E' a edade da graça e da innocencia, a primavera da lingua, a puberdade da raça. Mas, em breve, o rio, mais demorado, remansa-se e espraia-se; mais grave é a sua voz, e magestoso o seu fluxo; parece que o seu vigor se concentra, apresentando-se para proxima crise. E' o meio dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o teatro; surgem os autos e as farças; e Sá de Miranda, Ferreira e a Pleiada dão sangue e fibra ao idioma já feito. E eil-a, de repente, a crise. . . O terreno levanta-se, alcantila-se, suspende-se e escava-se. E a massa formidavel das aguas eleva-se, roda no ar, cascadeia em rebojos rutilantes, precipita-se em mós atroadoras, ganha o es-

paço em saltos, em rugidos, em remoinhos, em vórtices, e rebôa, e desaba, e cae, no auge da força, no supremo poder do sangue e do genio : é Camões que enche o seculo. «*Grande ovação*». A calma, em seguida, e o remate e o polido da obra : o seiscentismo, o culteranismo, e a Arcadia; as tragi-comedias, e as comedias; o apuro da idealisação, o apogeu do classicismo, o latinismo de Filinto Elisio, a metrica incomparavel de Bocage. Opulenta, a corrente ainda mais se enriquece, recebendo o tributo dos afluentes do Romantismo francez, como antes acolhera o subsidio dos acorrentes da Renascença italiana : os dramas romanticos, os romances de ardente amor, a poesia dos ultraromanticos, o tradicionalismo de Herculano, o nacionalismo de Garrett, e, depois, o naturalismo de Eça, e, emfim, o moderno lirismo de João de Deus e Guerra Junqueiro... Hoje, estamos na foz imensa, no radiante estuario. Alongo os olhos para todos os lados, e não vejo raias no horisonte sem fim. Vejo apenas as aguas... E vejo-vos, admiro-vos e amo-vos, meus mestres e meus irmãos, que sois as ondas cantantes e triunfaes d'este glorioso rio da nossa civilisação !

Infelizmente, houve um momento em que, á tona d'estas aguas puras, boiou uma vegetação verdeneira, estendal de sargaços venenosos. Foi a literatura da ironia, mãe da descrença e do impatriotismo. Amaldiçoada e sinistra, esta germinação de ervas daninhas ! A ironia é, ás vezes, nobre e creadora, quando, nascida da revolta de um grande amor mal tratado, é fundamentalmente temperada de piedade, e amassada de amargas lagrimas de sangue. Mas a perversa ironia vulgar, a ironia mordaz, fria, consciante e calculada, sem sofrimento, sem choro, sem gritos, — essa maldade de matar pelo unico amor de matar, esse envenenamento gradual, sarcastico, infecundo, estiolador de toda a crença, toda a esperança e toda a bondade da comunhão, — essa ironia é um crime torpe, que não pode obter perdão nem misericordia...

Mas rejubilemo-nos ! A fase ignobil passou. Fatalmente devia passar. A duração longa de tal molestia seria a senectude nacional irremediavel, o marasmo, e a morte; e uma nação, — todo um povo forte, toda uma raça no pleno viço do outono, — não poderia ser sacrificada por um bando de loucos amoraes, sem coração e sem genio. Porque os ironistas relapsos e os irreductiveis sem-patria nunca são homens de coração e de genio. Os grandes homens, e os homens ao menos equilibrados, não deixam o seu espirito naufragar n'esse desastre sem honra. A's vezes, uma perversão passageira pode extravial-os : mas a intima consciencia e o natural pudor arrancam o seu talento e a sua dignidade do tragadouro imundo. Ouvi dizer, algumas vezes, que Eça de Queiroz, o maravilhoso ourives da nossa lingua, meu bem-amado mestre, foi um ironista desamoravel do seu paiz e dos seus irmãos... E' falso ! A sua ironia foi aquela que é dolorosa e santa, aquela que fére para curar, aquela que magôa mais o magoador do que o magoado. Mas aceite-mos que, acidentalmente, desenraizado pelo exilio, ele tenha deixado, por algum tempo, sem trato e sem culto o seu nacionalismo. Se o peccado existiu, a redenção foi completa e admiravel. Porque, antes de morrer, Eça de Queiroz teve a fortuna de deixar esse definitivo poema de graça e de ternura *A Cidade e as Serras*, em cujas ultimas paginas o seu grande espirito, depois de matar todos os ridiculos do exagerado estrangeirismo e da desmoralisadora desnacionalisação, entoou o seu extremo suspiro de bom filho de Portugal, n'um hino incomparavel de adoração e de meiguice á belleza do seu céu, á bondade

da sua terra, á generosidade do seu sólo, ao carinho das suas arvores, á franqueza e á honra dos seus homens, e á misericordiosa e purissima brandura das suas mulheres.

Dissipou-se o pezadelo. Varramos de nós a lembrança d'essa literatura, que nasceu e morreu sem ter vivido. A nossa literatura, aqui, e no Brazil, é hoje nacionalista, e será nacionalista. Na vastidão do seu dominio, o rio soberano recorda e venera as suas origens, e, essencialmente, sente-se o mesmo fio de agua nascente, o mesmo arroio infante, o mesmo ribeiro adolescente que foi outr'ora.

Os vossos poetas e os vossos prosadores, como os brasileiros, querem ser da sua terra. Que poderemos valer, se todo o nosso valor não vier do valor da nossa terra? O director da *Atlantida*, João de Barros, — este generoso poeta, que me dá hoje a ventura de dar-me a vossa companhia e a vossa amizade, — deu a um dos seus lindos livros de versos um titulo que é uma bandeira e uma profissão de fé: *Anteu*.

Que força espantosa alimentava o corpo d'aquêle gigante, filho de Neptuno e da Terra? Podia Hercules subjugal-o, quando o levantava do sólo. Mas, quando os seus pés tocavam o chão, o lutador ganhava novo alento: re-vigorava-o a Terra; o contacto do seio materno tornava indomavel o seu corpo e divinisava o seu espirito. Só é grande homem quem é bom filho.

A moderna literatura portugueza não é apenas um templo de arte: é tambem uma escola de civismo. Na poesia, no romance, no drama, a alma nacional está enchendo cerebros e corações. Os exemplos são tantos, que a citação é impossivel. Baste a indicação de dois artistas, ao lado dos quaes tantos outros resplandecem e perduram: entre os menos novos, Henrique Lopes de Mendonça, esse nobre historiador-poeta, que transplantou para o palco a vida de tantas paginas dos anaes do paiz, e, entre os mais novos, Julio Dantas, o admiravel escritor da *Patria Portuguesa*.

No Brazil, esta mesma corrente sagrada liga todos os verdadeiros homens de letras, dignos da profissão e do nome. D'aquêle imenso territorio, revestido de espessas florestas, — outras florestas moraes estão viçando, novas gerações literarias nutridas de intenso brazileirismo. A historia e o *folk-lore*, a natureza e a imaginação, a graça da terra e o estudo das fontes da nacionalidade dão seiva áquelas selvas de Beleza. Dois nomes bastariam para enriquecer toda uma literatura: o de Alberto de Oliveira, o glorioso artista das *Meridionaes* e dos *Sonetos e Poemas*, meu guia e meu conselho, — e o de Coelho Netto, meu querido irmão, prodigioso romancista, pintor e poeta dos nossos sertões. Já temos tres seculos de cultura e de patriotismo. Crentes e confiantes, encaramos sem receio os seculos e seculos que engrandecerão a nossa patria.

Mas, portuguezes e brasileiros, não sejamos apenas artistas, e bons artistas; sejamos educadores, e bons educadores. Somos nós os legítimos depositarios da nossa civilização. Demos o nosso carinho, o nosso conselho, a nossa direcção aos talentos que se estão formando e aos que teem de nascer. Devemos dizer-lhes: «Sêde vós: sêde a vossa terra! Sêde vós, e não sejaes imitadores dos outros; sêde vós, nos assuntos da vossa idealização; e prezae a vossa lingua, respeitando-a, e libertando-a de feios aleijões, do calão pesado que a deshonra, e dos estrangeirismos inuteis que a sobrecarregam!»

Não sou inimigo irreconciliavel de todos os peregrinismos, porque amo e admiro enxertos formosos, que possam opulentar e alindar o nosso idioma. Mas o exagero é sempre hediondo. As linguas são como as mulheres: vestidas com pureza e simplicidade, são enlevo para todos os olhos artistas e para todas as almas finas; mas, como cortezans ou ídolos bárbaros, arreadas de ouropéis vistosos e untadas de cosmeticos enganadores, são apenas agrado de sentidos grosseiros e instintos baixos. Também não sou purista extremado, de um purismo que se abeire da caturrice. Será ridículo que os nossos netos falem e escrevam exatamente como falaram e escreveram os nossos avós; também seria ridículo que o nosso estilo de hoje fosse a reprodução fiel do estilo dos quinhentistas. Mas se o tesouro do vocabulario, o movimento das locuções, o ritmo das frases podem e devem ser variados e aperfeiçoados, — a sintaxe, que é a estructura essencial do idioma, é perpetua e imutavel.

Digamos isto aos nossos continuadores. Digamos-lhe ainda: que somos latinos, e que queremos ser latinos em nossa descendencia. E para isto, pelo exemplo e pela lição, préguemos a decencia do pensar e do dizer, a graça, a justeza e a sobriedade, — virtudes maximas do genio latino.

E, senhores, estas palavras — o genio latino — devem transportar-nos, em espirito, para os campos heroicos, em que milhões de homens estão lutando e morrendo em favor do nosso ideal. Não é sómente a sua propria vida e a sua propria independencia que a França e as suas aliadas estão salvando. Estão em jogo a existência e a liberdade, a honra e o futuro de todas as nacionalidades, disseminadas pela Europa e pela America, nascidas da antiga civilisação do Mediterraneo, irmanadas pela arte e pela filosofia, e ligadas pela afinidade dos idiomas brotados do tronco do Lacio...

Saudemos Portugal e o Brazil! Mas não nos separemos hoje, sem que os nossos corações se voltem, unidos n'um mesmo afeto e n'uma só esperança, para os exercitos aliados, e para todos os soldados anonicos, para todos os heroes obscuros, que, em torno de Verdun, defendem a gloria e a força perpetua da Grande Loba, nutriz da nossa cultura!»

Brindaram ainda Chaby Pinheiro, que leu um admiravel soneto de Acacio de Paiva, Alberto Bramão e Campos Lima, representante do jornal «*O Seculo*», sendo Olavo Bilac delirantemente saudado a cada novo brinde.

Na impossibilidade de publicar todas as cartas e telegramas recebidos por ocasião do banquete, a «*Atlantida*» registrará apenas as duas cartas que se seguem:

Lisboa, 31 de Março de 1916.

Meu caro João de Barros.

Não posso comparecer no jantar promovido pela *Atlantida* em honra do Brazil e homenagem a Olavo Bilac. Como sabe, o meu estado de saude não me consente o tomar parte em festas d'esta natureza. Pena tenho, porque á grande Republica sul-americana julgo do meu dever, como portuguez, prestar o maior culto; e ao seu representante intelectual, o grande lyrico e prosador eximio, desejava com a minha presença accrescentar o meu applauso aos dos convivas d'hoje. O Brazil, grande nação d'um porvir fulgurante, é o

nosso continuador historico e por elle affirmamos hoje, como affirmaremos sempre perante o mundo as nossas fortes e viris qualidades de povo que tem direito de conservar na civilisação universal, um logar de respeito. Se a barbaridade scientifica, que n'este momento assola e diminue a orgulhosa Europa, tiver mais tarde como consequencia o effeito de a subalternisar á brilhante e progressiva America, nós continuaremos a existir, vivendo na vida intensa do Brazil. Só tres povos d'isto se podem orgulhar e dos tres, sendo Portugal o mais pequeno em territorio continental, não o é na crença viva do seu destino civilizador, continuado que seja além-mar Olavo Bilac pela sua cultura, pelo seu captivante espirito, pelo carinhoso, e para nós commovente amor com que cultiva e admira a velha lingua dos nossos grandes poetas e grandes prosadores, que os tivemos eguaes aos maiores das linguas neo-latinas, merece toda a nossa ternura d'irmãos e todo o nosso applauso de admiradores. E' pela historia que os povos vivem, e a historia não é só o passado e o dia d'hoje é tambem o futuro, a esperanza n'uma revivescencia superior. Esse futuro, o da nossa lingua, o da nossa iniciativa no progresso, será decerto grandioso, visto estar entregue ao grande povo brasileiro. N'isso acredito confiadamente, quaesquer que sejam os destinos da velha Europa, hoje convulsionada por um desvario quasi inacreditavel

Viva, pois, o seu futuro intellectual, moral e economico.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

* * *

Ao velho e saudoso companheiro de Paris, o grande brasileiro Olavo Bilac, envio as minhas fraternas saudações, sentindo que o meu estado de saude me não permita ir pessoalmente glorifical-o, como seria o meu maior desejo.

Lisboa, 31-III-916.

MAGALHÃES LIMA.

Assistencia

Ao banquete assistiram, os Srs. Conselheiro Sousa Dantas, Dr. Alexandre Braga, Dr. Gustavo de Sousa Bandeira, Dr. Alberto d'Oliveira, José Antonio de Freitas, Jayme Cortezão, A. Ferreira de Freitas, Acacio de Paiva, Dr. Afonso Lopes Vieira, Dr. Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Alfredo Mesquita, André Brun, Dr. Augusto Gil, Dr. Barbosa de Magalhães, Dr. Barros e Castro, Belford Ramos, Dr. Campos Lima, Chaby Pinheiro, Eugenio Santos Tavares, Eduardo Shwalbach, Francisco Santos Tavares, Freire de Andrade, Henrique de Holanda, Dr. Hermano de Medeiros, Dr. João de Deus Ramos, Jorge da Costa, José Augusto Correia, José Augusto Prestes, Dr. José Coelho da Cunha, Dr. José de Figueiredo, José Lello, José Teixeira Lopes, Julio Monteiro Aillaud, Laurentino Proença, Macedo Soares, Manuel Gustavo, Mayer Garção, Milton Vieira, Moreira Telles, Dr. Queiroz Vellozo, Raul Lino, Raul Proença, Sebastião Araujo, Antonio Ferreira Lopes, Alfredo Pinto, Augusto Pina, Luiz Derouet, Albino Forjaz de Sampaio, Dr. Eduardo de Sousa, Humberto de Avellar. Dr. João Barreira, Dr. Henrique de Vasconcellos, Augusto Casimiro, Dr. Augusto de Castro, Dr. Alvaro Machado, Dr. A. A. de Mello, etc., etc.

Telegramas de: Columbano, Christovão Ayres, Sociedade de Defesa e

Propaganda de Coimbra, Bento Mantua, Nuno Simões, José Barbosa, Julio Cardona, Nobrega Quintal, Antero de Figueiredo, José Campas, Augusto Rosa, Bernardo Lucas, Silva Passos, Hermano Neves, Pintor Sousa Pinto, Martinho Nobre de Mello, Sousa Costa.

Cartas de: Anselmo Braancamp Freire, Gonçalves Teixeira, Anselmo d'Andrade, Eurico Seabra, Antero de Figueiredo, Leal da Camara, Marques Leitão, Antonio dos Santos Jorge, João Vaz, Eduardo Burnay, Mario d'Artagão, Julio de Vilhena, Luiz Cardim, David Lopes, Manuel de Sousa Teixeira Pedrosa, Antonio Maria da Silva Barreto, Artur José Baptista, Antonio Arroyo, Vaz da Victoria, João Jorge da Silveira e Paulo, Alexandre Rey Collaço, Mauperrin Santos, F. Alves Pereira, Carlos Fernandes, Delfim Guimarães, Rocha Martins, Jorge Collaço, S. Luiz Braga, Antonio Ramos, A. de Sousa.

A CONFERENCIA NO THEATRO DA REPUBLICA

JUNQUEIRO SAÚDA OLAVO BILAC

A 3 de abril, realisou Olavo Bilac no teatro da Republica a conferencia de que damos um longo extracto. Na tribuna presidencial assistiram o chefe do Estado, o presidente do ministerio e os ministros das finanças e instrucção. Na sala via-se a primeira sociedade de Lisboa e as principaes personalidades da colonia brasileira. Guerra Junqueiro, n'uma allocução magnifica, apresentou o illustre conferente. Antes da conferencia foram ditos versos de Bilac, Acacio de Paiva e Correia de Oliveira por Augusto Rosa, Lucinda Simões, Angela Pinto e Chaby Pinheiro e representou-se a peça brasileira *Serenata das flores*. Terminada a conferencia, Olavo Bilac leu alguns esplendidos sonetos ineditos e representou-se *A ceia dos cardeaes*, de Julio Dantas. Os Hinos Brasileiro e Português foram ouvidos de pé e coroados com vibrantes salvas de palmas. Toda a imprensa foi unanime em reconhecer o brilho extraordinario d'esta soberba festa de confraternisação.

Convidado para visitar Coimbra, onde lhe preparavam uma recepção grandiosa, e a sede da Liga Naval, em Lisboa, Olavo Bilac foi constrangido pelo seu melindroso estado de saude a declinar esses convites, prometendo, comtudo visitar a velha cidade universitaria no proximo outono.

Discurso de Guerra Junqueiro

Da essencia ideal que immortalizou as nossas descobertas, e fez por um instante, na historia do globo, d'um punhado de marinheiros e de cavadores a maior patria do mundo, a eleita do Eterno, a encarnação heroica do Divino, trez monumentos de beleza augusta nos ficaram: um retabulo, um templo, uma epopeia. Trez Luziadas: os de Nuno Gonçalves, os de Camões, os de Santa Maria de Belem. Criámos Eschilo e Prometheu, o redemptor e o cantor, o heroe ovante, que liberta, e o genio irmão, que o traduz em musica. A musica da luz, a do marmore, a da palavra.

E ao mesmo tempo que geramos as duas grandes epopeias equivalentes, uma na ação, outra no cantico, reproduziamos a patria maravilhosa que lhes deu alma, criando um novo Portugal, o do futuro, debaixo do novo céu, no mundo novo. O Brazil é a eucaristia sagrada dos Luziadas.

Fizemol-o á nossa imagem e semelhança, com torrentes de vida,—o nosso sangue; com um hino de aurora,—a nossa fé; com estrelas de dor,—as nossas lagrimas.

Fizemol-o com beijos e canções, lavrando, batalhando e rezando, d'armas na mão, e mãos postas. Viver é conviver. Viver é amar. O grau de amor é o grau de vida, e a vida infinita chama-se Deus,—infinito amor.

Mas não vae para Deus quem traz unicamente nos labios a sílaba suprema. A invocação não basta. Quem o não realiza não o adora. Ha homens bons, que se julgam atheus e são deistas, como ha deistas rancorosos, que são atheus e o não conhecem. Luísa Michel foi deista, e Torquemada foi atheu. Os homens e as patrias valem, pois, mais ou menos, conforme o seu grau de religião, quer dizer, o grau de fraternidade, o grau de amor.

A patria mais perfeita será a mais local, pelo amor á gleba, a mais universal, pelo amor ao mundo.

O meu amor á patria começa nas amizades do meu corpo ao ar que respiro, á agua que bebo, ao pão que me alimenta, ao fruto que desejo, á flôr que me embalsama, á luz que me deslumbra. Depois vem o amor á minha casa; desde os avós aos netos, dos berços aos sepulcros. Depois a minha aldeia,—choupanas e cavadores, a igreja de Deus ao centro e o cemitério ao lado. Depois o amor á provincia, á região, á pátria toda,—aos mortos, aos vivos e aos vindouros.

Mas a chama do meu amor espiritual beijará com mais devoção os que mais enobreceram a pátria, isto é, os que mais honraram a humanidade.

Portugal é uma pátria esplendida, porque é a mãe divina do Condestavel, a mãe do Infante-descobridor e do Infante-martir, de Nuno Gonçalves e de Fernão Lopes, de Bartholomeu Dias e de D. João II, de Gama e de Camões, de S. Francisco Xavier e de Alvares Cabral, de D. João de Castro e de Albuquerque, de Fernando de Magalhães e de Gil Vicente, de Soror Mariana e de Bernardin Ribeiro, de Miguel de Almada e de Pombal, de Fernandes Thomaz e de Mousinho, de Herculano e de Sá Nogueira, de Passos Manuel e Garret, de Camillo e de Antero, de José Falcão e João de Deus.

E, acima de tudo, ela é a mãe do Povo portuguez, do povo de Aljubarrota, das Descobertas, de Montes Claros, do Bussaco, da Terceira, da Rotunda, criador imortal de heroes anonimos, e de santos plebeus e pobresinhos—que guardam ovelhas, semeiam serras, dormem nos eirados e falam com os anjos; do povo candido e cristão, amoroso, meigo, melancolico, impregnado de Deus e de natureza, e tão abismado em sonhos e saudades, que deixando gerar a alma n'uma frauta, é o maior lírico do mundo, o maior poeta de Portugal.

Eis o povo que fez nas terras de Santa Cruz a Patria irmã.

O Brazil não chegou a ser uma colonia. Foi logo nação, foi logo patria: a nova Patria portugueza, com novos heroes e descobridores, com novos santos e novos Orpheus, novas enxadas e novas liras.

O Brazil em 1645 ergue-se grande como Portugal em 1640, e a mesma fé que nos conduz á revolução em 20, o arrasta á independencia em 1822. Abraçou-nos o mesmo ideal, ardemos na mesma chama. Fernandes Thomaz e José Bonifacio, em vez de inimigos, eram irmãos. As nossas patrias desligaram-se para melhor se casarem. Desuniram os corpos, para estreitarem as almas.

O amor cresceu em beleza, porque aumentou em liberdade. Vivendo tão livres e distantes, fraternizamos hoje como nunca. Na gloria e no sonho, nos ais e nos beijos, no riso e na dor. Amando-nos atravez das ondas, vencemos o espaço. Amando-nos atravez da historia, vencemos o tempo, que já foi. E, com a immortalidade do nosso amor, venceremos a morte no porvir.

Quando Portugal, honrando duas alianças, a aliança humana e a aliança ingleza, entra na falange das nações heroicas que se batem pela causa augusta do Direito immortal e da Justiça eterna, sente-se forte, ovante, esplendoroso, porque leva na alma, hostia sagrada,—a alma bemdita do Brazil.

Exaltemos em coro imenso a Patria-irmã. aclamando Olavo Bilac, o seu grande poeta. Eu, beijando-lhe a frente, beijo o Brazil no coração.

A conferencia de Olavo Bilac no theatro da Republica em 3 de abril de 1916

Olavo Bilac começou agradecendo a brilhante assistencia dos ouvintes. E disse :

«Fallar do Brazil é ainda fallar de Portugal, é fallar mais de vós do que de mim. Sois o Brazil, porque sois o passado do Brazil, e o vosso futuro é o futuro da grande nação que creastes. Todos morrem, tudo morre na terra, e as nações envelhecem e passam como os homens. Mas a suprema consolação da velhice e a unica maneira de combater o aniquilamento é a resurreição da propria vontade e da propria gloria na vontade e na gloria dos filhos. Permitti-me, pois, que eu vos falle do Brazil, porque, glorificando o Brazil, sou apenas o servidor da glorificação de Portugal.»

Olavo Bilac applaude o projecto da criação de uma cadeira de estudos brasileiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, iniciativa apoiada pelo snr. Presidente da Republica, e diz que a sua conferencia seria o esboço da primeira lição, ou melhor, o esboço do poema que um dia será escripto sobre o Brazil :

«Direis, com um natural orgulho, que já não esperaes a epopéa definitiva da vossa nacionalidade, porque já tendes «Os Luziadas». Mas «Os Luziadas» requerem o seu complemento. O poema de Camões é a epopéa da expansão e da conquista, formidavel e fulgurante monumento que eternisa o auge da vossa força e do vosso genio, a arrancada gloriosa da raça no apogeu do seu viço, a invenção de novas estradas e de novas riquezas arranca-das do seio do misterio. Camões immortalisou esse esforço sobrehumano querendo crear um imperio universal. Mas nem o infante D. Henrique no seu asceterio de Sagres, nem Vasco da Gama dominando os mares desconhecidos, nem Camões cristalizando em versos de ouro o suor, o sangue e as lagrimas dos conquistadores, nem Pedro Alvares Cabral ao avistar a verdura ridente do Monte Paschoal, poderiam imaginar o que nasceria d'aquelle prodigioso conjuncto de heroismo e de tenacidade, de genio e de dedicação, de força e esperança. O dominio dos mares, os thesouros da Asia e o fulgor do imperio universal desapareceram com o tempo...

«Mas o que ficou foi isto, que é incomparavelmente superior áquillo que se poderia imaginar : uma patria nova e immensa, — tão grande, que ainda não

foi toda em 400 annos viajada, dentro da faixa de mais de mil leguas do seu littoral, — e hoje habitada por mais de vinte milhões, e um dia habitada por 100 milhões ou mais de 100 milhões de homens, fallando a mesma lingua com que no promontorio sagrado o infante D. Henrique invectivava as aguas e as trevas misteriosas do mar, a mesma lingua com que Vasco da Gama agradecia a Deus a boa fortuna dos ventos e das monções, a mesma lingua com que Camões bemdizia o seu berço, e a mesma lingua com que Pero Vaz de Caminha, a bordo da capitanea de Cabral, escrevia a certidão de baptismo e o registo civil do mundo que nascia. . . Esta criação de vossa raça, este verdadeiro milagre exige um poema, que será a continuação e o remate dos *Luziadas*. Já vos disse que este poema só será feito de aqui a alguns seculos. Os grandes poetas super-creadores da beleza só aparecem de séculos em séculos. Cada nacionalidade, cada civilização, cada ciclo da vida humana tem sómente um poeta maximo, um só, que é alimentado e engrandecido pelo concurso de todos os poetas menores do seu tempo, assim como os grandes rios são nutridos e engrossados pelos ribeiros e arroios tributarios. Esses Homeros ciclicos e formidaveis, como Dante e Camões, não se fazem por acaso: nascem da suprema gloria ou do supremo sofrimento de uma fase historica. O Brasil terá o seu grande poeta e o seu poema definitivo, quando tiver o seu fastigio nacional. De aqui a cem annos, de aqui a duzentos ou trezentos annos — quem sabe? — o genio de Camões será reincarnado no outro lado do Atlantico!»

Olavo Bilac, durante meia hora, faz a sintese da história do Brasil, e, recitando muitos versos seus, acentúa as principais fases desta história, — a descoberta da terra, a primeira missa, as primeiras explorações do território, a fundação das capitancias, a criação das primeiras cidades, as guerras com os indios, com a Holanda, com a França. Narrando o longo esforço dos bandeirantes e dos missionários, declama trechos do seu *Caçador de Esmeraldas* e versos sobre as Missões. Depois, ainda illustrando a sua conferencia com a recitação de poesias, fala da perpetuidade da lingua portugueza no Brazil, da musica e da poesia popular, das tradições e das lendas, da ardente imaginação brasileira.

«Mas, senhores, aquella immensa nação não é ainda o verdadeiro e perfeito Brazil. Quatro seculos não bastaram. . . Se o nosso poema ainda não foi feito e não póde ser feito, é porque a substancia ainda se elabora e o thema ainda se delinea. Possuimos um patrimonio de mais de oito milhões de metros quadrados de territorio. Menos de 30 milhões de homens povoam aquella immensidade de terras; e aquelle prodigioso campo de trabalho e de felicidade reclama 100 milhões de corpos, 100 milhões de almas, 100 milhões de energias.

«Para encher e animar aquele infinito de léguas, aportarão, como aportaram e estão aportando, densas levas de homens de outros climas e de outras raças, conduzindo outras religiões, outras tradições, outras linguas, outros costumes: é a invasão de uma patria por outras patrias, — porque cada emigrante leva a sua patria, levando o seu idioma e o seu deus. Dessa incursão de forças forasteiras, dessa mistura de energias desconhecidas, dessa vaga e indefinida confusão de ideais, — forma-se o universo, que roda e tumultua em turbilhões no seio do Brazil. E' preciso fundir num corpo homogeneo todos esses elementos diversos. Não queremos operar um milagre impossivel, transformando em brasileiros esses homens estranhos, porque o seu patriotismo,

tão sagrado como o nosso, deve ser intangível. Mas queremos que os filhos desses estranhos sejam nossos!

«Abrimos o Brazil a todo o mundo; mas queremos que o Brazil seja o Brazil! Queremos conservar a nossa raça, o nosso nome, a nossa historia, a cultura latina em que nascemos e em que nos criámos, e, principalmente, a nossa lingua, sacrario inviolavel, que é o nosso sangue, a nossa alma e a nossa religião!»

O orador explica os pontos do programma da campanha nacionalista que todos os bons brasileiros estão emprehendendo. Declara:

«Sou amigo da paz, mas inimigo da fraqueza e da inercia, que levam á miseria; sou amigo da liberdade, mas inimigo da desordem e da licença, que conduzem á escravidão. Os que estamos, no Brazil, defendendo a necessidade da disciplina militar, somos pacifistas; mas não temos sobre os olhos a venda enganadora, que tapa a vista dos utopistas. O espectáculo da tragedia formidavel, que se está representando na Europa, deve desenfitejar os ultimos sonhadores sinceros.»

E exclama: «Para as patrias pequenas ou fracas, a unica salvação é um patriotismo grande e forte; e este patriotismo, é o nacionalismo bem comprehendido, que é a defeza natural do organismo social.»

Em seguida, o snr. Olavo Bilac diz, apontando o snr. Guerra Junqueiro: «Felizmente hoje, senhores, n'esta noite inolvidavel da minha vida, o meu patriotismo é aqui secundado e justificado pelo patriotismo do mais forte patriota de Portugal, principe dos poetas da peninsula, maravilhoso rebento da sagrada arvore latina, — Guerra Junqueiro. Este extraordinario poeta, aureolado pela velhice e pela gloria, sempre foi grande, e é grande, e será grande, pelo profundo nacionalismo que inflamma o seu estro, dando sangue e alma, côr e perfume, luz e vibração, força e graça aos versos que o immortalizam. Guerra Junqueiro sentiu-se portuguez, quando se sentiu homem; e sentiu-se portuguez, quando se sentiu poeta; e, se tem genio, é porque é da sua terra e da sua gente! Não ha genio, sem bondade, sem sofrimento, sem justiça, sem misericordia; e toda a bondade, todo o sofrimento, toda a justiça, toda a misericordia dos grandes homens, nascem do incomparavel amor que eles devotam á sua patria e á sua raça. A vida deste homem é uma suprema e divina lição a todos os poetas. A poesia, a verdadeira poesia, não pode ser um recreio efemero dos sentidos, uma simples satisfação da vaidade, um agrado do espirito: deve ser, para ser bela e fecunda, um instrumento da Beleza e da Verdade, um incentivo e um consolo para todas as almas, fonte de bens morais para a comunhão, impulso e direcção para a perfeição humana. Portuguezes, amae e abençoaes este homem, esta privilegiada creatura de Portugal, que foi um dos maiores creadores da vossa felicidade e do vosso orgulho!»

E, perorando, o conferente diz, dirigindo-se a toda a assistencia:

«Portuguezes, acompanhae, com o vosso cuidado e o vosso carinho, o trabalho de nacionalisação, de defeza physica e moral, que ora emprehendemos no Brazil! O premio d'esta campanha não será sómente conquistado por nós: será vosso tambem. Não vos preocupeis unicamente com o commercio e com o «cambio» do Brazil. Lá, n'aquelle campo, em que labutam tantos filhos de Portugal e tantos filhos e netos de portuguezes, ha actualmente, sobre a actividade commercial, uma outra actividade mais nobre e mais sagra-

da, uma rude batalha, em que se jogam todos os interesses vitaes da nossa patria e da nossa raça. Batei-vos, comnosco, ao nosso lado! Porque, se nos batemos pela nossa vida e pela nossa honra, tambem nos batemos pelo vosso nome e pela vossa gloria. E venceremos! D'aqui a cem annos, cem milhões de brasileiros abençoarão o nosso esforço, e cada um d'esses brasileiros dirá á patria, como eu hoje a digo, a oração fervorosa do seu amor e da sua fé, articulada na suave e poderosa lingua portugueza!»

Ao concluir, a assistencia victoriou o grande poeta e acclamou o Brazil. A orchestra executou o Hymno Brasileiro e «A Portugueza».

*
* *

Discurso do sr. Coelho de Carvalho

PRESIDENTE DA SEGUNDA CLASSE DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA
NA RECEPÇÃO A OLAVO BILAC

Por não ter chegado a tempo, não publicámos no lugar devido o bello discurso do eminente academico Coelho de Carvalho, que a «*Atlantida*» no entanto não quer deixar de transcrever na integra.

Jubila a segunda classe da Academia por contar hoje entre os socios presentes a esta sessão o seu illustre consocio sr. Olavo Bilac, o altissimo poeta brasileiro.

O sr. Henrique de Hollanda, distincto funcionario do consulado do Brazil, e meu amigo, dissera-me que o sr. Olavo Bilac chegaria a Lisboa no dia 26 do corrente, tencionando retirar-se para o Rio de Janeiro no dia 2 do proximo Abril; e, como nenhum dos dias da estada de sua ex.^a em Lisboa fosse de sessão ordinaria da Academia, eu convoquei a segunda classe a esta reunião extraordinaria, para que o grande escriptor brasileiro, que tanto tem opulentado a litteratura portugueza com a sua obra gloriosa de poeta e de prosador, podesse dar-nos a honra de vir pessoalmente tomar aqui o seu lugar de socio da Academia das Sciencias de Lisboa.

Disse que a obra gloriosa do escriptor brasileiro tem opulentado a litteratura portugueza, e julgo ter dito uma verdade porque, para mim, litteratura portugueza e litteratura brasileira não são duas litteraturas differentes e diversas, são uma só litteratura, — a portugueza. A linguagem em que escreveram Camões e Vieira, Herculano e Garrett e em que escrevem Guerra Junqueiro, o poeta maximo, e Alberto de Oliveira, o elegantissimo prosador, nosso consocio illustre, é aquella em que escreveram Gonçalves Dias, Araujo Portalegre e Machado de Assis e em que hoje escrevem Ruy Barbosa e Olavo Bilac.

A syntaxe é a mesma; e a resonancia geral da lingua nas obras primaciaes, como ainda nas menores dos escriptores de uma e d'outra nacionalidade, a mesma é. E em todas as obras escriptas por brasileiros e por portuguezes, quando são feitas com probidade, isto é, limpas da preocupação doentia de pastichar (que o galicismo passe) litteraturas estranhas, ha o mesmo fundo de sentimentalidade em que o misterio da Unidade se sente viver, a unidade de espirito de uma raça, a individualidade da alma collectiva, a integral que

nas varias cerebrações de escriptores e artistas se differencia, na individualisação da obra original, sem deixar comtudo de ser ella mesma.

Serem escriptos os livros por auctor nascido no Portugal da Europa, ou por quem a luz da vida viu no Portugal da America, é só o que lhes marca a distincção nacionalista, distincção aliás meramente politica.

Distincção politica!

Com que arreigada convicção eu julgo que, embora duas nações autonomas, Portugal e o Brazil, em tão intima alliança politica deveriam existir, e mostrar-se que nas suas relações com todas outras nações, internacionalmente, não houvesse duas nações distinctas, mas uma só, — a gloriosa raça lusitana.

E esta alliança politica de duas patrias seria a unica alliança proficua e perduravel, porque, antes de existir em tratados, já a impõem a identidade da raça e a unidade da lingua; e, na paz como na guerra, portuguezes e brazileiros marchariam confiadamente unidos sem reservas e sem receios. Allianças entre nações que não sejam geminação d'uma só familia, nunca são de confiança absoluta para todos os cidadãos alliados; e d'ahi quantas reservas, quantos receios, e com quanta má vontade o povo marcha para o sacrificio quando este deve servir mais directamente os outros do que a elle!

E esta falta de confiança absoluta e esta affectiva reserva são naturaes, se a alliança não provém da raça, porque o que não está no sangue, não se devolve do coração.

E... se penso assim, bem pode o nosso illustre consocio Olavo Bilac avaliar o intimo e grande jubilo com que me desvaneço na honra de presidir a esta sessão da Academia das Sciencias de Lisboa.

Noticias & Comentarios

A GUERRA E A COLONIA PORTUGUEZA NO BRASIL

Devemos registrar aqui, com satisfação e louvor, a attitudo da colonia portugueza em todo o Brazil, e especialmente no Rio de Janeiro, em face do rompimento entre Portugal e a Allemanha.

Na capital brasileira, onde os nossos compatriotas constituem uma agglomeração que povoaria uma grande cidade, todas as antigas divergencias cessaram instantaneamente perante a indignação patriotica provocada pelos termos injuriosos da nota allemã. A Camara Portugueza de Commercio e Industria tomou então a iniciativa de convocar uma assembleia geral da colonia, ideia que recebeu o mais sympathico acolhimento e a que se associaram todas as aggremações portuguezas do Rio de Janeiro. N'essa importante reunião, que se realisou na sala de festas do *Jornal do Commercio*, sob a presidencia do sr. Justino de Montalvão, Encarregado de Negocios de Portugal, foi resolvido, sob proposta do presidente, nomear uma grande commissão *Pró-Patria*, a quem caberá a tarefa de centralizar os esforços da colonia em tudo o que diga respeito á defeza nacional, mantendo-se em contacto e cooperação intima com as nossas autoridades.

Damos a seguir dois dos mais expressivos telegrammas trocados entre a colonia do Rio e o governo portuguez.

O sr. Presidente da Republica recebeu o seguinte telegramma :

«*Rio de Janeiro, 23.* — A mesa que presidiu á grande reunião da colonia para eleger a commissão *Pró-Patria*, em cumprimento da proposta approvada por aclamação, tem a honra de comunicar a v. ex.^a, como chefe do Estado, que a colonia portugueza, ligada no mesmo sentimento de amor patrio, protesta a sua solidariedade na defeza da dignidade nacional, certa de que mais uma vez Portugal saberá honrar as suas tradicções historicas. — (aa.) Justino de Montalvão, encarregado dos negocios de Portugal; dr. Pedroso Rodrigues, consul geral interino de Portugal; Humberto Taborda, vice-presidente em exercicio da Camara Portugueza de Commercio e Industria; Comendador José Antonio da Silva, vice-presidente em exercicio do Real Gabinete Portuguez de Leitura; José Ribeiro Ferreira de Meirelles, presidente

da Real e Benemerita Caixa de Soccorros D. Pedro V; Antonio Augusto de Almeida Carvalhaes, presidente da Real e Benemerita Sociedade Portugueza de Beneficencia; José Rainho da Silva Carneiro, presidente do Real Centro da Colonia Portugueza; commendador Manuel Thiago Ferreira de Rezende, presidente da Real Associação Beneficente; condes de S. Salvador de Matosinhos e S. Cosme do Vale; Paulino Correia da Rocha, vice-presidente em exercicio do Gremio Republicano Portuguez».

O sr. ministro dos negocios estrangeiros dirigiu ao sr. Justino Montalvão o seguinte telegramma :

«Tomei conhecimento com grande satisfação dos telegrammas de V. Ex.^a sobre a attitude da colonia portugueza no actual momento. Dou inteira approvação á conducta de V. Ex.^a e recomendo-lhe que transmita publicamente á Camara Portugueza de Commercio e Industria e a todas as associações representadas na assemblela geral da colonia, os agradecimentos e louvores do governo pelas suas nobres e patrioticas resoluções».

O ORFEON DE CONDEIXA

UMA CARTA DE AFONSO LOPES VIEIRA

Meu caro João de Barros

O sr. Humberto de Avellar, nas suas palavras dedicadas ao Orfeon de Condeixa na ultima cronica musical da *Atlantida*, foi de uma piedade realmente cruel. Esse artigo penalizou-me, causando-me surpresa, porque tenho em consideração especial a sinceridade e o valor do critico, e isso me obriga a escrever estas linhas. O sr. Humberto de Avelar dispensa ao Orfeon uma piedade de que ele não necessita. E' evidente que em arte as intenções não bastam. Mas o Orfeon vale como instrumento musical, e é mesmo notabilissimo em certos efeitos conseguidos, por exemplo nos *pianissimos*.

E' certo que o primeiro concerto foi, no seu conjunto, pouco feliz. Razão para o sr. Humberto de Avelar não se habilitar a julgar por essa audição apenas. Mas essa impressão podia tê-la sobretudo quem tivesse assistido ao ensaio no teatro, na tarde de 9 de Fevereiro, e comparasse o som e o estilo obtidos no ensaio com o que á noite o publico pôde apreciar. Uma das pessoas quæ assistiu a esse ensaio e elogiou fervorosamente o Orfeon (escuso de dizer que independentemente da *intenção* que o formou) foi alguém em quem o sr. Humberto de Avelar reconhece, por certo, uma superior autoridade — o maestro Pedro Blanch. Os *pobres* cantaram em Lisboa, é verdade, e aqui devem voltar a cantar — quando dias mais calmos vierem a esta querida terra — a nossa tam bela e tam ignorada musica tradicional. Era portanto preciso que as palavras do distinto critico não ficassem pesando como um epitafio sobre um Orfeon que, representando um esforço de vontade e talento admiraveis, merecia da parte do sr. Humberto de Avelar a simpatia que, a ele como a mim, merecem as iniciativas de reconstrução nacional civilizadoras e belas.

Seu camarada, amigo e admirador

Affonso Lopes Vieira.

O CACAU PORTUGUEZ

Os progressos da cultura e conseqüente aumento de producção do cacau nos ultimos anos tendem a causar a desvalorisação do producto, cujo valor tem decrescido progressivamente, apesar do acrescimo de consumo que naturalmente tem acompanhado a baixa dos preços. E' este um facto perante o qual dois grandes paises, como o são o Brasil e Portugal, não podem ficar indifferentes.

A exportação da Costa d'Ouro tem crescido formidavelmente. Começada em 1891, com 40 kg. de cacau produzido por cacauzeiros importados por um indigena regressado de S. Tomé, foi ela de mais de 50.000 T. em 1914, tendo acrescido 24.000 T. em 1915, de modo a apresentar n'este ultimo ano a enorme cifra de 75.000 T., com tendencia a crescer ainda mais.

Por toda a região tropical africana da costa ocidental se alargam as plantações de cacau, a começar pelo nosso pequeno enclave de Cabinda, onde o mayombe se presta regularmente á sua cultura. As colonias francesas e inglesas dedicam as suas melhores atenções a esta tão apreciada cultura e ano a ano vão sendo alargados os seus campos de cacauzeiros.

O ultimo relatório do Colonial Office britânico, diz-nos que nos Arhantes, a exportação em 1914 foi de 11.660 toneladas, isto é, mais 35 % do que no ano anterior, apesar das dificuldades e prejuizos causados pelos processos de transporte, á cabeça dos carregadores. O «Manchester Guardian» de 17, ultimo, noticia que uma primeira remessa de 400 toneladas, proveniente dos Camarões, ex-colônia allemã, acabava de chegar a Inglaterra, sendo a colheita dez vezes maior. Na Costa do Marfim, a administração francesa auxilia fortemente, segundo diz a «Dèpêche Coloniale» a plantação das arvores de cacau, e sobretudo o seu desenvolvimento entre os indigenas, devendo este ano exportar 300 toneladas.

E além d'estes novos centros de cultura, as antigas regiões produtoras procuram tanto quanto dentro dos seus recursos podem, aumentar o seu rendimento e entre elas avulta o Brasil, que, dentro dos ultimos dez anos, mais que duplicou a sua producção.

Para todos os paises interessados no mercado do cacau, é este assunto de capital importancia, precisando portanto ser por eles considerado em todos os seus detalhes.

No Brasil como em Lisboa, a venda do cacau é feita nos diversos mercados, sem qualquer interferencia do produtor, que se vê obrigado a aceitar os preços que a especulação fixa nos grandes mercados do mundo. No Brasil como em Lisboa, o produto exportado torna mais tarde a reentrar no país, já manufacturado e por alto preço. E sendo assim porque não hão de Portugal e o Brasil defender os seus interesses por um entendimento franco e sincero?

No porto franco de Lisboa facil e possível é o estabelecer um centro de venda do cacau, comercialmente vantajoso pela sua posição geografica, e que poderá ser tomado de primordial importancia desde que seja convenientemente equipado e lhe seja dado um regulamento d'onde sejam excluidos a preguiça e o empate da burocracia antiga e pouco amiga do progresso.

Mas para que os dois paises cheguem a uma revolução efectiva e conve-

niente, é necessario que os interessados se entendam e para isso preciso se torna uma iniciativa que a ambos seja agradavel e faça presupor uma possível concordancia, sempre difficil de obter quando haja interesses em jogo. Ao nosso commercio da Bahia compete de direito essa iniciativa, e oxalá ele a queira empregar para beneficiar as agriculturas dos dois paises.

A ALEGRIA, A GRAÇA E A DOR

O nosso colaborador Leonardo Coimbra vae publicar breve, com este titulo, um livro de estudos philosophicos, em que o seu belo espirito de pensador se revela sob uma forma admiravelmente literaria.

«REVISTA DO BRASIL»

Recebemos esta magnifica publicação, editada em S. Paulo, e dirigida por alguns dos nomes mais illustres da mentalidade paulista, como o grande poeta Amadeu Amaral, e o nosso querido amigo e illustre escritor Ricardo Severo. A *Revista do Brasil* apresenta-se com raro brilho de colaboração e com verdadeira elegancia material. N'um dos proximos numeros nos referiremos a ella mais de espaço, querendo hoje apenas significar-lhe, com a nossa sincera aspiração de boa e leal camaradagem, os mais rendidos agradecimentos pelas amaveis palavras com que recebeu a *Atlantida*.

MEMORANDUM DO ELECTRICISTA

Recebemos esta interessante publicação, que não temos duvida em recomendar a todos os que se dedicam ao estudo de electricidade e mecanica. Contem o trabalho de Daniel Marques, seu autor, bastantes schemas de instalações de motores, telefonia, etc., etc.

«CORAÇÕES DE MULHERES»

Continuaremos no proximo numero a publicação da admiravel novella de Garcia Redondo. A' ultima hora, com a «*Atlantida*» já na máquina, tivemos de mandar inutilisar a folha respectiva, por causa d'um erro de numeração, que não podia ser emendado a tempo. Ao illustre Mestre e querido colaborador as nossas desculpas pelo involuntario incidente.

ATLANTIDA

No proximo numero publicaremos prosa e verso de Garcia Redondo, dr. Alfredo Bensaúde, Julio Dantas, Lopes de Mendonça, Augusto Gil, etc.; e uma *reprodução a côres* d'um admiravel quadro de Sousa Pinto, adquirido pelo «Museu d'Arte Contemporanea», ha pouco inaugurado pelo Presidente da Republica e com a presença de Olavo Bilac, e cujas magnificas, sobrias e elegantes instalações se devem á direcção do nosso genial Columbano.

ERRATA

No estudo do economista sr. Campos Pereira, publicado no ultimo numero da *Atlantida* «O custo da guerra perante a fortuna dos paizes beligerantes», deixou a revisão passar alguns erros: e bem que todos eles sejam de facil correcção por parte do leitor, convirá entretanto resalvar os seguintes, por serem de ordem numerica:

a pag. 442, onde se lê	45:000,	deve ler-se	52:000
» » » » » »	945:500,	» »	953:500

ATLANTIDA

Acabam de ser postas á venda as luxuosas capas desenhadas pelo nosso illustre colaborador **RAUL LINO**.

Cada capa	\$ 30
» » (pelo correio)	\$ 32
» encadernação	\$ 50
» » (com porte de correio)	\$ 56

Pedidos á nossa administração:

Largo do Conde Barão, 49 — LISBOA
e Avenida Rio Branco, 128 — RIO DE JANEIRO

NOTA:— A fim de evitar as despesas de cobrança, lembramos a conveniencia de fazer acompanhar os pedidos de capas ou encadernações da respectiva importancia.

SUMARIO DO NUMERO 5

<i>João de Deus</i>	Guerra Junqueiro
<i>Convenção litteraria entre Portugal e Brazil</i>	Mattos Cid
<i>O Carnaval no Rio</i>	Celso Vieira
<i>Crepusculo na Matta</i>	Olavo Bilac
<i>Caminho da Raça</i>	Augusto Casimiro
<i>Corações de Mulher</i>	Garcia Redondo
<i>O custo da Guerra nos paizes beligerantes</i>	Campos Pereira
<i>A função Social do Poeta</i>	Jonatas Serrano
<i>O Poema do Instinto (Os Profetas)</i>	Severiano de Rezende
<i>A Fabula do Homem</i>	João de Deus Ramos
<i>A Favor da Morte</i>	Leonardo Coimbra
<i>O Povo São</i>	Antero de Figueiredo
<i>Innocencia</i>	{Rodrigues Barbosa {Roberto Gomes

REVISTA DO MEZ

<i>O mez litterario</i>	J. Manso
<i>Chronica musical</i>	Humberto d'Avellar
<i>Os Theatros em Lisboa</i>	Avelino d'Almeida
<i>Notas do tempo e fóra do tempo</i>	Joaquim Manso
<i>Banquete de homenagem a Olavo Bilac</i>	Redacção
<i>Relatorio do Vice-Consul Portuguez em S. Paulo</i>	Vieira de Mello

NOTICIAS & COMENTARIOS

Reproduções de Sanches Coelho, Pinto do Couto e Costa Motta.
Desenhos de João de Deus e Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro.

CAXAMBÚ

A SOBERANA DAS AGUAS DE MEZA

